RB 198594

Presented to the

LIBRARY *of the*

UNIVERSITY OF TORONTO

by

Professor

Ralph G. Stanton

2 vols.
300.

Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Ottawa

http://www.archive.org/details/osegredorevelado13barr

O SEGREDO REVELADO

OU

MANIFESTAÇÃO DO SYSTEMA

DOS

PEDREIROS-LIVRES,

E ILLUMINADOS,

E sua influencia na fatal Revolução Franceza,

OBRA EXTRAHIDA

Das memorias para a Historia do Jacobinismo do Abbade Barruel, e publicada em Portuguez para confusão dos Impios, e cautéla dos verdadeiros amigos da Religião, e da Patria.

POR

JOSE' AGOSTINHO DE MACEDO,
PRESBYTERO SECULAR.

PARTE I.

Segunda Edição.

LISBOA,
NA IMPRESSÃO DE ALCOBIA.
Anno 1810.
Com licença da Meza do Desembargo do Paço.

Vende-se na Loja de Desiderio Marques Leão no largo do Calhariz N. 12.

Circumveniamus ergo justum , quoniam inutilis est nobis , et contrarius est operibus nostris , et improperat nobis peccata legis , et deffamat in nos peccata disciplinæ nostræ.

Sapient. C. 2. v. 12.

Façamos pois cahir o justo nos nossos laços , por quanto nos he inutil , e he contrario ás nossas obras , e nos lança em rosto as transgressões da lei , e contra a nossa reputação pública as faltas do nosso procedimento.

Sabed. C. 2. v. 12.

RESPEITAVEIS CONCIDADÃOS PORTUGUEZES.

COm o maior acatamento ouso consagrar ao vosso patriotismo esta producçaõ litteraria de hum engenho atilado, e indagador, amigo da sua Patria. Digna he sem dúvida da vossa attenção, e acolhimento, pela sua importancia, que he tanto mais inextimavel, quanto mais nos previne contra os inimigos da Patria.

Tira das trévas á luz do dia a nefanda conjuração dos Jacobinos. Exhibe os documentos originaes, que lhes foraõ aprehendidos nos seus archivos, revela os seus mysterios, patentea os seus sys-

temas, os seus authores, e os seus votos. E das confissões, e depoimentos destes mesmos conjurados, e dos seus proprios escriptos (que o Author lêo, e verificou) abastecemos de provas individuaes, e irrefragaveis, que o fim desta execranda Seita, flagello da Humanidade, era, e he anniquilar toda, e qualquer Religiaõ, (principalmente o Christianismo) derrubar os Thronos, e acabar as Sociedades civís. Estes saõ os votos formaes dos motores invisiveis das calamidades geraes da Europa.

E quaes saõ os vossos, Conci-

dadãos Portuguezes? Oppôr á impiedade o zelo da vossa Religiaõ. Á Rebelliaõ, e Anarchia o amor, respeito, obediencia, e fidelidade a hum poder legitimo, como deveres os mais indispensaveis dos Vassallos para com os Soberanos; e a observancia das Leis, paz, amizade, e boa harmonia entre vós como o unico manancial da ordem, e segurança do Estado.

E naõ os cumprís vós inviolavelmente, quando vos prestaes a sacrificios voluntarios das vossas riquezas, da vossa fortuna, de todos os vossos interesses particula-

res, e até das vossas proprias vidas? Sim: vós tendes mostrado á Europa toda, ao mundo inteiro que, se estes malvados tem derrubado tantos Altares, quebrado, ou dividido em pedaços tantos Sceptros, acabado tantas Constituições, subjugado tantas Nações, opunhalado, envenenado, e humilhado tantos Potentados debaixo do jugo de huma escravidão chamada paz, ou de huma escravidão ainda mais infame chamada alliança, vós com o maior denodo desagravastes o vosso Deos, e restaurastes as vossas Leis, e o vosso Sceptro. De-

balde intentárão entrelaçar-vos nos seus insidiciosos laços, vós sois Portuguezes, e isto sobeja.

A vista pois de tão alentados, e heroicos esforços ficão bem patentes os vossos sentimentos a respeito desta Seita execranda; e nem eu posso duvidar da vossa protecção. Infelizmente tendes experimentado os effeitos ruinosos das suas conspirações, não era justo que ignorasseis os seus planos. Pertendeis afastalos dos vossos limites, releva hum conhecimento individual da gravidade dos seus attentados. Estes são os motivos da minha ou-

sadia, e eis-aqui apadrinhada a minha offerta. Dignai-vos por tanto acolhela debaixo dos vossos auspicios, e ficaõ satisfeitos os meus desejos.

O Ceo eternize a prosperidade do nosso Paiz, e defenda a nossa causa, baldando os terriveis projectos dos Sofistas da Impiedade, e da Rebelliaõ.

Reverente vos sauda

Leal Cidadaõ.

PREFACIO.

CHamarei Jacobino, no decurso desta Obra, a todo o homem iniciado nessa igualdade, e liberdades desorganizadoras, que produzírão todas as maldades, e todos os desastres da Revolução Franceza.

Pelo estudo da historia secreta destes homens, dos seus Chefes, dos seus profundos adeptos, se deixa ver, que a sua Seita he menos odiosa pelas maldades que já commetteo, do que temivel pela immensidade, e universalidade das que ainda hoje medita. A Europa toda estremeceo com a sorte da França, e desgraçadamente já sabe a que a espera, se prevalecer o Jacobinismo. Por tanto exporei ao dia as tres conspirações, as tres Seitas, de que os Jacobinos não são mais do que hum funesto resultado, arrancando-as das trévas profundas, em que elles as tem

tido sepultadas. Para manifestar estas Seitas, e estas Conspirações seguirei absolutamente a mesma ordem, que ellas seguirão na sua formação.

I. Conspiração dos Sofistas da Impiedade contra o Deos do Christianismo, contra toda a Religião Christã sem excepção, sem distincção da Protestante, ou da Catholica, da Anglicana, ou da Presbyteriana, contra todos os Altares de Genebra, de Londres, de Amsterdam, assim como contra todos os de París, ou de Roma.

II. Conspiração dos Sofistas da Impiedade, e da Rebellião contra todos os Reis.

III. Conspiração dos Sofistas da Impiedade, e da Anarquia contra toda a Religião, e contra todo o Governo, sem excepção ainda mesmo das Republicas, e contra toda a Sociedade civil, e toda, e qualquer propriedade.

A primeira destas Conspirações foi a dos homens chamados Filosofos. A segunda a dos Filosofos reu-

nidos ás primeiras Lojas dos Pedreiros-Livres. A terceira a dos Filosofos, e dos primeiros Pedreiros-Livres reunidos aos Illuminados. Da associação dos Filosofos, dos primeiros Pedreiros-Livres, e Illuminados se formárão os Jacobinos.

Pela demonstração de como esta associação das tres Seitas, com o nome de Jacobinos, continúa, propaga, e perpetúa as tres Conspirações, mostraremos aos nossos Leitores, e ao mundo todo, que o unico fim, a que nos propomos com a publicação desta Obra, he bradar aos Póvos: Se o Jacobinismo triunfa, acabou-se a vossa Religião, as vossas Leis, as vossas Propriedades, todo o Governo, toda a Sociedade. As vossas riquezas, os vossos campos, as vossas casas, as mesmas vossas choupanas, os mesmos vossos filhos, tudo cessa de ser vosso. Pensastes que a revolução dos Jacobinos terminaria na França, e a revolução mesmo na França não foi mais do que hum primeiro ensaio dos Jaco-

binos, e os votos, os juramentos, as Conspirações do Jacobinismo estendem-se pela Inglaterra, Alemanha, Italia, Hespanha, e (oh mágoa!) pelo nosso territorio; em huma palavra por todas as Nações, bem como pela França.

Sei que são necessarias provas, quando se denuncía aos Póvos machinações desta natureza, e desta importancia; porém são tantas, e tão relevantes, que sobejará dizer, o seu Compilador (de que nós as transcrevemos) engrossou quatro volumes em oitavo, e recolheo-as dos Archivos dos Conjurados, e dos monumentos os mais authenticos.

Pelo que, por não offender a economia do tempo, e do cabedal, fallaremos com brevidade (mas sem faltar á clareza) do objecto, dos meios, dos progressos, dos Adeptos, e associação das Seitas conjuradas; oque facilmente se conseguirá, repartindo este mesmo resumo em pequenos folhetos mensaes, e de hum preço muito commodo. Co-

meça por aquella Seita de homens, que se arrogárão o nome de Filosofos, a que eu chamarei com muito mais justiça = Sofistas da Impiedade.

INDICE DAS MATERIAS.

PRIMEIRA PARTE.

Conspiraçaõ dos Sofistas da Impiedade contra o Christianismo.

SEGUNDA PARTE.

Conspiraçaõ dos Sofistas da Rebelliaõ contra os Reis, e das diversas especies de Pedreiros Livres, segredos, e machinações das suas primeiras Lojas.

TERCEIRA PARTE.

Conspiraçaõ dos Sofistas da Impiedade, e da Anarchia. Seita dos Illuminados.

QUARTA PARTE.

Historia dos Illuminados, primeira, segunda, e terceira época.

QUINTA PARTE.

Quarta época. Chegada dos Illuminados á França; os Jacobinos formados pela associaçaõ dos Conjurados contra o Altar, contra o Throno, e contra a Sociedade. Revoluçaõ Franceza.

SEXTA PARTE.

Peças justificativas de toda a Obra.

Fim do Indice.

O SEGREDO REVELADO

OU

MANIFESTAÇÃO DO SYSTEMA

DOS

PEDREIROS LIVRES,

E ILLUMINADOS.

PRIMEIRA PARTE.

Conspiração contra o Christianismo.

QUasi no meio do Seculo XVIII. apparecêrão tres homens todos tres inimigos implacaveis do Christianismo; Voltaire, D'Alembert, e Frederico II. Rei da Prussia. Voltaire abominava a Religião, porque rivalisava o seu Author, e todos a-

Primeiros Authores da Conspiração anti-christã.

quelles , que ella tem glorificado ; d'Alembert , porque tendo hum coração por natureza frio , nada podia amar ; Frederico , porque nunca a conhecêra senão pelos seus inimigos.

Além destes tres homens temos Diderot , que detestava a Religião , porque era louco de natureza , porque enthusiasmado pelo cáos das suas idéas amava antes edificar-se de chimeras , e forjar mysterios a seu sabor , do que sujeitar a sua fé ao Deos do Evangelho.

Grande número de adeptos forão arrastados para esta Conspiração ; porém a maior parte , ou entrárão como admiradores estupidos , ou como agentes secundarios. Voltaire foi o Chefe ; d'Alembert o Agente mais astucioso ; Frederico o Protector , e quasi sempre o Conselheiro ; Diderot o menino perdido.

Voltaire. O primeiro , Francisco Aronet de Voltaire , nasceo em París aos 20 de Janeiro de 1694. Nenhum ho-

mem foi dotado de tantos talentos, mas nenhum annunciou tão depressa o deploravel uso, que delles faria para o futuro. Ainda era simples estudante, e já tinha merecido que o Jesuita Jay, seu Professor, lhe dissesse: *infeliz, tu serás o Porta-Estandarte da Impiedade.* Dentro de pouco tempo os seus escriptos licenciosos annunciárão as suas disposições, para se verificar a profecia. Estreitado a procurar hum asylo fóra da sua patria refugiou-se em Inglaterra: alli achou homens, que se dizião, como elle, Filosofos, porque tambem abundavão de igual impiedade, encorporou-se com elles, e o seu odio contra Jesu Christo se fortificou de todos os seus sofismas. Se damos crédito a Condorcet, desde então fez juramento de lançar por terra a Religião, e sustentou a palavra = *desde então estava enfastiado de ouvir repetir, que doze homens sobejárão para fundar o Christianismo, e desejava provar-*

lhes que basta hum só para a destruir. = Tão seguro estava de conseguir o effeito deste seu execrando desejo, que voltando para París, e dizendo-lhe certo dia M. Herault, Intendente da Policia = debalde escreveis, porque nunca destruireis a Religião Christã = não hesitou de lhe responder = isto he o que nós havemos de ver. =

Todavia este homem, tão resolvido a acabar o Christianismo, não deixava de praticar actos de Christão, todas as vezes que o seu interesse parecia requere-lo. Por espaço de certo tempo fingio-se penitente, frequentou as Igrejas, assistio aos Sermões, e batia no peito com todo o ar de compunção religiosa. Tinha neste tempo hum irmão muito rico, mas zeloso Jansenista, e que dizia em alta voz, que não queria deixar os seus bens a hum ímpio. Este irmão estava enfermo, e com poucas esperanças de vida. Julgava que Voltaire estava convertido, e o fez seu herdeiro: Voltaire arrecadou

a herança, e logo appareceo ímpio como antes. Nos mesmos dias da sua impiedade, e da sua conspiração mais aberta contra Jesu Christo, para illudir algumas almas simplices, e divertindo-se em ser hum sacrilego atroz, vinha nos dias prescriptos apresentar-se á Sagrada Meza da Communhão, e depois não se envergonhava de escrever aos seus confidentes: = Tenho 67 annos, vou á Missa, edifico o meu povo, fundo huma Igreja; commungo .... ora pois, pedantes, que tendes que me dizer? Chamai-me hypocrita quanto quizerdes, eu hei de commungar pela Paschoa.... (Carta de 14 de Janeiro de 1761.) = *Eis-aqui o que Voltaire escrevia aos seus confidentes; e quando estes mesmos Impios lhes lançavão em rosto este sacrilegio, respondia-lhes:* = *O que eu fiz este anno, já o tenho feito muitas vezes, e se Deos quizer, hei de continuar a faze-lo.* = Deste modo se achavão reunidos em Voltaire duas

grandes qualidades de hum conjurado anti-religioso, o mais implacavel odio a Jesu Christo, e a mais laxa hypocrisia.

D'Alembert.

D'Alembert, o segundo dos conjurados anti-christãos, nasceo de hum incesto. Não se sabe com certeza quem fôra seu pai, mas sabe-se que sua mãi fôra a Dama de Tencin, religiosa apostata. Na noite do seu nascimento foi exposto no limiar da porta de huma pequena Igreja de París, chamada = S. João o Redondo = donde se derivou o nome, porque foi conhecido em toda a sua mocidade. Educado pelos disvélos, e caridade da Igreja, mordeo os peitos de sua ama, logo que a pôde conhecer. Grangeou grande reputação na Geometria; porém em tudo o mais os seus talentos erão inferiores aos mediocres. Teve a infelicidade de conhecer Voltaire; não o igualou, nem foi seu émulo senão no odio contra o Christianismo; não teve, nem o seu genio, nem a sua

animosidade, porém foi mais astucioso. Voltaire póde considerar-se de algum modo como o Agamemnon dos Impios, e D'Alembert como o seu Ulysses. Se a comparação he muito nobre, podemos contentar-nos com a da raposa.

Atrevido, fogoso, colérico, impetuoso, Voltaire „ quereria morrer sobre hum montão de hypocritas immolados a seus pés „ estes são os seus proprios termos. D'Alembert condescendente, sagaz, dissimulado, temia ser vencido; fugia, ou se escondia, ainda mesmo ferindo, e méramente servio o seu partido com as suas intrigas, e perfidias. Nem elle, nem Diderot tinhão ainda aquella reputação, que devêrão mais á sua impiedade, do que aos seus talentos. Os Cafés públicos erão então o theatro da sua impiedade. Alli sagazmente introduzião a conversação sobre alguma materia de Religião. Diderot atacava; D'Alembert fingia defender; a objecção era for-

te, e a resposta de huma fraqueza extrema. Os ociosos misturavão-se na disputa. Diderot instando com os seus argumentos tomava hum tom de segurança, que lhe dava todo o ar da victoria, e D'Alembert acabava com huma confissão humilde, de que a sua theologia não lhe ministrava huma resposta convincente, e sahia como envergonhado de ficar vencido. Immediatamente se tornavão a unir os dois campeões; hião a outro Café, representavão a mesma scena, e fazião novos enganos. Finalmente soube a Policia deste manejo, e deo providencias para o atalhar; porém foi tarde, porque em demasia se tinha repetido, e a mocidade Parisiense já tinha recebido funestas lições.

Frederico II. O terceiro destes conjurados era aquelle Frederico II., a que os Sofistas chamárão por algum tempo o Salomão do Norte, e que o poderia ser, se menos se deixasse cegar por aquelles, que lho chamárão. Pa-

rece que neste Principe se encerravão dois homens. Hum era o Rei da Prussia, o Heróe, que, depois de ter maravilhado a Europa pelas suas victorias, se occupava na felicidade dos seus povos, e em fazer esquecer pela sabedoria do seu governo, triunfos talvez mais estrondosos do que justos. O outro era a personagem a menos conveniente á dignidade de hum Monarcha. Era o filosofo, e alliado dos Sofistas, o escriptor ímpio, o incredulo conjurado, Frederico, que nascendo com o espirito dos Celsos, e dos Profiros precisava de achar na sua Corte Tertulianos, ou Justinos capazes de defender a Religião, e todavia só nella acareou pertendidos espiritos fortes, que a calumniárão. Arruinado pelo seu Commercio, pouco contente de ser hum dos Cesares, pareceo algumas vezes preferir a sua gloria á dos Sofistas; contrahio todo o seu orgulho, as suas extravagancias; e até a sua mesma pedanteria com to-

da a instabilidade, e contradicções, que lhes erão proprias. Na sua prevenção contra a Religião Christã escrevia a Voltaire, que, se ella fosse sempre protegida na França, a ferrugem da superstição acabaria de destruir hum povo aliàs amavel, e nascido para a sociedade.

Seria mais justo, se dissesse, que este povo, aliàs amavel, no momento em que perdesse esta Religião, amedrontaria o Universo com os seus crimes. Demais, este Rei filosofo teve tambem seus caprichos, e os mesmos Sofistas o resentírão mais de huma vez. Voltaire ainda não contava muitos annos na sua Corte, e já sentia que a vida do cortezão tem tambem seus dissabores „ espreme-se a laranja „ dissera Frederico fallando do Poeta „ e lança-se fóra a casca. „ Estas palavras ferírão profundamente Voltaire, a quem o filosofo Lametrie tivera o cuidado de as repetir; o que então foi motivo de escrever a Madama Denis =

cuido só em desertar honestamente .... julgo que a laranja está espremida, he necessario pensar em salvar a casca. Eu vou fazer hum Diccionario para o uso dos Reis = Meu charo amigo = quer dizer = vós me sois mais que indifferente. = Pelas palavras = eu vos farei feliz = deveis entender = eu vos soffrerei [illegible] quanto necessitar de vós = ceia comigo esta noite = significa = eu zombarei de vós esta noite = sériamente, isto aperta o coração ... dizer a hum homem as expressões mais ternas, e escrever contra elle as mais grosseiras! Que de contrastes! E este he o homem que eu julguei filosofo! E chamei lhe eu o Salomão do Norte! Lembrai-vos desta bella carta? Vós sois filosofa, dizia elle, eu o sou tambem; pois dai-me crédito, senhora, nem hum nem outro o he (carta de 18 de Dezembro de 1752.) =

Voltaire, que nunca disserá coisa com mais verdade, deixou a Cor-

te de Berlin pouco tempo depois desta carta. O Salomão do Norte mandou buscalo ao caminho, porém debalde, porque o Poeta já tocava Francfort, aonde recebeo huma affronta, que o tornou a fabula, e o escarneo da Europa. Todavia esqueceo-se deste ultraje, ou fingio que se esquecia. E até o discipulo, e o mestre não tardárão em renovar as suas conjurações. Como não se tornárão a ver, ao menos escreviáo-se amiudo, e a sua correspondencia attesta toda a actividade, com que se empenhavão hum e outro na ruina dos Altares.

Diderot. Diderot, de que já fallei, vem unir-se do seu motu proprio ao lado destes tres conjurados. Huma cabeça emfatica, hum enthusiasmo, huma desordem nas suas idéas, igual á do cháos, a sua lingua, e a sua penna seguindo todos os movimentos repentinos, e todas as agitações violentas do seu cerebro, o mostrárão bem depressa a D'Alembert, como

o homem, de que elle precisava, ou para que fosse o seu agente, ou para lhe deixar dizer tudo o que elle mesmo D'Alembert se não attreveria a preferir. Diderot não baldou as suas esperanças. Nunca homem algum pronunciou mais affirmativamente do que este Sofistas, sim, e não, pro, e contra na mesma questão. Reputava-se o sabio da natureza, e nunca julgou pronunciar os seus oraculos com mais firmeza, do que quando decidia em tom de filosofo = que entre o homem, e o seu cão não havia mais differença do que no habito. (Vida de Seneca.) =

Taes são os homens, que se propozerão a derrubar o Christianismo. Além de todo o seu odio contra Jesu Christo havia mais de commum entre elles esta singularidade, que seria impossivel nota-los constantes, e firmes em hum só daquelles dogmas, que elles oppunhão aos do Evangelho. Ora deistas, ora atheos, ora materialistas, ou scepti-

cos, sempre forão de acordo para destruir o edificio da Religião, e nunca convierão no que a deveria substituir.

Voltaire tinha vivido muitos annos só, ou quasi só, embreagado da sua raiva contra Jesu Christo, até ao tempo, em que foi cortezão de Frederico; mas já desde esse tempo, isto he, em 1750, tinha alliciado muitos sectarios pelos seus sarcarmos, e sofismas. Quando partio para Berlin, já deixava em França grandissimo número, e os principaes erão os dois Sofistas, D'Alembert, e Diderot, que igualando-o na impiedade davão então principio a sua sociedade.

Em quanto esta esteve entregue aos seus talentos foi muito fraca, porque lhes faltava este homem, que só elle valia hum exercito de ímpios. Porém depois que Voltaire voltou da Prussia, aonde estivera poucos annos, e assentou a sua morada em Fernei, nesta épocha se formou com

mais especialidade a sua Conspiração anti-christã, e se estreitou, e fez mais seguida a sua Correspondencia. E eis-aqui tambem o tempo, em que foi mais facil observar aquelle concerto, e todas aquellas intelligencias secretas, que caracterizão huma verdadeira Conspiração anti-christã, isto he, aquelle voto de destruir todos os Altares do Christianismo, e esta combinação de meios, que elles meditão entre si para consummar o voto da sua impiedade.

Aqui não se encontra huma só daquellas assersões vagas, que produz a imaginação, mas que o exame logo destroe. Nada digo, que eu não tenha sabido, ou dos proprios archivos dos conjurados, donde deduzo todas as minhas provas, ou da sua Correspondencia, ao principio escondida, mas depois impressa com pompa, aonde acho não só os differentes papeis, que elles representárão, mas tambem todos os grandes meios, de que elles se servírão. Por

volumosa que seja esta colleção, por mais arte, de que se tenhão valído, para lhe supprimir huma parte, todavia he pública, e pelo seu exame he facil de poder colher os filhos do trama, que eu annuncío. Convido com affoiteza a todo o Leitor, para verificar os textos, que cito, as conciliações, que delles faço; e procedó á demonstração, que elles me bastecem.

Todos os conjurados tem de ordinario sua linguagem secreta, todos tem huma sanha, huma especie de fórmula inintelligivel ao vulgar, mas cuja explicação secreta descortina, e recorda immediatamente aos adeptos o grande objecto da sua Conspiração. A fórmula, escolhida por Voltaire para exprimir a sua conjuração, foi dictada pelo espirito infernal do odio, da raiva, e do frenesi. Consistia nestas duas palavras = ecraséz l' infame = que quer dizer = esmagai o infame = e estas palavras na sua boca, de D'Alembert, Frederico, e de todos os adeptos signi-

ficárão constantemente = esmagai a Jesu Christo, a Religião de Jesu Christo = e toda a Religião que adora Jesu Christo. = As provas deste facto se encontrão em cada pagina da correspondencia de Voltaire. Quaes são com effeito os que elle chama em seu soccorro para = esmagar = este pertendido = infame? = Os Diderot, os D'Alembert, os Damilaville, os Condorcet, os Helvetius, e todos aquelles que mais se distinguírão no rancor contra o Christianismo.

E contra quem os convida elle para se reunirem? Contra os authores, ou Catholicos, ou Protestantes, que se fizerão célebres pelos seus escriptos a favor do Christianismo. Qual póde ser a sua intenção quando para animar os seus = Cavalleiros = se não envergonha de lhes escrever = vamos, bravo Diderot, intrépido D'Alembert; uni-vos ao meu caro Damilaville; correi sobre os fanaticos, e os velhacos. Lasti-

mai Braz, Paschal, desprezai Hautteville, e Abadie, *tanto como se fossem os Santos Padres.* (*Carta a Daniel, anno de 1765.*) Que objecto se lhe póde suppôr, quando, para designar o que era necessario iniciar na sua guerra contra *o infame* exalta incessantemente os Bolynbrooks, os Spinosas, ou Juliano Apostata, quando para assignalar todos os seus successos nesta guerra se felicita de ver que em Genebra só *a escoria do povo crê no Consubstancial*; » o mesmo » *de que não haja hum Christão de Genebra em Berne* » ou ainda mais de que » *Genebra só em Sorbonna, e na Grande Camara tinha defensor da Religião*, (*Carta a D'Alembert de 8 de Fevereiro de 1776 a Passim*) ou ainda mais, quando suppre a sua fórmula, ou sanha ordinaria com a de *Christa moque* » Christo ridiculo » e quando estende a impiedade até a lastimar-se, de que os Conjurados não fação tanto contra Jesu

Christo quanto fizerão os Apostolos por este Deos dos Christãos, e se envergonhá de chamar *doze despreziveis* aos doze Apostolos (*Carta ao mesmo de 24 de Julho 1760*)? Sim: qual póde ser finalmente o objecto de hum homem, que, para elogiar o seu Adepto conjurado, Damilaville, tem o descaramento de escrever, que este Impio *tinha o enthusiasmo de S. Paulo, porém não a sua extravagancia, nem o seu embuste* (*Carta a D'Alembert de 13 de Janeiro de 1769*)?

Quando pois se vê que Voltaire acaba quasi todas as suas cartas aos Sofistas com a fórmula atroz, que assigna tres vezes a mesma carta com estas palavras *ecrasez l'infame* „ esmagai o infame „ *ecrasez l'infame* „ esmagai o infame „ *ecrasez l'infame* „ esmagai o infame „ (*Carta a Daniel*) he fóra de todo o equivoco, e deve-se crer que nem exceptuava o Calvinista, o Anglicano, ou o Lutherano. O Calvinis-

mo na opinião de Voltaire não era mais do que *necedade de João Calvino*, e os seus discipulos *tão tolos como os Sorbonnicos*. Até algumas vezes *nada vê mais atrabiliario, nem mais feroz, do que os Huguenotes*, (*Carta ao Marquez d'Argens de Dirac 2 de Março de 1763.*) Porém applaude-se de ver que a sua conspiração contra o infame cale mais rápidamente por Genebra, Londres, e pelo Norte de Alemanha, porque tambem ver crê alli mais Deistas, ou Atheos, e porque se funda no que Frederico lhe escrevia: que nos *paizes protestantes se caminha mais depressa* nesta guerra contra o christianismo. (*Carta* 143.)

Este Frederico não se equivocava no sentido da fórmula. Para o Sofista Coroado assim como para Voltaire, e D'Alembert *o Christianismo, a Seita Christã, a superstição Christicola, e o infame, que se deve esmagar* tem sempre o mesmo sentido. (*Vede a Carta do Rei*

da Prussia a Voltaire 143, 145, 153, *anno de* 1767, *&c.*) A esta sanha, que designa tão constantemente o voto de esmagar todo o Christianismo, sem distincção, nem excepção dos Catholicos, ou dos Protestantes, unirão os Conjurados huma maneira especial de se desenganarem huns aos outros, e não serem conhecidos do público. Na sua correspondencia, Frederico he chamado *du Luc*, D'Alembert *Protagoras*, ou *Bertrand*, e Diderot *Platão*, ou *Tonplant*. A palavra *Caccuac* he o nome geral dos Conjurados. Debaixo de todos os nomes possiveis ha hum segredo » impenetravel, que deve » servir de véo á sua Conjuração. » Os mysterios de Mitra, escrevia-lhes o seu Chefe, de nenhum modo devem ser divulgados. He necessario que nelles hajão cem mãos invisiveis, que traspassem o monstro, (a Religião) e que caia debaixo de mil golges redobrados. Confundi *o infame*; dizei affoitamente tudo o que

tendes no Coração; *feri*, *mas escondei a mão*, porque deste modo não vos poderão convencer. O Nilo escondia a sua cabeça, e derramava suas aguas beneficas, *fazei o mesmo*, *e vos recommendo o infame.* (*Carta a Dᶜ Alembert a Helveticus, de Marquez de Villevieille, &c.*)

Jámais pessoa alguma repetio tanto amiudo, e seguio tão exactamente estes depravados conselhos como Voltaire. Todos os dias formava alguma dissertação contra a Religião, ou contra os Sacerdotes, porém negava todas estas producções ímpias com hum descaramento extremo, e que sem a menor dúvida tinhão sahido da sua penna. Quando as fazia passar para os Irmãos defendia-lhes que nomeassem o seu Author, ainda mesmo que fosse para o louvar, receando de ser trahido pelas suas Lojas.

Em toda esta guerra contra Jesu Christo não convinha só aos Sofistas esconder a mão quando arreme-

çavão todas as suas sectas, era necessario sobre tudo, acordo, união, constancia, e ardor no ataque; e daqui vem estes avisos repetidos do seu Chefe: „ meus filosofos importaria marchar tão cerrados como „ a Falange Macedonia. „ Que os filosofos fizessem huma confraria como os Pedreiros-Livres, que se ajuntassem, e mutuamente se soccorressem. Esta Academia valerá mais do que as de Athenas, e todas as de París, mas cada hum cuide só em si, e não se esqueça do primeiro dos deveres, que he aniquilar *o infame.* (*Carta a Dᶜ Alembert de* 20 *d Abril de* 1761.) Ah! pobres Irmãos, os primeiros fiéis conduzião-se melhor do que nós; Deos nos abençoará, se nos unirmos.

Daqui nasce igualmente esta attenção em reanimar o seu zelo, e estas exhortações tão solicitas „ receio que não sejais assás zelosos „ vós deixais infructuosos os vossos talentos; vós vos contentais méra-

mente com desprezar hum monstro, que releva aborrecer e destruir. A Meleagro pertence matar o javalí; arremeçai a setta sem mostrar a mão. Senão tivermos por nós as pessoas de probidade, seremos a execração do genero humano: tal he a nossa situação. *He necessario pois acarea-las, custe o que custar; trabalhai na vinha, e esmagai o infame.* (*Carta a D'Alembert de 28 de Setembro de 1763, e 13 de Fevereiro de 1764.*)

De tudo o expendido se deixa ver, que esta guerra dos Sofistas contra o Altar tem todo o cunho de huma verdadeira conspiração. O mesmo Voltaire o não occultava aos Adeptos, nem queria que o ignorassem, e por isso tinha o cuidado de lhes dizer *que na guerra, que emprehenderão, era necessario, que obrassem como Conjurados, e não como zelosos.* Fiéis ás lições do seu Chefe estes Conjurados tiverão todo o resguardo de não encontrar

muito sedo, e com muita affoiteza as verdades recebidas, e ao principio só pedírão indulgencia para as producções, parecendo apenas ter intenção de fazer prevalecer os seus systemas. Para os insinuarem, querião sómente por maneiras carinhosas obrigar os homens a perdoarem-se mutuamente os seus erros, e a soffrerem-se huns aos outros. Beneficencia, justiça, humanidade, razão, tolerancia, parecião ser a senha de reunião, e deo-se crédito á sua palavra. Não obstante, tudo annuncía desde aquelle tempo que, se elles tivessem a força na mão, as suas intenções se desatarião em espolios, attentados, e mortandades revolucionarias. Apezar da sua profunda dissimulação, apezar dos seus clamores pela tolerancia, mais de huma vez lhes escapa o segredo de hum ódio atroz nos seus votos. Assim se deduz, quando vemos, por exemplo, D'Alembert desejar a destruição de huma nação inteira por estar ligada

á Religião *desejaria ver*, escreve elle a Voltaire, *aniquilados todos os Austriacos juntamente com a superstição, que elles protegem.* He verdade que Frederico se mostra algumas vezes inimigo de todo o espolio, e de toda a violencia, mas tambem outras vezes não concorre menos com os seus projectos para despojar a Igreja, confessa que a revolução anti-christã, em que Voltaire trabalha com tanta assiduidade, não se póde acabar senão *por huma força maior*, não exita menos a Voltaire para trabalhar nesta revolução, nem elle mesmo trabalha menos em apressalla com as suas producções.

Intolerancia dos Sofistas Conjurados.

Quanto ao filosofo de Fernei em pouco reputava o escrever ao Rei da Prussia: „ Oxalá Ganganelli tivesse alguma possessão boa na „ vossa vizinhança, e que vós não „ estivesseis tão longe do Loreto; „ he excellente saber chasquear es„ tes arlequins, fazedores de Bul-

„ las ; gosto de os metter a ridicu-
„ lo „ *porém antes gostaria de os despojar* (8 *de Junho de* 1770.) E accrescentava „ Hercules hia com-
„ bater os salteadores , e Bellero-
„ fonte as Chimeras ; „ *não desgostaria de ver que outros Hercules , e outros Bellerofontes resgatassem a terra das Chimeras catholicas* (3 *de Março de* 1757.) *Se tivesse cem mil homens bem sei o que faria* (16 *de Fevereiro do anno de* 1761.)

Apezar de toda a benefica , e meiga tolerancia de Voltaire , não se embaraçava de adiantar as suas expressões „ quando veremos nós „ *todos os Jesuitas precipitados no fundo dos mares com hum Jansenista ao pescoço* (*Carta a Chabanon.*)

Quando os Sofistas Conjurados exprimem votos desta especie , somos tentados a suspeitar , que toda a sua tolerancia , e humanidade senão offenderia , se visse naquelle tem-

po os Sacerdotes, ou assassinados nos Carmelitas de París pelos assassinos, e bellerofontias de Robespierre, ou amontoados naquellas embarcações que João o Bom, mandava abrir para os affogar de repente no fundo das aguas. Porém o tempo das grandes violencias ainda não estava chegado, e os Conjurados apercebêrão-se de que ao principio era necessario haverem-se de outro modo para desligar os póvos dos Altares, e dos Sacerdotes.

Primeiro meio dos Conjurados a Encyclopedia.

O primeiro, e poderoso meio de seducção imaginada por D'Alembert, e Diderot, foi a compilação de todos os seus Sofismas nesta immensa collecção, a que de bom grado chamárão Encyclopèdia. O objecto público deste enorme Diccionario, parecia ser inthesoirar todos os conhecimentos humanos; porém o seu fim secreto foi fazer hum arcenal de incredulidade. Os literatos recebêrão-no com enthusiasmo, e o respeitárão como hum chefe d'obra, que

encerrava em si só tudo o que o espirito humano jámais concebêra de nobre, e de grande; porém o corpo religioso considerou-o hum ajuntamento monstruoso de todos os sofismas, e de todos os systemas, ou fossem antigos, ou modernos, os mais oppostos á Religião. Não ha dúvida que a impiedade apparecia com disfarce, e mórmente nos primeiros volumes desta Encyclopedia; mas a cada instante armava laços ao leitor, a cada instante abusava da sua credulidade para demolir todos os alicerces da Religião, e da Moral. Cobria-se de tal maneira com a capa da hypocrisia, apresentava-se com tanta destreza, e tanta arte que os olhos os mais affeitos apenas a podião reconhecer. O ardil, e o artificio consistião em a fazer fallar muito menos naquelles artigos aonde o leitor a podia temer, do que naquelles aonde elle não a suppunha. Citações manejadas com arte a remettião fóra do texto, e lhe ensi-

nuavão o que elle devia pensar de certas verdades religiosas que se não ousava combater no seu lugar natural. Deste modo, por exemplo, na cabeceira dos artigos tratados orthodoxamente tinhão os compiladores cuidado de nos dizer: *Vede o artigo*, *preoccupação*, *vede superstição*, *vede fanatismo*. Deste modo debaixo da palavra » Deos » se achavão as provas directas, fysicas, e metafysicas da existencia de hum Ente Supremo; mas nos Artigos, *demonstração*, e *corrupção*, se via desapparecer seguidamente toda esta doutrina, e o leitor em lugar de Deos do Evangelho, não achava mais do que o Deos de Spinosa, ou o de Epicuro. Deste modo tambem os artigos *alma*, e *liberdaae*, e são tratados quasi como elles o devião ser por todo o filosofo religioso; porém os artigos *direito natural*, *tolhe*, *animal*, preparavão o espirito para o materialismo, assim como os artigos *casual evidencia*, oguavão ao systema da fatalidade.

Quasi se não podia esperar diversa doutrina de huma Obra, a que presidião Diderot, e D'Alembert, e que era compilada por homens, que elles mesmos tinhão escolhido. Excepto hum pequeno número, que tinhão huma honrada, e benemerita reputação, como Mr. de Jaucourt, todos os mais compiladores erão infamados na opinião pública pelo seu filosofismo. Tal era hum *Rainal* expulsado pelos Jesuitas em razão do seu filosofismo. Tal era hum *de Padres* obrigado a fugir para a Prussia por ter querido enganar a propria Escola Sorbonna, publicando as Theses da sua impiedade, como Theses da Religião. Hum *Morrelet*, a que Voltaire chamava *Mordo-les*, porque com o pretexto de se levantar contra a Inquisição tinha ousado levantar-se contra a Igreja. Hum *Dumarsais* tão infamado pela sua irreligião, que a authoridade pública se víra estreitada a destruir huma escola, que elle estabelecéra

mais para preverter os seus discipulos, do que para os instruir. Tal era mais que tudo Voltaire, de que só o nome annuncia tudo o que devião ser os seus socios.

De nenhum modo discuto o merecimento litterario de sua compilação; o proprio Diderot a sentenciou, quando nos falla „ desta raça „ detestavel de trabalhadores, que „ nada sabendo, mas affectando sa„ ber tudo, se atirárão a tudo, ar„ ruinárão tudo, e deste pertendido „ deposito das sciencias fizerão hum „ abysmo, aonde certa especie de „ novelleiros arremeçárão confusa„ mente huma infinidade de coisas „ mal vistas, mal dirigidas, boas, „ más, incertas, e sempre incohe„ rentes. „ Esta confissão he importante, em quanto ao valor intrinseco da Encyclopedia, mas sobre a intenção dos seus principaes authores ainda he mais importante a confissão do proprio Diderot, quando falla das fadigas, que teve para in-

sinuar tudo o que se não podia dizer abertamente sem offender *as preoccupações recebidas*, isto he, sem atacar pela frente as verdades religiosas. Além disto não nos poderemos enganar a respeito desta intenção, quando se vê D'Alembert escrever a Voltaire „ pedimos a vossa heretica a permissão de *encolhermos as garras sem arranhar* „ nos lugares onde demasiadamente „ se tinhão encravado. „ *Este he o caso de recuar para melhor saltar.* Temos sem dúvida máos artigos de Theologia, e de Methafysica; porém sendo censurados por theologos certifico-vos que se não poderão fazer melhores. *Ha outros artigos menos claros que já corrigimos, e o tempo fará distinguir o que nós pensámos do que nós dissemos....* Demais ninguem ignora que semelhantes frases são tabellioas, e só servem de *passaporte para as verdades, que se querem estabelecer. Além disto, ninguem alli he enga-*

nado. (*Carta de D'Alembert de 21 de Julho 1757, e de 10 de Outubro de 1764.*)

A intenção desta monstruosa compilação he ainda menos equivoca, quando Voltaire escreve a D'Alembert „ no tempo da guerra dos Par„ lamentos, e dos Bispos terão os „ Filosofos hum lindo divertimento, „ e vós tereis a commidade de re„ chear a Encyclopedia de verdade, „ que ha vinte annos se não pode„ rião dizer „ ou quando elle diz ao seu Damilaville *desejava hum livro de filosofia que esmagasse para sempre o infame. Confio inteiramente na Encyclopedia.* (*Carta a D'Alembert de 13 de Novembro de 1756, e a Damilaville de 23 de Maio de 1764.*)

Finalmente appareceo esta enorme compilação de tantos erros e sofismas, recolhidos com tantos artificios. Os jornalistas do partido atroárão o mundo da sua nomeada, e o grande objecto dos authores foi pre-

enchido. Os Impios subalternos appressárão-se a excavar neste arsenal, tirando delle para as suas brochuras todas as impiedades, e das suas brochuras sem reserva alguma as fizerão passar para o espirito do público.

Os Conjurados applaudião-se deste primeiro meio, conhecendo evidentemente que existião homens, cujo zelo ainda podia fazer abortar a sua conspiração. He verdade que a Igreja tinha seus defensores na corporação dos Bispos, no Clero da segunda ordem, e nas suas corporações religiosas; porém a impiedade ganhou a batalha em alguns combates, e para melhor se segurar de huma victoria terminante pensou em destruir todas as corporações religiosas. Longo tempo havia que o Rei da Prussia tinha mandado imprimir huma memoria tendente á suppressão dos Eleitorados Ecclesiasticos, e das Abbadias de Alemanha, para se apossar das suas riquezas (*Carta de Voltaire a Mr. Amelot de 8 de*

Segundo meio dos Conjurados desfruiçaõ das Corporações Religiosas.

Outubro de 1743) porém quando se formou a conspiração , suggerio hum novo plano geral para a destruição dos Religiosos , com o fim de chegar igualmente a destruir todos os Bispos , e Religião Christã. Não está reservado para as armas destruir *o infame* , escreve elle a Voltaire , perecerá pelos braços da verdade , e pela seducção do interesse. Se quereis que eu desenvolva esta idéa , eis-aqui o que entendo. Tinha notado , e outros como eu , que os lugares , aonde ha mais conventos de Frades , são aquelles aonde o povo está mais cégamente afferrado á superstição. He fóra de dúvida que , se com effeito se chega a destruir estes asylos do fanatismo , o povo se tornará algum tanto indifferente , e tibio a respeito destes objectos , que são actualmente os da sua veneração. *Trata-se de destruir os Frades , ou pelo menos de começar a diminui-los.* „ Todo o „ Governo que se decidir a esta

» operação, será amigo dos Filoso-
» fos, e sequaz da doutrina de to-
» dos os livros, que atacão as su-
» perstições populares. Eis-aqui hum
» pequeno projecto, que sujeito ao
» exame do Patriarca de Fernei. A
» elle pertence, como pai dos fiéis,
» purifica-lo, e executa-lo. »

» Podera oppôr-me o Patriarca:
» *e que se ha de fazer aos Bispos?*
» A isto respondo: que por ora não
» he tempo de bolir nelles, que
» cumpre primeiro começar pela des-
» truição daquelles que prégão, e
» insinuão o fanatismo no coração
» do povo. » Logo que o povo esfriar, *os Bispos ficarão reduzidos a rapazinhos, de que os soberanos pelo volver dos tempos poderão dispôr como quizerem.* (*Carta de* 24 *de Março de* 1767, item *de* 13 *de Agosto de* 1775.)

Voltaire deo a seguinte resposta a este invite: a vossa idéa de atacar pelos Frades a *superstição christicola*, he propria de hum grande

Capitão. Huma vez acabados os Frades, fica exposto o erro ao desprezo universal. Escreve-se muito em França sobre esta materia; e todo o mundo falla nisto; mas não se tem julgado maduro este negocio, tanto quanto he preciso. Em França não ha toda a affoiteza necessaria, e ainda se crê nos devotos. (*Carta de 5 de Abril de* 1767.)

Lendo-se estas cartas bem se vê que he escusado perguntar para que servião na Igreja todas estas Corporações Religiosas. Com tudo Frederico não tinha toda a honra da invenção deste plano para *minar surdamente a Igreja sem ao principio bolir nos Bispos* (*ibid.*) pois que he certissimo que os Sofistas o proseguião de longo tempo na França. Hum dos maiores amigos, e protectores de Voltaire, Mr. d'Argenson tinha dado a primeira idéa deste plano no Reinado de Luiz XV. Para se executar com mais facilidade concebêra aquelle proceder lento, e

insensivel , cujo objecto occultava todo o odioso das suppressões com o pretexto de reformas , e utilidade pública.

Mas ainda mesmo pondo de parte a utilidade religiosa , seria difficil conceber , que bem podia esperar a França da suppressão destas corporações , que pelo menos tinhão o direito de lhe dizer : sem nós os vossos campos incultos , e grande parte das vossas Provincias cobertas de matos ainda serião o mesmo , que elles forão no tempo dos vossos antepassados Gallos , e Tudescos. Sem nós não existiria grandissimo número das vossas Villas , das vossas Aldêas , e ainda das vossas mesmas Cidades. Tudo até pelos seus nomes vos diz , que á sombra dos nossos Mosteiros aprendêrão os vossos pais a sorribar a terra , e a deixar a sua antiga barbaridade. Se não continuais a estimar a Religião , que ha tanto tempo vos temos ensinado , recordai-vos ao menos , que estas Scien-

cias, e estas Artes, com que hoje vos glorificais, a nós as devérão os vóssos pais; e que sem nós ainda jazerieis naquella ignorancia, em que a sua barbaridade se jactava de não saber ler, nem escrever.

Porém os Ministros de Luiz XV., e os de Luiz XVI., em geral não erão homens, que se commovessem com estas reflexões. As antigas Corporações Religiosas, com o fructo da sua industria, tinhão adquirido grandes possessões: este o motivo porque a avareza as invejava. Outros Religiosos, que erão em muito maior número; apenas tinhão com que subsistir, e vivião de esmolas; mas assistião ao povo dirigindo-o, e exercendo as funções de Apostolos; e este o motivo porque o seu zelo os fez ainda mais odiosos ao Filosofismo do tempo, do que se fossem opulentos. Tinhão-se insinuado nestas corporações abusos, que a Igreja facilmente podia reformar; porém os Ministros encarregárão-se da re-

forma para delles se servirem para as suppressões. Primeiramente appareceo hum Edicto, que prorogou a idade das Profissões Religiosas até aos vinte e hum annos. Poucos mancebos esperão este termo para se decidirem de estado, de que ha de depender o resto da sua vida; e além disto naquella idade já se tem perdido aquella flexibilidade que nos adestra para a ordem, e para a regra. Este Edicto tinha em mira estes dois effeitos, diminuir o número dos Religiosos, e torna-los menos regulares, menos respeitaveis aos olhos do povo; e o objecto dos Ministros foi de sobejo satisfeito.

Hum segundo Edicto supprimia todos os Mosteiros que não tivessem dez Religiosos nas Aldêas; e vinte nas Cidades. Este era o verdadeiro meio de os despojar dos campos, e privar os povos de recursos, que delles tiravão para a sua Religião, e subsistencia. Finalmente vem Brienne, e este Prelado da infamia,

amassado em tantos vicios, se constituio tambem reformador das Corporações Religiosas. Este Prelado, que D'Alembert tratava nas suas respostas a Voltaire como seu digno *Confrade* na *Filosofia*, ou na impiedade. (*Carta de 30 de Junho, e de 21 de Dezembro de 1770.*) Tambem sabia os segredos dos Sofistas, e o do Ministerio para as suppressões; a sombra de reforma fomentou a discordia nos Mosteiros, fatigou os Superiores, e favoreceo os descontentes. Entretanto os outros Confrades de D'Alembert, e de Voltaire não cessavão de calumniar estes Religiosos, ou de derramar sobre elles em mil brochuras a ridicularia, e o desprezo, e deste modo se foi o povo acostumando ás suppressões, e o número dos Religiosos hia diminuindo diariamente. Quinhentos Mosteiros tinhão desapparecido, e Voltaire ainda achava que se procedia muito de vagar na sua extinção, e que o Ministerio não tinha a affoi-

teza necessaria. Toda esta parte da Conspiração anti-christãa estava já muito adiantada; quarenta annos havia que se continuavão as perseguições surdas, quando o machado dos Jacobinos em hum só dia vem rematar a obra de Brienne.

Em quanto os Ministros, e Sofistas Conjurados procedião assim na destruição das Ordens Religiosas, Voltaire projectava huma sociedade, cujo unico fim era a propagação da sua impiedade. Fação os Filosofos verdadeiros, escrevia elle a D'Alembert, huma Confraria, como os Pedreiros Livres; ajuntem-se, sustentem-se, sejão fiéis á Confraria, que eu os amarei de todo o meu coração. Esta Academia valerá mais do que a de Athenas, e de que todas as de Paris; mas cada hum pense só em si, e não se esqueça que o primeiro dos deveres he *esmagar o infame.* (*Carta de 24 de Outubro de* 1763.) Os Sofistas não merecião esta exprobração. He verdade que a

sua impiedade ainda não caminhava em París com a cabeça levantada; he verdade que a mesma politica dos Ministros, que os protegião em segredo, ainda lhes não permittia publicarem as suas producções anti-christãas, e que cumpria usar de muitas cautélas, e de muitas reservas para não parecer que se authorizavão as reclamações do Clero, e as de hum povo, que só insensivelmente se podia attrahir para a irreligião, mas estas mesmas reservas, e estas mesmas cautélas desagradavão a Voltaire. Para isentar os Sofistas destes inconvenientes quiz reuni-los em huma Cidade aonde podessem sem temor inundar o Universo dos seus sofismas, e blasfemas. Por este motivo nos diz o seu panegyrista, Condorcet, que recorreo ao Rei de Prussia, lhe propoz *que era necessario fundar em Cleves* huma pequena Colonia de Filosofos Francezes, para que alli podessem dizer livremente a verdade, *sem temer*

nem os Ministros, nem os Parlamentos. (*Vida de Voltaire por Condorcet, edição de Kell.*) Frederico consentio que os Filosofos mandassem exploradores a esta Cidade, para verem o que lhe seria util. (*Carta de 24 d'Outubro de 1765.*) Porém estes Filosofos achavão em París outras muitas vantagens; e D'Alembert especialmente mostrava muito pouca vontade de sacrificar o seu pequeno rebanho da Capital para ir figurar de subalterno a Voltaire. Nem elle, nem os seus Confrades testemunhavão o menor empenho por este projecto. Apezar disto, Voltaire bem longe de desistir da empreza, continuou a solicita-la. Chega a conseguir de outro Principe a promessa de huma segunda Cidade para a sua Colonia, na falta de Cassel. Insta mais com os Conjurados, e escreve-lhes cartas, sobre cartas para os resolver. Humas vezes lhes propunha o exemplo dos Huguenotas, que deixárão a sua patria *pelas neceda-*

des de João Calvino; outras vezes lhes contemplava o exemplo de Santo Ignacio, que achára *doze proselytos* para fundar a sua companhia; e por isso lastimava-se sériamente de que nem ao menos podesse achar *tres Filosofos* que o quizessem seguir até ao centro da Alemanha. *Voltaire estava tentado a crer que a razão para nada serve.* Todos os prósperos acontecimentos da sua conspiração nunca forão bastantes para o consolarem de ter visto que lhe falhara esta parte do seu plano. Conhecia estar chegado ao fim da sua carreira, e com tudo escrevia a Frederico. „ Se estivesse menos ve-
„ lho, e com saude deixaria de boa
„ mente a casa de recreio, que edi-
„ fiquei, e as arvores que plantei,
„ só para vir acabar a minha vida
„ no Paiz de Cleves com dois, ou
„ tres Filosofos, e consagrar os meus
„ derradeiros dias debaixo da vossa
„ protecção, e imprimir alguns li-
„ vros uteis. „ *Mas, Senhor, não*

podereis vós, sem vos comprometter, animar alguns livreiros de Berlin para os imprimir, e fazelos vender na Europa por hum preço commodo, para facilitar a venda? (*Carta ao Rei de Prussia de 5 de Abril de 1767.*)

Estas ultimas linhas exprimem claramente todo o objecto de Voltaire. Menos lastimaria a sua Colonia, se o seu desterro lhe permittíra que elle mesmo visse, como D'Alembert a suppríra. Achou este toda a sua Confraria dos Conjurados no mesmo centro da Academia Franceza. Tinha sido em outro tempo esta sociedade o assento da honra, e o grande objecto da emulação dos Oradores, dos Poetas, e de todos os Escriptores affamados na carreira da Litteratura Franceza. Em outro tempo contava entre os seus membros Corneille, Bossuet, Racine, Massillon, e la Bruyere; mas tambem nesse tempo era hum titulo exclusivo para entrar nesta Sociedade

Quarto meio dos Conjurados, Academia Franceza.

toda a nota pública de impiedade. O mesmo Montesquieu, para ser admittido fôra estreitado a negar as producções da sua mocidade. Voltaire tinha sido repetidas vezes rejeitado por causa das suas; e se triunfou dos obstaculos foi á força de grandes protecções, e daquelles meios de hypocresia que tão excellentemente sabia aconselhar os outros. D'Alembert teve o cuidado de se não jectar de espirito forte antes de ser admittido; mas apenas se vio neste santuario das letras, logo esperou mudar com o tempo os titulos de exclusão, e tanto se empenhou que esta mesma Academia, que ao principio refugava os Impios, ao depois só para elles se abrio. Pelas pequenas intrigas, que erão o seu verdadeiro campo de batalha arrogava inteiramente a si o poder de dirigir a admissão dos novos Membros. E foi tão feliz, que no fim da sua vida, o titulo de Academico Francez quasi se confundia com o de incrédulo.

Estas manobras se deixão ver em grande parte das suas cartas a Voltaire. Humas vezes trata-se de impellir para a cadeira academica Marmont, Condorcet, hum Champfort, hum Suar, hum la Harpe, bem differente neste tempo do la Harpe christão, e que tão justamente se fizera célebre pela sua animosa eloquencia contra a impiedade, outras vezes hum le Mierre, ou hum Brienne; e sempre o titulo de todos estes candidatos está no seu filosofismo, e impiedade.

Para a admiração de Diderot se combinão com especialidade todas as manobras, e todas as intrigas. D'Alembert produzio as primeiras proposições a favor deste Atheo, que Voltaire recebe como quem conhecia toda a sua importancia: *Vós quereis*, responde elle, *que Diderot entre na Academia, e he de necessidade que se conclua este negocio.* Ah quanto me seria grato receber juntamente *Diderot e Helvetius.* (*Car-*

ta de 9 de Julho de 1760.) E com effeito a admissão destes dois homens na Academia Franceza não era huma victoria indifferente para os conjurados. Nada mais faltava para mostrar o Atheismo triunfante no Santuario da Litteratura, e para marcar a todo esse exercito de escriptores principiantes de que abunda a França, o caminho que devem trilhar para chegar ao Throno Academico. A escolha dos Candidatos dependia dos mesmos Academicos, porém a approvação pertencia ao Rei. Para se segurar desta, Voltaire se interessou com todas as suas protecções, e com todos os seus agentes junto do Ministro Choiseul, e da Cortezã Pompadour. D'Alembert começava a desesperar, e já escrevia: » Desejaria mais do que vós ver » Diderot na Academia. » *Conheço todo o bem que aisto póde resultar para a causa commum; porém vejo que he mais impossivel do que vós a imaginais.* (*Carta de 18 de*

Julho de 1760.) Voltaire não esteve por esta impossibilidade: esperou que a Cortezã valída teria *em muito apreço, e em muita honra proteger Diderot.* (*Carta de* 28 *de Julho.*) Meu divino Anjo, escreveo elle ao Conde d'Argental, mettei Diderot na Academia; este he o melhor golpe, que se póde descarregar a favor da conspiração, que a razão move contra o fanatismo (isto he, a favor da guerra, que faz o Filosofismo á Religião.) Parece-me que Diderot deve contar com a pluralidade dos votos; e se depois da sua eleição os *Anitus*, e os *Mélitus* derem algum passo contra elle para o malquistarem com o Rei, será mui facil a *Socrates* destruir as suas baterias, *negando o que se lhe imputar, e protestando que elle he tão bom Christão como eu.* (*Carta de* 12 *de Julho.*) A 11 de Agosto seguinte escreveo tambem a Duclos, Secretario dos Quarenta; estabeleceo-lhe tudo o que se devia praticar, e

memoria que havia de apresentar-se á Deputação de *sete até oito Elus* que se devia contemporizar, as palavras, que o Duque de Nivernois devia dizer ao Rei, em huma palavra toda *a bateria que se havia de assertar surdamente* a favor do Adepto recepiendario. „ Os devotos „ derão, accrescentava elle, que Di„ derot compoz huma Obra de Me„ tafysica, que elles não entendem „ *não ha mais do que responder, que não a compoz, e que he bom Catholico. Tão pouco custa ser bom Catholico.* (*Carta de* 11 *d'Agosto do mesmo anno.*) Por facil que fosse seguir estes conselhos de huma hypocrisia sediciosa, todos estes artificios não tiverão effeito; mas D'Alembert em bem poucos annos teve todas as razões possiveis de se consolar. Dirigio tão sagazmente a escolha de seus Confrades, que em pouco tempo toda esta Academia se achou metamorfozeada em hum verdadeiro Club de Sofistas. Ahi se

achavão ainda alguns destes homens, taes como o Arcebispo de Aix, e o Bispo de Senez, que devião a cadeira méramente aos seus talentos, e ao uso antigo de receber ao menos alguns Prelados; porém á excepção dos Escriptores leigos, reduzião-se a hum tão pequeno número, que tendo eu mesmo perguntado a Mr. Beauzée, como era possivel que conhecendo eu os seus sentimentos de Piedade, e de Religião, se achasse o seu nome na lista de tantos homens conhecidos por verdadeiros ímpios, me respondeo: a pergunta que vós me fazeis he a que eu mesmo já fiz a d'Alembert. Vendo que eu era quasi o unico que nas nossas sessões cria em Deos, lhe disse hum dia, cómo podestes pensar em mim sabendo que eu sou tão affastado das vossas opiniões, e das dos Senhores vossos Confrades? D'Alembert, accrescentou Mr. Beauzée, não hesitou em me responder: bem conheço que isto vos deve admirar; po-

rém tinhamos necessidade de hum Grammatico, e entre todos os nossos Adeptos não havia hum que se tivesse acreditado neste genero; nós bem sabiamos, que crieis em Deos, mas conhecendo-vos tambem por muito bom homem, pensámos em vós por nos faltar hum Filosofo que vos podesse supprir.

Desta sorte o sceptro dos talentos, e das sciencias veio a ser em pouco tempo o da mesma impiedade. Voltaire pertendêra transferir os seus conjurados para a Colonia protegida pelo Sofista Coroado; D'Alembert os reteve, e os fez triunfar debaixo da protecção dos Monarcas, que tinhão o mais honroso dos titulos, Reis Christianissimos. A Academia Franceza metamorfozeada em Club de impiedade servio melhor a conjuração dos Sofistas contra o Christianismo do que a poderia servir toda a Colonia de Voltaire. Infectou os litteratos, e os litteratos infectárão a opinião pública, inun-

dando a Europa daquellas producções, que forão para os Chefes o quinto meio de preparar os póvos para huma apostasia geral.

Que por espaço de quarenta annos, e principalmente nos vinte annos derradeiros de Voltaire a Europa se víra inundada de immensas producções anti-christãs em fórma de folhas volantes, systemas, romances, pertendidas historias, e debaixo de todas as fórmas, he hum dos factos de tanta evidencia, que me poupa o prova-lo, pois he bastante dizer que se achão espalhados com grande infelicidade pelas lojas de muitos livreiros, e por muitas livrarias. Unicamente demonstrarei aqui o ajuste em compôr, e fazer compôr, ou em espalhar estas producções impias. Este he o mesmo ajuste que se manifesta a cada passo entre Voltaire, D'Alembert, e Frederico na sua correspondencia. D'Alembert he especialmente admiravel pelo seu comportamento nesta parte da conspira-

Quinto meio dos Conjurados inundação dos livros anti-christãos.

ção. Pelo facto seguinte se póde julgar vendo a arte de que se serve este ardiloso Sofista para armar os seus laços.

Longo tempo havia que os Conjurados buscavão pelos seus systemas sobre a formação do Universo desmentir os nossos livros sagrados sobre toda a historia da creação. Se quizermos estar pela linguagem pública de D'Alembert, todos estes systemas longe de serem oppostos á Religião só servião para *mais manifestar o poder, e a sabedoria divina*: os Theologos que se consternavão com estes systemas, erão *espiritos limitados*, *pusillanimes*, *inimigos da razão*; pois se lastimão de ver *a Religião atacada em obras aonde ella menos o era.* Estas obras erão justamente aquellas cujos authores requerem para a formação do Universo *hum tempo mais remoto* do que aquelle que o não permittem suppôr as primeiras paginas de Moysés (*V. abuso da crítica por D'A-*

lembert n. 4, 15, 16, 17.) Este mesmo homem, que assim affectava aquietar os Theologos, enviava ao mesmo tempo os seus Adeptos a procurar na historia das montanhas *esse tempo mais remoto*, e quando os enviava escrevia a Voltaire: o portador desta, meu caro Confrade, he *Desmarets* homem de merecimento, *e bom Filosofo*, que deseja renderVos os seus respeitos de caminho na sua viagem á Italia, aonde elle se propõe a fazer *observações de historia natural, que bem poderião desmentir a Moysés.* Nada disto dirá ao Senhor do Sagrado Palacio; *mas se por acaso descubrir que o mundo he muito mais antigo, ainda mesmo do que pertendem os Setenta, tudo vos participará com toda a franqueza.* (*Carta de* 30 *de Julho de* 1764.)

Este homem tão ardiloso na maneira de defender as obras dos outros ímpios, ainda era muito mais dextro na arte de semear o veneno

nas suas. Ora as fazia passar debaixo de nome supposto em fórma de prefacios, que na estimação dos Conjurados erão *a melhor dentada, que jámais elle déra.* (*Carta de Voltaire a D' Alembert, anno de* 1760; *e Thiriot de* 26 *de Janeiro de* 1762.) Ora arremeçava as suas settas contrá a Religião fingindo que a defendia, ou debaixo do pretexto de huma historia indifferente, cuja propagação recommendava a Voltaire accrescentando: „ julgo que este „ livro poderá ser util á causa com- „ mum, e que a superstição „ *com todas as reverencias que fingo fazer-lhe* não se achará melhor. Se eu estivesse como vós tão longe de París *para lhe dar boas bastonadas*, seguramente eu o faria de todo o meu coração, com todas as minhas forças, como se pertende que he necessario amar a Deos. *Porem estou em tal posição que só lhe posso dar piparotes*, pedindo-lhe perdão da grande liberdade, e parece-me que

não estou mal pago. Voltaire pela mesma carta era encarregado de fazer imprimir em Genova esta qualidade de obras *em caracteres algum tanto grandes*, e de vigiar nos *interesses* do author. Em quanto á licença de os fazer circular em França atinha-se ao irmão *Damilaville*. (*Carta de D'Alembert a Volt. de 3 de Janeiro de 1765.*)

Outras vezes, que erão bem amiudadas, o que o mesmo D'Alembert não ousava escrever, fazia escreve-lo a Voltaire. Enviava-lhe logo o seu thema; advertia-o de quanto apertava a brevidade da obra, dictava-lhe o plano, e administrava-lhe especialmente as anecdotas, ou as calumnias contra os Authores Religiosos, que convinha desacreditar. No estillo dos conjurados isto queria significar *as castanhas que Eretrand*, D'Alembert, *mostrava debaixo da cinza*, e que *Raton*, Voltaire, o devia ajudar a tirar do lume *com as suas mãos delicadas*. (*V. Carta de*

18 *de Janeiro, e de 9 de Fevereiro de* 1773; 26 *de Fevereiro*, 22 *de Março de* 1774, *&c.*)

Se D'Alembert animava desta sorte a Voltaire nas suas producções diarias contra o Christianismo, não menos o animava Frederico. He verdade que este Principe algumas vezes se recordou que hum Monarca não he feito para se confundir com vís Sofistas; nestes momentos olhava-os como hum montão de libertinos, fatuos, e visionarios (*V. os seus Dialogos dos mortos*) mas os Sofistas perdoavão-lhe estes caprichos. Com effeito logo voltava todo o seu Filosofismo; e como se Voltaire não tivesse todo o rancor, e toda a actividade contra a Religião. Frederico o apressava, solicitava, e esperava com impaciencia todas as suas obras anti-christãs, e tanto mais abundavão de impiedade, quanto mais elle os applaudia. Approvava sobre tudo esta mão, que feria sem apparecer, *este methodo*

de dar piparotes no infante tratantando-o com toda a civilidade. (*Carta de Frederico de* 16 *de Março de* 1771.) Humilhando ás mais baixas lisonjas, via Voltaire cercado de gloria, e *vencedor do infame* subir ao Olympo sustentado *pelos genios de Lucrecio*, Sofocles, Virgilio, e Loeke; colocado entre Newton, e *Epicuro* em hum carro resplandecente de claridade. Rendia-lhe homenagem de revolução anti-christã, que elle via estar-se preparando. (*Carta de* 25 *de Novembro de* 1766, *Carta* 154 *do anno de* 1767.) Para participar da gloria do seu Coryfeo, elle mesmo publicava *extractos de Bayle*, truncando-lhe sómente os artigos inuteis para espessar os venenos dos outros; ou as suas *akakias*, ou estes *prefacios*, e estes *discursos* em que Voltaire não achava outros defeitos mais do que os seus mesmos, e principalmente o de repetir as discussões dos mesmos argumentos contra a Religião. (*V.*

corresp. do R. da P., e de Volt. Carta 133, 151, 159, *&c.*)

De nenhum modo insistirei sobre a multidão de livros compostos no mesmo genero por Diderot. O que neste lugar importa mais especialmente observar he o ajuste dos conjurados entre si para o progresso destas producções de impiedade; he Voltaire, depois *destes diluvios de facecias, e de sarcarmos*, pedindo *alguma obra séria, em que se justifiquem os Filosofos, e se confunda o infame.* (*Carta a D'Alembert de 23 de Junho de* 1760.) He sobre tudo a actividade, com que procedem os Conjurados em espalhar não só as suas producções, mas as dos outros ímpios, taes como todos estes livros da mais alta impiedade, intitulado *o Militar Filosofo, o bom senso.* He Voltaire supplicando a Frederico *que anime os livreiros de Berlin para fazerem vender na Europa por hum preço commodo* todas estas producções. He

Frederico respondendo a Voltaire: *podeis servir-vos á vossa satisfação dos nossos impressores.* (*Carta de 5 de Maio de* 1767.) He tambem Voltaire enviando a D'Alembert *o testamento do Cura João Meslier*, supposto ter derramado no seu proprio testamento toda a peçonha, e todo o veneno da sua apostasia; he Voltaire rogando a D'Alembert que espalhe pelos suburbios de París, e entre o povo outros tantos exemplares deste testamento como os que elle mesmo espalhou pelas choupanas da Suissa; ou tambem envian'o-lhe os *prejuizos*, obra da impiedade a mais assignalada, e dizendo-lhe: *he huma excellente composição*; „ eu vos exhorto, meu ca- „ rissimo irmão, que designeis al- „ gum dos nossos prezados, e fiéis „ amigos para fazer reimprimir „ *esta pequena obra, que póde fazer muito bem.* (*Carta de* 13 *de Dezembro de* 1763.) He D'Alembert não só escusando-se de ainda não

ter podido *imprimir, e fazer distribuir os quatro, ou cinco mil exemplares do testamento de Meslier*, accrescentando que se *o genero humano se acha presentemente tão illustrado he porque se tem tido a cautéla, ou a felicidade de o ir illustrando pouco a pouco*; (*Carta de 31 de Julho de 1762*) mas tambem dando a Voltaire por escripto o seu parecer sobre este chefe d'obra de impiedade, publicada com o titulo de *bom senso*: esta producção he hum livro muito mais terrivel que *o systema da natureza*; e por esta mesma razão lhe mostra todo o proveito que os Conjurados tirarião, se *esta obra* que já era muito portatil *se compillasse, e vendesse por dez soldos, para os cozinheiros a poderem comprar e ler.* (*Carta de 15 d'Agosto de 1775.*)

Porém nós veremos hum dia os Filosofos concertarem com maior disvélo este meio de apressar a corrupção, a grande apostasia das Na-

ções. Por este respeito terão seus Clubs, suas Assembléas secretas; terão seus Sofistas encarregados de compôr esses libellos de impiedade, terão revedores para os corrigir, e proporcionar aos progressos da conspiração, assim como tambem quem vigie nas edições, e as faça circular desde os Palacios até ás choupanas, e os faça estudar a todas as classes de pessoas, a todas as idades, e á mesma infancia. Então novos artifícios servirão para novas Conjurações. Nesta que elles proseguem contra Christo, tratamos em primeiro lugar do encargo dos Chefes, e dos serviços que lhes são proprios. Os de Voltaire forão constantemente os de hum homem, em que se reunião todos os talentos dos Sofistas, e dos litteratos, e que os consagra todos á sua guerra contra Christo. Em todo o espaço dos vinte e cinco annos derradeiros da sua vida não teve outro objecto. Dizia elle mesmo *o que me interessa he o desprezo*

Encargo especial do Chefe da Conjuração.

do infame, que sempre se deve entender pelo Christianismo. (*Carta a Damilav. de 15 de Maio de 1761.*) Este mesmo rancor contra Jesu Christo, e sua Religião o inspirava incessantemente aos outros Conjurados. A hum escrevia „ empenhai todos „ os irmãos em perseguirem o infame de viva voz, e por escripto „ sem lhe dar hum momento de „ folga. „ A outro recommendava; „ ponde, quanto couber nas vossas „ forças, a maior efficacia para esmagar o infame. „ E a outros „ não „ vos esqueçais de que a vossa principal occupação he esmagar o „ monstro; „ e na sua boca, assim *o monstro*, como *o infame* era sempre Christo, ou a Religião de Christo. (*Carta a Theriot, a Saurien, a Damilaville, &c.*) Na guerra dos Infernos contra os Ceos certamente Satanás não teve mais fervor em sublevar as suas legiões contra o Verbo.

Tanto zelo tinha tornado Vol-

taire em idolo do partido. De toda a parte acudião a vê-lo os Adeptos, e voltavão penetrados do mesmo fogo, ou da mesma raiva contra o Christianismo. Os que não podião vir a sua casa, consultavão-no, e perguntavão-lhe, se havia hum Deos, ou se elles tinhão huma alma. Voltaire que chegára a estado de não saber nada disto, era o primeiro que seria do seu imperio, e méramente respondia, que era necessario esmagar o Deos dos Christãos. Todos os oito dias, dizia elle a Madama du Deffant, *recebeo cartas desta natureza* (*de 21 de Julho de* 1761.) Todas as cartas que escrevia estavão cheias destas exhortações, e chegárão a hum tão prodigioso, que he necessario ter visto a sua collecção para crer que o rancor, ou a penna de hum só homem bastassem para as dictar, ou escrever ainda mesmo quando ella não encerrasse tantos outros volumes de blasfemias. Reis, Principes, Duques,

Marquezes, pequenos Authores, Plebeos, todos lhe podião escrever com tanto que fossem ímpios; a todos respondia, e a todos fortificava, e animava. Até á ultima velhice a sua vida foi a de cem demonios inteiramente occupados, e sempre occupados no juramento de esmagar a Jesu Christo, e os seus Altares.

Não era hum Chefe menos activo, e menos inconcivivel o Adepto Frederico sobre o Throno. Este homem que applicado a felicitar os seus Estados fazia só tudo o que fazem os Reis, e mais do que a maior parte dos Reis por meio de seus Ministros, tambem só contra Christo manejava tudo o que manejão os Sofistas todos juntos. Era especialmente o protector nato daquelles, que a justiça pública perseguia na sua patria. No maior ardor das suas guerras sabia achar dinheiro para pagar suas pensões a D'Alembert, escrevia-lhe, animava Voltaire, amplificava de algum modo a sua raiva

contra Christo, testemunhava-lhe toda a impaciencia, com que esperava as suas novas blasfemias, e em troca enviava-lhe todas as suas. Dava-lhe conta da disposição das Cortes a respeito do *infame*, e remettia-lhe os seus pareceres politicos sobre o objecto da Conjuração. (*Vede toda a sua Correspondencia com Voltaire, e principalmente as cartas* 130, 133, 143, *e* 158.) Procurava fortalece-lo na opinião de que o homem *não he composto de duas substancias*, queria dizer, que o homem he todo materia, e que chegado o instante da morte, depois nada ha que temer, ou esperar, *post mortem nihil est* (*Carta do Rei de Prussia a Voltaire de* 30 *d'Outubro de* 1770, *e de Novembro de* 1777.) mostrando-se mais firme nesta opinião do que o proprio Voltaire. Em huma palavra se trabalhou menos do que Voltaire, não lhe faltou a raiva, méramente lhe faltou o talento, e póde dizer-se com ver-

dade que Voltaire menos teria feito, se Frederico não o excitasse, protegesse, aconselhasse, e concorresse com os seus trabalhos.

Diderot não teve tanta politica como os primeiros tres Authores da conspiração, e foi o tolo glorioso dos Conjurados. Sei que vós prégais o athesmo, lhe dizia o Intendente de Policia: *isso he verdade* replicou logo o Sofista insensato *sou atheo, e me glorio de o ser.* Convinha manda-lo para o hospital dos doidos; porém permittio-se-lhe a liberdade. Disto se aproveitou para prégar que o homem não he livre, que tudo está sujeito ao imperio *da fatalidade* para edificar o cáos de huma *natureza sem Deos*, e sem *intelligencia*, que formou o homem *sem alma*, *e intelligente*, e para escrever todas as impiedades as mais absurdas, e as mais contradictorias, que lhe poderião vir á cabeça. Destas encheo descarada, e cruamente *os seus pensamentos* chamados *Filoso-*

ficos, a carta que compoz sobre os cégos, e especialmente os seus *novos pensamentos Filosoficos*, *o Codigo*, *e o systema da Natureza.* Na composição desta ultima obra, a mais monstruosa de todas houverão dois cooperantes, e vendeo-a pelo generoso preço de cem dobras. Isto sube eu do mesmo homem, que lhe pagou o seu manuscripto. Todavia Voltaire sempre appellidou este insensato, *o illustre Filosofo*, *o Platão*, *o bravo Diderot*, e hum dos mais uteis *Cavalleiros da Conjuração.* (*V. Carta de Voltaire a Diderot de 25 de Dezembro de 1761, a Damilaville de 1765, &c.*) Os mesmos Principes o tiverão na conta daquelles sábios que por divertimento chamavão para as suas Cortes, assim como em outro tempo chamavão chocarreiros para os desenfadar. A Imperatriz Catharina quiz vê-lo, e lhe achou logo *huma imaginação tão perenne, que o collocou no numero dos homens mais extra-*

ordinarios que até este tempo tinhão existido. E com effeito era tal a sua extravagancia, que foi necessario recambiallo immediatamente; mas com facilidade se confortou, julgando que os Russianos estavão verdes para a Filosofia. (*V. Cartas da Imperatriz a Voltaire, carta 134 anno de 1774.*) Continuou a dizer, e a escrever todos os absurdos possiveis. He verdade que nenhum destes se cria; mas cessava a crença das verdades Religiosas, contra as quaes se dirigião os seus Sofismas embelezados de palavras prolixas, e da pompa Filosofica.

Explique-se como for possivel este zelo anti-christão, sempre fervoroso, sempre enfatico, quando se exaltava a imaginação de Diderot, o certo he que este homem tambem tinha seus momentos, em que admirava o Evangelho. Mr. Beauzée, que me referio este facto, entra certo dia em sua casa, e acha-o explicando a sua filha hum Ca-

pitulo do Novo Testamento, com tanta seriedade, e interesse como o poderia praticar hum pai verdadeiramente Christão; Mr. Beauzée testemunha a sua admiração: *Bem entendo o que quereis dizer*, lhe respondeo Diderot, *mas em substancia, que melhores lições lhe poderei eu dar, ou onde as poderei eu achar mais excellentes?*

D'Alembert não fez esta confissão. Apezar de ser sempre amigo de Diderot não era possivel pelo menos imitar a sua franqueza. Diderot dizia tudo o que tinha momentaneamente na alma; D'Alembert nunca disse o que elle queria dizer. Duvido que se achem em outra parte os seus verdadeiros sentimentos a respeito de Deos, e da alma, a não ser nas suas intimas confidencias com os Conjurados. Seria mais facil seguir os gyros tortuosos da serpente que se esconde entre a relva, que todos rodeios, e contramarchas da penna deste escri-

ptor, naquellas obras, que elle mesmo confessa serem producções suas. Se escreve sobre a Divindade não nega claramente sua existencia, mas com o presupposto de examinar as provas desta existencia, e de fixar as mais sólidas, e seguras, envolve, e embaraça o espirito dos leitores com tanto *sim*, e com tanto *não*, que por fim os deixa na dúvida se existe, ou não existe esta Divindade. (*V. seus Elementos de Filosofia, e as minhas Helvienas carta* 37.) Não declama contra a Moral Evangelica, mas diz *que não existe hum só Catecismo de Moral que se possa constituir nas mãos da mocidade*, e que he bem de desejar que hum Filosofo se queira encarregar da composição de hum semelhante Catecismo. (*Elem. de Filos.*) *num.* 12. Não nos dá a ler descripções obscenas, mas diz que homens estão concordes sobre a natureza da felicidade, que todos convem que a felicidade, e o prazer são huma

mesma coisa, ou ao menos, que se ha alguma delicia na felicidade, esta se deve ao prazer (*Encyc op. art. Felicidade*) O discipulo desta doutrina, he tambem o discipulo de Epicurio. Essencialmente suas producções mui pouco prestarião aos Conjurados. Apezar de seu estillo agudo, e epygrammatico, parece que tem o condão de enfastiar os leitores, e este effeito he huma especie de contraveneno. Melhor lhe conheceo Voltaire o caracter, encarregando-o da missão especial de attrahir a mocidade para o partido. (*Carta de 15 de Setembro de 1762*) D'Alembert com effeito se erigio em Protector de todos os mancebos que apparecião em París com alguns visos de talento, e capacidade. Aos que chegavão com alguns bens de fortuna, mostrava os premios, as coroas, e os faz Academicos de que elle quasi como soberano, dispunha. Mas aquelles, em que elle cuidava mais, crão os destinados para as

funcções de preceptores, instituidores, e professores, huns nas casas públicas de educação, outros nos Palacios dos ricos, e poderosos. Tal era o grande meio de que havia lançado mão para inspirar á infancia todos os principios da Conjuração: e por isto mereceo o nome, e a reputação de hum dos maiores propagadores do Filosofismo. Póde conhecer-se tudo, quanto os Conjurados esperavão desta qualidade de serviços pelo modo, com que Voltaire os applaude, quando lhes escreve. (*Que lhe parecia que o rapaz de Parma seria bem apanhado. Terá hum Condillac, e hum de Leire. Se apezar aisto continuar a ser devoto, he preciso dizer, que a Graça he muito efficaz. Carta de Voltaire 17 de Novembro de* 1760.)

Estes desejos, e estes artificios da Seita se transmittírão de tal maneira aos Conjurados, que apezar de todo o apego que Luiz XVI. tinha

á Religião, de nada se esquecêrão para constituir ao lado do herdeiro da Coroa novos Condillacs, quero dizer, Filosofos, com cuja perda ficaria D'Alembert *inconsolavel.* (*Carta de 3 de Janeiro de 1765.*) Conheça ainda o Ecclesiastico, a quem elles offerecêrão o lugar de Mestre do Delfim, dizendo lhe que lho podião conseguir, abrindo-lhe o caminho para huma grande fortuna, com condição porém, que explicando seu Catecismo ao Joven Principe, cuidaria em lhe ensinuar, que toda a Doutrina Religiosa, e todos os Mysterios do Christianismo erão outras tantas preoccupações populares, e ás quaes deveria substituir as lições secretas do Filosofismo. Por duas vezes instárão com o mesmo Ecclesiastico, que felizmente lhes respondeo: *Que elle não sabia procurar sua fortuna pelo sacrificio de seus deveres.* E, ainda mais felizmente, Luiz XVI. não era homem, que patrocinasse semelhantes intrigas,

Mr. o Duque de Harcourt soube escolher melhor, nomeando hum homem mais bem formado, que os Sofistas para desempenhar as funcções de instituidor de hum Principe mancebo.

Outro campo aberto ao zelo de D'Alembert erão aquelles ajuntamentos, ou pequenos Clubs, que ainda algum dia devião ser absorvidos pelo grande Club. Nelles se fallava de preoccupações, superstição, e fanatismo. Nelles tinha D'Alembert seu proprio lugar. Nelles começou a guerra dos sarcasmos, e ditos agudos, dos quaes bastavão a Voltaire cinco, ou seis para opprimir, e aniquilar o Infame. (*Carta de Voltaire* 30 *de Janeiro de* 1764.)

Dessa maneira, na vida dos homens, suas maneiras, seus escritos, suas sociedades tudo se encaminhava para a Conjuração, e tudo respirava odio contra o Christianismo. O desejo de o abolir chegou a inspirar a D'Alembert o mesmo projecto, que

a mania de desmentir as Profecias tinha suggerido a Juliano Apostata, a reedificação do Templo de Jerusalem. Todos sabem como as chammas devorárão, e consumírão os Officiaes empregados nesta obra; e D'Alembert sabia muito bem, que innumeraveis testemunhas havião observado esta prova de vingança Celestial. Podia ler este facto circunstanciadamente em Amiano Marcelino Author incontestavel, ao menos como Pagão, e como amigo de Juliano. Apezar disto D'Alembert escreveo a Voltaire a carta seguinte: „ Vós sabeis sem dúvida, que existe actualmente hum Incircumciso, que „ esperando o Paraizo de Mahomet „ veio visitar o vosso antigo Discipulo da parte do Sultão Mustafá. Eu escrevi outro dia neste „ mesmo paiz, que se o Rei quizesse proferir huma só palavra, „ teriamos huma bella occasião de „ reedificar o Templo de Jerusalem. „ (*Carta de* 8 *de Dezem-*

bro de 1763.) Esta palavra não se disse, e o interesse pôde mais n'alma de Frederico, que o desejo de aniquillar o infame. Como disse o mesmo D'Alembert, temeo perder nesta negociação alguns respeitaveis incircisos, que lhe terião extorquido trinta a quarenta milhões. (Id. *13 de Dezembro*) Voltaire lisongeando-se que seria mais feliz com a Imperatriz da Russia, lhe escreveo, „ Se V. M. tiver huma Correspon-„ dencia aturada com Ali Bey, im-„ ploro para com elle a protecção „ de V. M., e por isso eu lhe sup-„ plico huma pequena mercê. Vem „ a ser: fazer reedificar o Templo „ de Jerusalem, e chamar para a „ Palestina todos os Judeos que lhe „ pagarião hum grande tributo, e „ que o farião hum poderoso Se-„ nhor. „ (*Carta de 6 de Junho de 1771.*)

Era Voltaire quasi octogenario, e ainda proseguia nestes arbitrios de demonstrar aos Póvos, que o Deos

dos Christãos, e seus Profetas, erão outros tantos impostores. Frederico, e D'Alembert se havião adiantado muito na sua carreira; chegava o tempo em que devião apparecer diante daquelle Deos, contra o qual havia tantos annos que tinhão conjurado. Suas cartas nos dizem porque meios, e com que constancia se havião empregado em aniquillar seu Imperio, seus Sacerdotes, e seus Altares: suas mesmas confidencias nos mostrão quaes fosse seus successivos effeitos, e conquistas em o reinado da corrupção, e melhor poderemos divisar, e comprehender suas funestas consequencias, quando chegarmos ao reinado do terror, e dos desastres.

He esta huma verdade amarga para o Historiador, mas elle deve ter animo para a dizer: os progressos desta conspiração anti-christã começárão pelas mais levantadas, e eminentes classes da sociedade, pelos Reis, Imperadores, Ministros,

e por todos os que comprehendemos debaixo do nome de Grandes Senhores. O que receia dizer estas verdades aos Principes, deixa as Potestades do Mundo em huma fatal cegueira. Continuárão a escutar o Impio, e a protege-lo, e a deixar que a impiedade da Corte circule, e gyre livremente pelas Cidades, e das Cidades pelas Aldêas, e Campos, e o Ceo em lugar de se abrandar, terá novos ultrajes que punir, novos flagellos que derrame sobre os Soberanos, e sobre os Póvos. Porém manifestando, e descobrindo estes penosos mysterios, guardemo-nos de tirar delles consequencias que são mais funestas ainda ao repouso dos Póvos. Guardemo-nos de lhes dizer. „ Os vossos Reis sacudirão o jugo „ de Jesu Christo, vós podeis com „ justiça tambem sacudir o jugo dos „ vossos Reis. „ Estas consequencias blasfemarião o mesmo Jesu Christo, sua doutrina, e seus exemplos. Para felicidade dos Póvos, e para

os preservar das revoluções, e dos desastres da Rebellião, Deos só se tem reservado o póder de castigar o Apostata sobre o Throno que occupa. Resistão os Christãos á Apostasia, e vivão sujeitos, e obedientes aos Principes. Juntar a sua impiedade á Rebellião dos Póvos, não he suspender o flagello Religioso, he sim attrahir sobre si mesmo, o mais terrivel dos flagellos, á Anarchia. Não he remediar a conspiração dos Sofistas contra o Altar, he consumar a conspiração dos Sofistas sediciosos contra o Throno, e contra toda a sociedade civil. He imitar os Póvos muito desgraçadamente illusos que rebellando-se contra seus Principes, se submettem ao jugo dos Jacobinos para conhecerem com brevidade, que elle he de ferro, e que goteja sangue: que toda a sua liberdade consiste na destruição dos Templos, na morte dos Sacerdotes, no despojo das riquezas, e dos Póvos opprimidos, e dos Cidadãos de to-

das as classes assustados com o temor das requisições, dos degredos, e das matanças. Sim, devemos prevenir os Póvos contra estas desastradas consequencias. Mas o Historiador não deve guardar silencio sobre a Apostasia dos Grandes. He preciso dizer-lha, para bem seu, e de seus successores para que a mesma revolta contra Deos não chegue a attrahir sobre elles, e sobre as Nações os mesmos desastres.

Na correspondencia dos Conjurados ha mais de huma carta, que mostra, que o Imperador José II. estava envolvido nos mysterios da conspiração anti-christã. Voltaire escreveo immediatamente a D'Alembert. „ Eis-aqui huma novidade in„ teressante „ Grim me assegura, que o Imperador he dos nossos (23 *de Outubro de* 1769.) Para segurar a novidade escreveo a Frederico „ hum Boemo, que tem muito en„ genho, e filosofia, chamado Grim, „ me mandou dizer que V. M. ti-

„ nha iniciado o Imperador em nos-
„ sos santos mysterios (*Novembro*
„ *de* 1769.) Em fim sabe-se o que
„ Frederico respondêra a esta car-
„ ta , pela carta em que Voltaire
„ lhe diz „ V. M. me lisongeou bastante em me dizer que o Imperador estava no caminho da perdição, eis-aqui huma boa colheita para a Filosofia. (21 *de Novembro de* 1770.) Frederico lhe respondeo, que José II. estimava as obras de Voltaire, que as lia, quanto podia, e que não era supersticioso. (18 *de Agosto de* 1770.) Na boca de huim homem para o qual a Religião não he mais que superstição, estas palavras não são equivocas ; querem dizer que José não era menos ímpio que Frederico, e todas as suas acções provárão depois quanto elle havia entrado nas idéas dos Sofistas. A guerra que fez á Religião , foi primeiramente huma guerra de hypocrisia , e se tornou depressa em huma guerra de devastação, de ra-

pina, e de violencia. Supprimio segundo o desejo dos Conjurados hum grande número de Casas Religiosas. Expulsou de suas célas até aquelles Carmelitas, cuja pobreza não deixava a Avareza o menor pretexto de destruição Mudando tudo a seu sabor na Igreja fez ver o preludio daquella famosa *Constituição* chamada *Civil* pelos legisladores Jacobinos, e que fez tantos Martyres Carmelitas. Recebeo o Soberano Pontifice com a affectação de respeito, e não deixou de continuar em atormentar a fé dos Bispos, e dos Póvos do Barbante. Suas perseguições surdas, e suas destruições começárão naquelles desgraçados Paizes a obra que hoje consumão os Jacobinos.

Na mesma Lista dos Adeptos protectores Voltaire, e D'Alembert escrevem o nome de Catherina II. Imperatriz da Russia. O grande titulo, que esta Princeza tinha aos louvores que lhe davão os Sofistas, era sua admiração, pelos seus Corifeos.

Seu mérito para com elles, era ter escrito a Voltaire, que todos os milagres do mundo, não lavarião a nodoa de ter impedido a impressão da Encyclopedia. (*V. suas Cartas a Voltaire* 1, 2, 3, *e* 8.) Era tambem para com elles de grande merecimento, ter destribuido a seus Aulicos a traducção de Belisario, e de se haver reservado para si mesma a traducção do XV. Capitulo, por ser precisamente aquelle em que Marmontel havia refundido todo o seu Filosofismo. (*Carta de Voltaire a D'Alembert Junho de* 1767.) Era em fim ter convidado a D'Alembert para presidir á educação do Principe herdeiro. Com tudo Catherina em lugar de seguir os conselhos de Voltaire, rejeitou constantemente todos os projectos de destruição, que elle lhe propunha. Mais moderada, que Frederico não se aviltou com o tom grosseiro das injúrias, e blasfemias. Os outros Reis, e Principes do Norte achárão seus titulos com-

muns na carta em que Voltaire escreve a D'Alembert. „ Temos por nós a Imperatriz Catherina, o Rei da Prussia, o Rei de Dinamarca, a Rainha de Suecia, e seu Filho, e muitos Principes do Imperio. (*23 de Novembro de* 1770.) Ou na outra carta de Voltaire ao Rei da Prussia. „ Não sei o que pensa Mustafá „ (sobre a immortalidade da alma) „ persuado-me que nem nisso pensa. Em quanto á Imperatriz da „ Russia, á Rainha de Suecia vossa Irmã, ElRei de Polonia, o „ Principe Gustavo, Filho da Rainha de Suecia, creio que sei o „ que eiles pensão. „ (*21 de Novembro de* 1770.) Desgraçadamente estes Soberanos agradecêrão a Voltaire, huns, ter-lhes ensinado a pensar, e de ter livrado os homens do jugo dos Ecclesiasticos, (*V. carta de Christiano VII. Rei de Dinamarca em* 1770, *e de D'Alembert* 12 *de Novembro de* 1768.) outros de ter sido tão util aos progressos da

razão, e da Filosofia. (*Carta de Gustavo III. Rei de Suecia* 10 *de Janeiro de* 1772.) Outros em fim ensinando ás Nações, que formassem votos para que todos os Reis lessem Voltaire, elles julgão desgraçados os viajantes, que o não conhecêrão. (*Carta do Rei de Polonia* 21 *de Janeiro de* 1767.) E quando vemos os Soberanos abatidos a ponto de fazerem hum idolo do inimigo mais encarniçado contra o Christianismo, he quasi impossivel esconder a parte que elles tomárão em suas conspirações. Se as desgraças da Religião recaem sobre elles, releião os cumprimentos que D'Alembert em estilo baixo, e rasteiro fazia a Voltaire. Vós vêdes que a Filosofia começa já sensivelmente a ganhar os Thronos, vosso illustre, e antigo protector o Rei da Prussia começou a dar a impulsão, o Rei de Suecia a continuou, Catherina imita a ambos, e o fará ainda melhor. Hei de rir muito se sen-

do eu vivo, vir que o Rosario se vai desenfiando. (*Carta de 2 de Outubro de 1762.*) Mas vejão qual seja o outro Rosario que se vai desengrazando. Os Altares cahem por toda a parte, mas Gustavo morreo assassinado. O Rei Luiz XVI. guilhotinado, Luiz XVII. em huma prizão, o Rei Poniastowski desthronado: e os Adeptos filhos de D'Alembert riem, como elle seria, que os desastres do Throno succedão, e se sigão tão proximos aos desastres do Altar.

Entre os Soberanos do Norte ha ao menos huma excepção que fazer a favor de Jorge III. de Inglaterra. Se os Sofistas tivessem descoberto nelle alguma coisa mais que hum Principe amado dos Vassallos, e que o merece ser: se tivessem visto outra coisa mais que hum Rei bom, justo, sensivel, benéfico, e zeloso de manter, e conservar a liberdade das Leis, e a felicidade da Europa, e de seu Imperio, se elles tivessem

descoberto hum Impio que secundasse todas as suas machinações, não terião deixado de o transformar no seu Antonino, no seu Marco Aurelio. Mas elles emudecem a respeito deste homem, e não he pequena vantagem para hum Principe existir nullo na historia de suas conspirações, quando a historia da Revolução o encontra tão activo para lhe suspender os desastres, tão grande, e tão generoso para consolar as suas victimas.

Em quanto aos Reis do Meio-dia, he preciso fazer-lhe justiça, e dizer que os Sofistas em lugar de os contar entre seus Adeptos, se queixão pelo contrario de os achar ainda muito distantes do Filosofismo. Mas em desforra, a lista dos Adeptos se augmenta com o nome de muitos Principes do Imperio. Acha-se no principio o nome de Frederico Landgrave de Hesse-Cassel, que dá a Voltaire sinceros agradecimentos, pelas lições de impiedade,

que delle tinha recebido; e para lhe provar quanto havia aproveitado, toma por divertimento ajuntar contra Moysés, e contra o Evangelho, objecções a penas dignas de hum principiante em litteratura. (*V. as cartas deste Principe 9 de Setembro, e 1 de Novembro de* 1766.) Depois delle, se acha o nome de Eugenio, Duque de Wurtemberg, julgando-se mais Filosofo que Socrates, quando se achava em Fernei. (*Carta do 1.° de Fevereiro de* 1766.) O do Duque de Brunswick tão festejado por D'Alembert em opposição ao Principe de Duas Pontes, que protegia os Frerons, e a canalha. O de Carlos Theodoro, Eleitor Palatino, que convida, e solicita a Voltaire para lhe vir dar lições em Manhein. (*Carta do 1.° de Maio, e a carta 38 em* 1762.)

Entre as Adeptas protectoras se distingue Wilhelmina Margrave de Bareith, que se chamou Soror Guillemeta, quando escreveo, e saudou

a Voltaire, jurando-lhe, que ella se edificava mais com as suas cartas, que com as de S. Paulo. Que os Jesuitas, e Jansenistas nada entendêrão, e que ella tinha posto hum particular estudo em conhecer o coração humano. Virão-na depois disto dando suas decisões sobre materias de consciencia, sobre a aversão ao soffrimento, e amor ao prazer, quasi como o teria feito Helvecio, que teria sido menos vão, se não tivera feito mais que repetir sobre todos estes objectos as lições de Filosofia transformada em roca, e fuso. (*V. as cartas desta Princeza 25 de Dezembro de* 1751, *e* 1.° *de Novembro de* 1752.) Sem entrar nestas discussões profundas Voltaire se contentava com o poder de ajuntar nomes novos a esta Lista. Se lhe quizermos dar crédito desde o anno de 1766 não havia n'Alemanha hum só Principe, que não fosse Filosofo, quer dizer, que não houvesse deixado como elle de crer no Evange-

lho. (*Carta ao Conde de Argental 26 de Dezembro de 1766.*) Ha muitas excepções que fazer nesta proposição: mas ellas ficão compensadas com o grande número de homens das primeiras jerarchias do Estado, que pensão com elle.

Na Corte de Luiz XV. os Sofistas forão especialmente protegidos pelo Conde de Argenson, pela Meretriz Pompadour, pelo Duque de Choiseul, e por Mr. de Melesherbes. Este ultimo lhes foi muito util, favorecendo com toda a sua authoridade a publicação das suas producções. Seu ministerio lhe confiava a observancia das Leis relativas á impressão: elle as abolio todas com huma palavra, dizendo que qualquer livro, ou Impio, ou Religioso, nada mais era que hum objecto de Commercio. Nenhum Ministro foi tão amavel aos Sofistas como este foi. Elles o consideravão como hum homem que tinha quebrado os ferros da Litteratura. (*Carta de Voltaire*

a D'Alembert 30 *de Janeiro de* 1764.) Vinhão chegando os annos em que os crimes dos Jacobinos lhe devião ensinar, e o obrigarião a confessar que tal foi este Commercio para os Sofistas Pais dos Regicidas.

Apenas Luiz XVI. sobio ao Throno, Voltaire escreveo a Frederico. „ Eu não sei dizer se o nosso Rei „ novo caminhará pelas vossas pé„ gadas, mas eu sei que elle tem „ Filosofos por seus Ministros ex„ ceptuando hum só. „ (3 *d'Agosto de* 1775.) Este Principe teve com effeito a desgraça de viver cercado de Filosofos em quanto existio no Throno. Teve ao seu lado aquelle Turgot, cujas suppostas virtudes tanto exaltão os Sofistas, e no qual a correspondencia de Voltaire, e de D'Alembert apenas nos mostrão hum homem, cuja unica attenção era esconder sua impiedade com medo de prejudicar os projectos de sua ambição, e fortuna. Era com effeito, em

todo o rigor do termo, hum Encyclopedista; e D'Alembert guardava profundo segredo sobre os Artigos, que elle lhe havia communicado. Quando visitava Voltaire, D'Alembert se encarregava de prevenir o Filosofo de Fernei, dizendo-lhe que este Turgot era hum homem cheio de Filosofia, hum *Cacouac* de grande probidade, porém que tinha razões muito fortes para se não dar a conhecer, porque a *Cacoauqueria* não abria passo para grande fortuna. (*Carta de 22 de Setembro, e 8 de Outubro de 1760.*) Voltaire extasiado com as visitas desta personagem deo a conhecer o apreço que della fazia, quando disse a D'Alembert: *se tendes muitos sabios deste calibre em vossa Seita, então acabou-se o infame.* (*17 de Novembro de 1760.*) Foi extrema a alegria dos Sofistas Conjurados vendo subir ao Ministerio hum Adepto tão addicto a suas conspirações; sua quéda porém foi muito prompta, e não

póde realizar o grande objecto. Os Conjurados lançárão os olhos sobre Necker, e o fizerão entrar no lugar de Turgot. Este Necker he o mais ambicioso, e ao mesmo tempo o mais hypocrita de todos os Sofistas deste seculo. Sua casa foi sempre hum Club de Sofistas, que para o applaudir fizerão soar todas as trombetas da Fama. Fallavão delle quasi tanto, como elle fallava de si. Suas profundas intrigas o aproximárão ao Throno, e elle lhe preparou todas as desgraças. Foi deposto, mas tornou a servir para as continuar, e ultimar entregando o Throno, e o Altar aos Jacobinos.

Luiz XVI. teve tambem a seu lado aquelle Brienne, que os Sofistas tinhão querido fazer Arcebispo de París, para attrahirem pela apostasia da primeira Diocese, todas as outras do Reino. Este monstruoso Prelado não sobio ao Ministerio senão para dar a conhecer sua incapa-

cidade, como até então tinha mostrado sua impiedade.

Desta sorte se hia inficionando o Ministerio de Conjurados ímpios. Se dermos crédito aos seus Chefes, todas as altas classes da Sociedade erão igualmente compostas de Adeptos seus. » Estai seguro, escrevia elle a Helvecio no anno de 1763, que a Europa está cheia de homens razoaveis, e que abrem os olhos á luz. Na verdade, seu número he prodigioso, e ha dez annos que não descubro hum homem de qualquer Religião, e paiz que seja, que não pense como nós pensamos » quer dizer, que não seja hum verdadeiro materialista. Dois annos depois, com a mesma confiança annunciando os progressos da sua Conspiração a seu favorito atheo Damilaville, lhe diz: a victoria se declara por nós de toda a parte, e vos affirmo que dentro de pouco tempo só veremos a canalha militar debaixo dos estandartes de nossos inimigos. »

Quando elle entra no detalhe de suas conquistas, o Catalogo dos Adeptos se enche de nomes, que annunciavão a nobreza, e as virtudes de familias illustres, e que só para elles forão de preço desde o dia, em que declaravão homens apegados ao systema de sua impiedade. Vio-se nesta lista hum descendente de Crillon, hum Principe de Salm, e o Duque de Usez, que felizmente acharia no dia de hoje outros sentimentos muito differentes na sua familia. Achão-se entre estes Adeptos Condes, Marquezes, Cavalheiros, e Magistrados sentados nas cadeiras dos Parlamentos. Advogados Geraes, taes como Duchí, Castillon, Servan, Lachalotais; achão-se grandes Senhores Suecos, como o Camarista de Jenning, o Embaixador Conde de Creux; Senhores Russos como o Principe Gallitzin, o Conde Schouvalow; Senhores Hespanhoes como o Duque d'Alva, de Villa Hermosa, o Marquez de Mora, e o Conde de Aranda.

Porém com mais especialidade entre os Escriptores do Seculo se multiplicárão estes Adeptos. Apenas Voltaire se mostrou ímpio, o imperio das letras se encheo de Sofistas cobertos com a capa da Religião, que bem depressa depozerão. A' sua frente appareceo aquelle João Jaques, cujo nome só basta para annunciar hum homem, que podendo disputar a gloria do genio, não o quiz exceder senão para dar á impiedade huma linguagem mais triunfante, e a seus Sofismas hum verniz mais seductor. Buffon não quiz ver seu nome entre os dos Conjurados, porém servio-os a seu pezar com a mania dos systemas. Boulanger, e o Marquez d'Argens não se retractárão senão depois de lhes haverem consagrado muitas das suas producções. Na multidão dos outros Adeptos escriptores se distinguem sobre tudo Freret, Helvecio, e aquelle Marmontel, que hoje fazem arrependido como la Harpe, mas que não tem

ainda manifestado a mesma coragem. Mas que todos estes Adeptos, mais que o mesmo Voltaire com todo o seu odio a Jesu Christo, o atheo Condorcet não teve outro arrependimento mais que o da raiva, e desesperação. Se elle morreo como viveo, seu maior arrependimento entre as chamas vingadoras, será o de não poder dizer mais. *Não existe Deos.*

Se se quizesse comprehender debaixo do nome de *Clero* tudo o que em França trazia o semivestido Ecclesiastico, e todos aquelles a quem se dava em París o nome de *Abbades*, poderiamos dizer, que desde o principio da Conjuração, Voltaire, e D'Alembert tiverão Adeptos até nos degráos do Altar. Logo se lhes alistárão os Abbades Morelet, Beaudeau, Barthelemi, Raynal, bem como hoje ainda estão alistados os Abbades Noel, e Syeys. Porém, nem o mesmo Povo confundia estes Entes amfibios com o verdadeiro Cle-

ro. Este corpo com effeito não se compunha de todos aquelles homens, que adoptárão seu uniforme, huns para terem parte nos Beneficios da Igreja, deixando as suas funcções, outros por huma sórdida economia, e para se introduzirem nas sociedades com hum vestido mais simples, que elles aliás deshonravão com seus escritos, e costumes. O Clero não tinha verdadeiros membros, senão os que pertencião ao serviço do Altar, e deste número, Briene era o unico que D'Alembert contava no número de seus Adeptos. O resto dos Pastores não era de todo innocente a respeito dos progressos de conjuração contra Jesu Christo. Sem dúvida não se encontrava, entre elles, ou não se via mais que hum pequeno número de verdadeiros ímpios, de homens que tivessem perdido a Fé. Mas não basta que os Apostolos conservem intacto o deposito das verdades religiosas, o exemplo, mais ainda que as lições

deve repellir a impiedade, e desgraçadamente entre estes homens dados ao serviço do Altar, se achavão muitos, cujos costumes não erão dignos do santuario. A affectação que os ímpios, e mundanos mostrão em exaggerar estes abusos, não nos deve servir de motivo para os dissimularmos, he preciso que a nossa confissão sirva de exemplo aos successores. Mas a verdade deve fazer hum obsequio á historia, dizendo, que o corpo do Clero permaneceo bom, e fiel. Por graça do Deos que elle prégava ao Povo, elle o soube mostrar, quando vio a impiedade, ufana com seus progressos, deixar cahir a mascara. Então se mostrou mais forte que a mesma impiedade, deixando-se morrer, ouvindo sem temor chegar os rigores de hum longo degredo. Nem seus primeiros Pastores, nem seus Doutores tinhão esperado por este tempo para se oppôr aos Conjurados. Christovão de Beaumont, o Ambrosio de París, o

Cardeal Luynes. Mr. de Pompignan, Bispo de Pey, Mr. de Beauvais Bispo de Senez, e huma grande parte dos Prelados Francezes oppozerão suas religiosas instrucções ás instrucções dos Sofistas. A Sorbona rasgou os véos á impiedade com suas censuras. Os Abbades Bergier, Houteville, Duguet, Quenée, Gerart, e outros muitos fazião reviver os Justinos, e os Athenagoras contra os Porfyros, e Celsos modernos. Os Oradores Christãos premunião sem cessar seus ouvintes contra a impiedade. Estes esforços retardárão os progressos da Conjuração. Poucos annos depois da primeira apparição da Encyclopedia, era já tanta a confiança de D'Alembert, que escreveo a Voltaire, dizendo-lhe,, Deixai trabalhar a Filosofia, que em menos de vinte annos a Sorbona, toda Sorbona como hè, excederá Lausana,, quer dizer, certo Ministro de Lausana, que tinha enviado pelas mãos de Voltaire os artigos mais ímpios

para serem inseridos na Encyclopedia. (*Carta de D'Alembert de 21 de Junho de 1757.*) Voltaire ampliando a Profecia, lhe escreveo no anno seguinte „ deixai passar vinte annos, e Deos terá a sua demissão. „ (*25 de Fevereiro de 1758.*)

Tudo com effeito annunciava em cada parte da Europa, que o reino da impiedade não estava muito distante. A correspondencia destes Conjurados, os mostra assiduos observadores de tudo quanto se passava em torno delles, escrevendo huns aos outros, humas vezes „ que o mundo se desabusava, e que de toda a parte se annunciava huma revolução nos espiritos; outras vezes, que a sua Filosofia se fortificava n'Alemanha Septentrional, e que penetrava até na supresticiosa Boemia, e Austria, que o ultimo dia dos Theologos, e Defensores da Religião tinha amanhecido na Prussia, e que hia chegando á Polonia. Que a Russia seguia os mesmos passos, que a

mesma revolução lavrava na Italia, e na Hespanha, que ainda que o Povo permanecia na ignorancia, a mesma Filosofia abrangia já o Povo, que não havia vinte pessoas em Genebra, que não abjurassem Calvino, como abjuravão o Papa. Que havia Filosofos até nas lojas dos officiaes, que se não encontrava hum unico Christão desde Genebra até Berne. Que a Inglaterra se enchia de Socinianos, que aborrecião, ou desprezavão o que Juliano Apostata aborrecia, e desprezava, isto he, o Deos dos Christãos. Que a Filosofia em fim podia ser batida, mas que já não podia ser vencida. » (*Carta de Voltaire 15 de Abril de 1765 — 4 de Setembro de 1767 — 20 de Dezembro de 1768 — 8 de Novembro de 1773 — 8 de Fevereiro de 1776 — De Federico carta 143 anno 1765 — De D'Alembert 5 de Novembro de 1776, etc.*

O orgulho dos Conjurados podia

exaggerar estes successos, mas não deixou de ser verdade, que nos ultimos annos de Voltaire, e de D'Alembert a geração religiosa se extinguia. As palavras — *Razão*, *Filosofia*, *Preoccupação*, occupárão o lugar das verdades reveladas. As excepções, que se podião fazer na Corte, nos Tribuaes, e nas Classes superiores, cada dia se tornavão mais raras. A impiedade passou da Capital ás Provincias; dos Senhores, e Nobres aos Mechanicos, dos Amos aos Criados. Mas estes não forão só os desgraçados successos de que Voltaire se podia lisongear. Tinha-se levantado como cabeça dos Sofistas da impiedade, e antes da sua morte se vio tambem levantado cabeça dos Sofistas da Rebellião. Tinha dito a seus primeiros Adeptos, pulverizemos os Altares, não fique para o Deos dos Christãos hum só Templo, hum só adorador, a sua escola não tardará em dizer „ quebremos todos os Sceptros, não haja na

Terra hum só Rei, e hum só Throno. Os arquivos dos Conjurados Sofistas da impiedade, nos bastarão, para demonstar a existencia, os authores, os meios, os Adeptos, os progressos desta primeira conjuração, dirigida toda contra o Deos do Christianismo. Suas confissões, e seus escritos nos bastarão ainda para mostrar a Conjuração, que elles formárão como Sofistas da Rebellião, aquella Rebellião, que dirigírão contra os Reis. Toda a marcha destes novos attentados, que exporemos na segunda parte, nos conduzirá até á morte de seus primeiros Authores.

Fim da primeira Parte.

O SEGREDO REVELADO

OU

Manifestação do Systema dos Pedreiros Livres, e Illuminados, e sua influencia na fatal Revolução Franceza,

OBRA EXTRAHIDA

Das Memorias para a Historia do Jacobinismo do Abbade Barruel, e publicada em Portuguez para confusão dos Impios, e cautéla dos verdadeiros amigos da Religião, e da Patria.

POR

JOSE' AGOSTINHO DE MACEDO,
PRESBYTERO SECULAR.

LISBOA,
NA IMPRESSÃO REGIA.
ANNO 1810.
Com licença.

Vende-se na Loja de Desiderio Marques Leão, no largo do Calhariz, N.° 12.

O SEGREDO REVELADO

OU

Manifestação do Systema dos Pedreiros Livres, e Illuminados, e sua influencia na fatal Revolução Franceza,

OBRA ENTRANHADA

Das Memorias para a Historia do Jacobinismo do Abbade Barruel, e publicada em Portuguez para confusão dos Impios, e cautela dos verdadeiros Fregues da Religião, e da Patria.

POR

JOSÉ AGOSTINHO DE MACEDO,

PRESBYTERO SECULAR.

LISBOA,

NA IMPRESSÃO REGIA.

ANNO 1806.

Com Licença.

Vendese na Loja de Francisco Marques Leão, no largo de Calhariz, N.º 14.

PREFAÇÃO

Do Redactor Portuguez.

OS golpes que os Impios cobertos com a capa da Filosofia descarregárão sobre a nossa Santa Religião, ousando sem rebuço atacalla, e proscrevella em os primeiros frenesins da Revolução, tinhão sido muito d'eante mão premeditados como vimos em a primeira parte deste tratado. A perseguição tinha sido systematica, e conduzida com todos os esforços de huma vigilante malicia, até ao momento da explosão. Desde a mais insignificante brochura daquellas que entulhavão todos os dias as ruas, e os Botequins de París, até a enorme, e immensa compilação, que se chama *Encyclopedia*, tudo se encaminhava a perverter animos fracos, e dispôr corações já corrompidos pelo crime,

para a grande obra da iniquidade, que se devia descaradamente patentear á face do Universo, quando os Sofistas sem rubor, e sem medo dissessem na Tribuna da Convenção, que era preciso estabelecer o Naturalismo sobre as ruinas do Evangelho (sacrilegos, mas inuteis projectos!) Esta destruição da Ordem Religiosa, devia necessariamente conduzir os desasizados, freneticos, e muito voluveis Francezes, para a destruição da ordem politica, e civil, em que os Póvos tranquillamente existião. A huma desgraça se devia succeder a outra, sem que as cabeças, que se dizião calculantes, podessem prever o profundo Abysmo em que se hião precipitar a si, e precipitar os homens. França deve as suas desgraças áquelles mesmos Genios, a quem ella adorava, e reconhecia como timbres, e brazões da especie humana: formárão a sua ruina politica com aquellas mesmas luzes, com que di-

zião que illustravão os Póvos. As suas Theorias em Politica, produzírão os mesmos effeitos que havião produzido as suas Theorias em Moral. Destes malvados enthusiastas nascêrão os abalos, que tem soffrido os Thronos da Europa. A conjuração contra os Monarcas, he tão universal como a Seita que a formou. Tiverão, e ainda conservão ramificações muito espalhadas, e ainda lavra sua pestifera contagião. He verdade que os olhos do homem Christão, e verdadeiro fiel, descobrem hum manifesto, e sensivel castigo da Justiça Divina contra estes Impios machinadores da destruição da authoridade Monarchica. Queixavão-se que vivião debaixo do jugo do poder arbitrario, e estão gemendo agora debaixo do mais atroz despotismo, e mais pezada tyrannia que os Seculos virão. Nem hum só dos que tanto escrevêrão, nem hum dos ocos Declamadores, que aturdião o Mundo com suas lamen-

tações, e promettião aos Póvos a felicidade no abatimento da Monarchia, colheo o mais pequeno fruto das suas fadigas; e se algum delles existe escapado ao ferro, ao degredo, e á proscripção, he para permanecer obscura, e desesperada testemunha dos males que causára aos seus semelhantes. O homem de bem, o verdadeiro Patriota, o Portuguez virtuoso, desejaria com todo o coração remediar tão grandes, tão funestos males, cujos symptomas se tem manifestado tanto em alguns desertores da nossa conhecida fidelidade, e adhesão aos nossos Principes. Hum dos primeiros remedios do mal, he conhecello; e hum dos grandes serviços feitos á Patria, e á Religião, he manifestar estas maquinações surdas, estas marchas das trévas, e da perfidia, para pôr em cautéla animos innocentes, e vedar desta maneira, que se desenvolva o germem pernicioso da desordem, e anarquia. Assim se estreitárão mais

os laços que unem os verdadeiros amigos da Patria, da Religião, e do Throno.

Algumas almas tímidas, e pouco sensiveis á deliciosa impressão de huma consciencia pura, e que se felicita com o conhecimento de haver cumprido com os deveres Patrioticos, poderão dizer, que me arrisco muito na manifestação destes impios segredos, e que poderei incorrer na indignação dos Pedreiros Livres, e Illuminados que formigão entre nós. Em primeiro lugar, que coração por pusillanime que seja, temerá hum bando de miseraveis obscuros, e até famintos, hum tropel de ignorantes infatuados, huns automatos verbosos, tão estaveis nos Botequins como os mesmos bancos em que se assentão? O primeiro dever do homem honrado he denunciar esta pestifera canalha ao Tribunal do Genero Humano. Miseros Pigmeos! Quem poderá temer espesinhar estes insectos, que ainda

entre nós se atrevem a militar debaixo das ordens de hum ridiculo novellista, que ao longe ladra, triste, e indigente Redactor do Correio Braziliense. São estes os homens temiveis em quem não assoma o menor raio de sizo commum! Armão-se de insultos, mas estes insultos são pulverisados de hum só golpe pelo sagrado fogo do Patriotismo. Nunca os temi, e nunca me calei, nem nos calamitosos dias do nosso captiveiro. Perigasse a minha existencia, eu appareceria com hum merecimento diante de Deos, e ainda agora morreria contente, se a minha morte salvasse a liberdade da Patria, a conservação do Throno, e a gloria da Religião.

Conheça pois o Povo Portuguez quaes forão as manobras dos amotinadores no abatimento da Monarquia. Não quero que o meu trabalho tenha agradecimento, eu já de ante-mão o levo em cumprir todos os deveres que de mim exige a minha amada Patria.

SEGUNDA PARTE.

Conspiração dos Sofistas da Rebellião contra os Monarcas, e primeiras maquinações, que preparárão a fatal Revolução Franceza.

AQuelles mesmos homens, que se dizião Filosofos, e que conjurárão na ruina do Christianismo, são os mesmos, que conjurárão tambem na ruina dos Monarcas. Os annaes, e as memorias existentes dos mesmos damnados Sofistas, são as provas manifestas de huma semelhante conspiração. Além destas authenticas confissões, vemos em seus escritos, que até se gloriavão de haverem conspirado contra os Reis, como havião conspirado contra a Religião

de Jesu Christo. Elles mesmos descobrem, e publicão todos os artificios de ambas as conspirações · e nos assoalhão a constancia que tiverão em começar, e continuar estas tramas como hum verdadeiro titulo, e crédor do nosso respeito, e admiração.

O primeiro testemunho de que a Historia se deve lembrar, he o de *Condorcet*. Depois de haver representado como rebelde, e como impio hum papel tão notavel em a Revolução, este entonado Sofista, intenta, em huma muito magra producção, descobrir a marcha do engenho humano na escola da razão. Suppõe seus leitores chegados ao meio do Seculo XVIII., e eis-aqui a trama, que elle nos patenêa como hum troféo de sua Filosofia incendiaria.

„ De repente se levantou, e appareceo na Europa huma classe de homens menos occupados em indagar, e descobrir a verdade, que em

propagalla: homens que se votárão á perseguição das preoccupações nos mesmos asylos em que o Clero, as Escolas, os Governos, e Corporações antigas as tinhão acolhido, e protegido; homens que fizerão gloria de destruir os erros populares, mais ainda do que dilatar os limites dos conhecimentos.

Em Inglaterra Collins, e Bolimbroke, em França Bayle, Fontenele, Voltaire, Montesquieu, e as escolas formadas por estes homens combatêrão a beneficio da verdade, empregando sem intermissão as armas, que a erudição, a filosofia, o engenho, e o talento de escrever podião fornecer a razão tomando todos os tons, e empregando todas as formas desde o burlesco até ao pathetico, desde a compilação a mais sabia, e a mais vasta, até ao romance, e epigramma, cobrindo a verdade com hum véo, não tão espesso que não deixasse o prazer de a advinhar. Animavão as preoccu-

pações com habilidade, para lhes descarregar depois golpes mais certos, sem ameaçar ninguem, e consolando muitas vezes os inimigos da razão, parecião que não desejavão na Religião, mais do que huma semitolerancia, e na Politica huma semiliberdade. Atacavão o despotismo, quando combatião os absurdos Religiosos, e o culto, quando se levantavão contra o Tyranno: atacavão estes dois flagellos no seu principio, quando mostravão que não querião mais que combater os abusos: dessipavão estas funestas arvores em suas raizes, quando parece, que se limitavão ao córte de alguns ramos ociosos, e infructiferos; humas vezes dizendo aos amigos da liberdade, que a suprestição, que cobre o despotismo com hum véo impenetravel, deve ser a primeira victima que se sacrifique; e a primeira cadeia que se deve despedaçar: outras vezes, pelo contrario, elles a denunciavão aos Despotas como

verdadeira inimiga de seu poder, e atemorizando-os com o quadro de suas hypocritas maquinações, e sanguinarios furores, mas não deixando jámais de reclamar a independencia da razão, e a liberdade de escrever, como hum direito, e salvação do genero humano. Levantando em fim, como hum grito de guerra » Razão, Tolerancia, Humanidade. »

Tal foi a nova Filosofia, objecto do odio commum das numerosas classes que parece não terem outra alma, e outra existencia mais que as preoccupações. Seus cabeças tiverão sempre a habilidade de escapar á vingança, expondo-se á indignação, souberão igualmente furtar-se á perseguição não se escondendo tanto, que offuscassem a gloria de que se coroavão » (Esbosso do quadro do engenho humano por Condorcet, époc. 9.ª)

Com effeito a Rebellião, e a Impiedade escolhêrão a pessoa, e

a penna de Condorcet para expôr a época, o objecto, os meios, e todos os artificios da maldade daquellas conspirações, que primeiro se formárão contra a Religião, e depois contra os Monarcas. E este Adepto tão especialmente iniciado nos mysterios dos Sofistas deo a conhecer com evidencia que o juramento de destruir os Thronos, se devia seguir immediatamente ao de destruir os Altares. Elle retrata ao natural os Sofistas seus Confrades, quando diz, que elles tomavão todos os tons, e empregavão todas as formas, animando de hum lado os Soberanos para os animar contra a Religião, e de outro lado contemporizavão com a Religião, procurando tornar-lhe odiosos os Soberanos, e depois disto clamando que a Religião era a primeira victima que se devia sacrificar, para caminhar por este estrago, á ruina, e á morte dos Monarcas.

Não he só a confissão de Con-

dorcet a que nos attesta a reunião de ambas as conspirações. Quasi todos os Sofistas que supervivêrão aos seus primeiros authores, para serem testemunhas de seus effeitos em a Revolução Franceza, trabalhão por attribuir esta gloria aos seus respectivos Patriarcas. O atheo *Lamétherie* apenas vio chegar a Revolução, gritou logo » aproximárão-se os ditosos instantes, em que a Filosofia deve apparecer triunfante. Seus mesmos inimigos confessão que ella produzio os acontecimentos que distinguîrão o fim do Seculo passado. O mesmo Sofista se lisongeia com a esperança de que produzirá os mesmos effeitos até no Egypto, na Assyria, e na India (v. obs. sobre a fysic. hist. nat. discurs. prelim.) O Comentador, e Continuador de João Jaques, promette a mesma ventura aos Sofistas (Suppl. ao Contrat. social 3.ª part. Cap. II.) Apenas se atacou, e se demolio a Bastilha, o Sofista Alfonso escreveo

a hum Cavalheiro , que detestava a insurreição = Senhor Conde , não se illuda , e repare , que isto não he acção de huma tempestade , a Revolução está feita , e consummada ; ha muitos annos que os maiores genios da Europa a havião preparado , e em todas as Cortes tem sequazes , e partidistas. (Inda mal que tantas provas desta horrivel verdade temos visto em a nossa Lisboa !)

Estes testemunhos , e outros ainda mais indubitaveis , e sobre tudo os elogios , que ressoárão tantas vezes na Tribuna dos Legisladores Jacobinos , a favor dos Sofistas , não nos deixão lugar á menor dúvida sobre a conspiração tramada de muito longe , contra o Throno , por aquelles Adeptos da impiedade , que depois se tornárão em Adeptos da Rebellião. Com tudo , Voltaire não representou aqui o mesmo papel , que havia representado nas conspirações contra o Altar. Entrou nesta

conspiração quasi a seu pezar, e levado, ou arrastrado pela indole do seu filosofismo, e pelo exemplo de seus mesmos discipulos, pouco interveio aqui a sua propria inclinação. Amava os Soberanos, se podesse achar em todos apadrinhadores da sua impiedade. Vós amais a razão, e a liberdade, lhe escrevia D'Alembert, e não se póde amar huma, sem querer bem a outra. (19 *de Janeiro de* 1769.) Esta razão, continúa elle, não he mais que a filosofia, e esta liberdade não he mais que a liberdade Republicana. Com effeito, ainda que Voltaire tivesse alguma affeição aos Reis, e aos Grandes, ainda que elle na sua casa de campo representasse a parte de huma Personagem illustre, vio-se este homem, sempre inquieto em suas cartas e escritos, passar insensivelmente de todos os principios da igualdade, e liberdade anti-religiosas, a todos os da igualdade, e liberdade anti-monarquicas. Por ex.,

na primeira edição de suas Epistolas se havia contentado com dizer:

» São diversos os mortaes,
» Seus estados são iguaes.

Seus discipulos quererião na verdade, que elle dissesse, e escrevesse antes o inverso de huma semelhante trova:

» Ha nos mortaes igualdade,
» Nas ordens diversidade.

Tudo isto conseguírão deste docil mestre, temeo ficar abaixo de seus discipulos, e envolveo-se nos seus sentimentos, mostrando o mesmo odio aos Reis, que havia mostrado á Religião.

Natureza nos deo cinco sentidos
Os Monarcas tem mais? Seu corpo, e alma
São feitos d'outra especie, ou de outra massa?

(V. Var. da Edição de Kell.)

Esta foi a mesma linguagem, que se escutou á Populaça, no momento de desthronarem Luiz XVI. Com tudo Voltaire, que tinha posto em versos estas rapsodias do vil Jacobinismo, fluctuou ainda entre os Reis, e as Republicas. De hum lado não podia deixar de admirar os Soberanos, cuja historia elle escrevia, de outro lado considerava as Monarquias como hum governo, debaixo de cujo jugo o espirito humano permanecia em escravidão; (*Carta ao Conde de Argenson 8 de Agosto* 1743), e escrevia tambem á D'Alembert (guardai-me o meu segredo sobre tudo dos Reis, e dos Ecclesiasticos.) (12 *de Dezembro de* 1757). Pouco a pouco se foi costumando a descarregar golpes contra os Reis, e contra a Nobreza, e muito mais contra os Ecclesiasticos. Eis-aqui o que elle tinha feito declamar nas taboas do Theatro.

„ Esses Padres não são tudo o que o Povo
„ Cégo até agora, e crédulo imagina:
„ Augmenta seu saber, nossa ignocia.

Edipo Trag.

Não houve miseravel casa de Opera, onde se não repetisse mil vezes depois:

„ Hum Soldado feliz, foi Rei primeiro,
„ Não carece de Avós, quem serve a Patria.

Merope Trag.

Estes versos forão tão caros, e preciosos aos Jacobinos, porque Voltaire soube encerrar nelles com grande dexteridade todos os principios da sua Revolução. Quanto mais se avançava em idade, mais suas differentes obras se enchião de panca-

das , e sarcasmos contra os Reis. Em fim nós o veremos declarado Chefe , e Presidente do Club , em que os Sofistas continuárão com o maior affinco sua conspiração contra o Throno. Alguns dos nossos Revolucionarios parecião desconhecer os serviços que elle lhes havia feito nesta materia. Condorcet o vingou , dizendo que = sem Voltaire ainda a Europa toda estaria supresticiosa , e que continuaria ainda a permanecer escrava. (Vid. de Volt. Edição de Kell.) Os Sofistas do Mercurio Francez assentárão que esta apologia de Voltaire era muito fraca , e escrevêrão = » Parece que he impossivel descrever dignamente as infinitas obrigações , em que o genero humano deve estar a Voltaire. » As circunstancias da actual Revolução não dão huma excellente occasião de as publicar , = Voltaire não vio tudo o que fez , mas elle fez tudo o que nós estamos vendo. Os observadores illuminados , os que soube-

rem escrever a Historia, provarão aos que sabem reflectir, que o primeiro author desta grande Revolução, que espanta a Europa, e que derrama a esperança entre todos os Póvos, e a inquietação em todas as Cortes, he sem dúvida Voltaire. Foi elle o que fez alluir a mais formidavel barreira do despotismo, o poder Religioso, e Sacerdotal. Se elle não quebrasse o jugo dos Ecclesiasticos, nunca se quebraria o dos Tyrannos. Hum, e outro pezavão juntamente sobre as nossas cabeças, e se conservavão tão unidos, e ligados que sacodido o primeiro, era infallivel a ruina do outro. A alma do homem só pára na sua independencia, quando cahe na escravidão. Voltaire a resgatou costumando-a a julgar por todas as faces aquelles que a assoberbavão. O Juizo dos sabios, prepara as Revoluções, e o Povo, he quem as conclue. (*Merc. de França sexta feira 7 de Agosto de 1790.*)

Desta arte os Sofistas conjurados reconhecião, e publicavão a parte que Voltaire tivera na Revolução, que começou pelo assassino dos Ecclesiasticos, para conduzir Luiz XVI. ao cadafalso. Se os serviços de D'Alembert não se annuncião em todos os seus escritos públicos, as suas cartas a Voltaire, não são nada equivocas. Ellas dizem com assás clareza, que elle fizera contra os Reis, como contra Christo, tudo o que lhe era possivel fazer, sem se expôr á publicidade, sobre tudo, fazendo executar pelos outros o que elle não podia executar por si mesmo. Observa-se este homem surdamente turbulento, humas vezes dando por cartas parabens a Voltaire, por ter contribuido para a propagação dos sentimentos de hum Filosofo Republicano, juntamente com a liberdade, exhortando-o a combater *pro aris, & focis*, e logo queixando-se de não poder combater como elle, e pela mesma causa, confes-

sando que tinha as mãos ligadas pelo despotismo ministerial, e sacerdotal, e finalmente não querendo que o seu Confrade ignorasse, que conservava dentro de seu coração tanto odio, como elle conservava aos Despotas. (*Cart. a Volt. 19 de Jan. de 1769, e 25 de Janeiro de 1770.*)

Poderão dizer entre nós os sequazes desta cáfila devastadora, que se póde muito bem aborrecer o despotismo, sem detestar os Reis. Pois saibão, que os Déspotas contra quem clamavão, e vociferavão Voltaire, e D'Alembert não são os Imperadores da Turquia, do Mogol, ou da China, são os Reis, debaixo de cujo dominio os Sofistas vivião na Europa. Como *Superstição*, *Fanatismo*, e *Religião* são para elles huma mesma coisa, assim tambem estes nomes de *Déspotas*, *Reis*, *Tyrannos*, *Soberanos* são sinonymos na sua escola.

A Impiedade de Voltaire tinha

produzido este odio ao poder Monarquico: este sentimento foi o primeiro gráo da Revolução. Os systemas da Seita o corroborárão, e fortalecêrão. Hum Adepto, que sendo Ministro de Luiz XVI. se deveria oppôr com maior denôdo, e vigor a estas idéas contra a authoridade dos Reis, foi o Marquez de Argenson. Para o chamar á Hollanda, Voltaire lhe propunha sempre a igualdade, a liberdade, as municipalidades republicanas, de que elle gostava, e que observava naquelles paizes. O Marquez de Argenson que fazia mais alguma coisa, se as estabelecesse em França. A este malvado se deve a primeira idéa da nova divisão do Reino, em outros tantos estados menores chamados no ministerio de Necker administrações Provinciaes, e no dominio revolucionario de Target, e Mirabeau, Departamentos. Desde o primeiro passo que deo Luiz XVI. para estas administrações, as Provincias se en-

chêrão de Politicos, que não deixavão ao Rei mais do que o odioso da authoridade. Antes da Revolução já existia entre ellas huma correspondencia, e huma verdadeira liga, para seguirem hum plano uniforme em tudo aquillo que devião, ou conceder, ou negar ao Rei, e Luiz XVI. foi desde logo para estas Provincias o que Target, e Mirabeau quizerão, que elle fosse.

Ao Marquez de Argenson succedeo Montesquieu com seu *Espirito das Leis.* Este livro está cheio de erudição, porém tudo o que os Francezes nelle aprendêrão foi julgarem-se escravos dos Reis, persuadindo-se que não chegarião a ser livres, senão quando chegassem a estabelecer aquella distincção de poderes, que elle tornou tão famosa, ou enfatica. *Poder executivo*, *poder legislativo*, *poder judiciario.* Porque onde quer que o poder legislativo se ache unido ao poder executivo, como os Francezes vião no

seu Rei, acabou-se a liberdade, porque deve-se temer que o mesmo Monarca, ou o mesmo Senado façáo Leis tyrannicas para as executar tyrannicamente. (Esp. das Leis Liv. II. Cap. 6.)

Havia muito tempo que os Reis promulgavão Leis em França, e os Francezes ainda não sabião que tinhão por seus Monarcas *Déspotas*, *e Tyrannos*. Elles amavão estes Reis, e até erão conhecidos pela sua adhesão a estes Reis, e nenhum Povo amou, e até he impossivel, que elle ame os Déspotas, e os Tyrannos. Hum Déspota, hum Tyranno he o homem menos accessivel para o seu Povo, e o revolucionario Garat escreveo, que o Throno dos Reis de França era tão accessivel, que os votos da Patria sempre chegavão a elle. A França prosperava, era o Imperio mais rico em habitantes; o Commentador de João Jaques nos diz, que a sua população iria sempre em augmento, e que

só no reinado de Luiz XV. tinha crescido com mais dois milhões, e quinhentas mil almas, (Supl. ao Contr. social) e João Jaques tinha dito: O Governo em que os Cidadãos povoão, e se multiplicão mais, he infallivelmente o melhor: pelo contrario, aquelle onde o Povo decresce, e míngoa, he o peior, e continúa — calculadores, medi, contai, e comparai — Montesquieu em lugar de medir, não tinha feito mais que hum systema. Não o accusemos daquellas obscuridades voluntarias, daquelles innocentes artificios, a quem D'Alembert dá tanto merecimento, (Elog. de Montesquieu) digamos antes que elle não tinha comprehendido todas as consequencias de seu systema. Elle fazia pela França tudo quanto seus inimigos quererião fazer contra a França juntos no Congresso de Haia em 1691, quando jurárão não depôr as armas antes que os Reis de França ficassem sugeitos aos Estados Geraes de seu

Reino. Elle foi o pai daquella commissão legisladora, que se apossou dos Sofistas, dos Advogados, dos Medicos, dos Caixeiros, e de vinte milhões de ferneticos, que se não poderão jámais entender huns aos outros, sem que houvesse alguem que os entendesse a elles, depois que o poder legislativo lhe cahio nas mãos.

João Jaques Rousseau appareceo, e consummou a obra de Montesquieu. Discorreo como hum Aldeão Democrata sobre os principios de que Montesquieu só tinha tirado consequencias favoraveis á sua Aristocracia — Disse pois o esquentado Jaques que » o maior de todos os bens era a igualdade, e liberdade; que não dava huma passada, que não encontrasse ferros; que o poder legislativo não podia pertencer senão ao Povo; que o Povo se não podia submetter a nenhum outro Soberano, que este Povo a pezar de todos os seus juramentos não perma-

nece ligado a governo algum estabelecido. Todos os seus ajustes, não são mais que huma formalidade provisoria, que elle dá á administração até ao ponto em que lhe apraz darlhe outra muito diversa : que a dignidade destes homens chamados Reis, não he mais que huma commissão, hum poder de que o Povo os fez depozitarios, que elle póde limitar, modificar, assumir, quando bem lhe parecer. ,, (Contr. soc. passim.)

Os Sofistas se apossárão com ancia dos principios de Montesquieu, e de todas as consequencias que delles tirou o Jaques. Tinhão até então caminhado sem ordem, e sem systema contra os Soberanos. Voltaire tinha largado mil sarcasmos, e os Adeptos não fazião mais que repetillos, então se ajuntárão, e adoptárão todas as idéas Democraticas do Sofista de Genebra; formárão por fim a liga refinada por Condorcet, aquella liga, cujo objecto

era cortar pelas proprias raizes as duas grandes arvores da Religião, e da Monarquia, para lhes substituir a arvore da sua liberdade, e igualdade. Seus Adeptos se multiplicárão entre os enxames dos escriptores, com especialidade entre os Jornalistas. Diaristas, e Publicistas tão entonados, como ignorantes, e mentirosos. Souberão ordenar a marca, e distribuir os papeis, huns continuárão mais especialmente a sua guerra contra o Altar, outros contra o Throno. Mas desde o anno de 1762 até á Revolução, poucas producções apparecêrão destes vermes da litteratura, e tedioso emprego gazetal, que não viessem descarregando os mais funestos golpes contra o mesmo Throno, e Altar. O Mundo se vio innundado de suas diatribas contra os Soberanos, e de suas blasfemias contra Deos.

Montesquieu tinha dito, que he muito difficil ser virtuoso em hum governo Monarquico. Helvecio re-

forçando a lição, ensinou no Povo, que a propriedade deste governo he embrutecer, e aviltar os espiritos; que a verdadeira Monarquia não he mais que huma constituição imaginada para corromper os costumes, e escravizar os Póvos; e que por virtude da constituição deste governo, os mesmos Póvos são arrastrados invencivelmente para o aviltamento. » (Prefação do Tratado — Do Hom.)

Jaques, o plagiario Jaques, tinha escrito, que se a authoridade dos Reis vem de Deos, he como as doenças: Raynal lhe succedeo para nos dizer, que os Reis são Bestas ferozes, que devorão as Nações (que diria este grande Arquitecto da Revolução, se a sua inquieta existencia tivesse chegado ao Imperio do humano, e carinhoso Bonaparte?) Outros vierão depois para nos dizer que os Reis são semelhantes ao Saturno da Fabula, que devorava seus proprios filhos. Que o governo Mo-

narquico pondo forças estranhas nas mãos de hum só homem, deve por sua mesma natureza, tentallo a abusar de seu poder para exercitar o despotismo, e a tyrannia, que são os mais terriveis flagellos das Nações. Cará para encarecer isto mais, veio dizer aos Póvos = vossos Reis são os primeiros algozes de seus vassallos: a força, e a estupidez são a primeira origem de seu Throno (e são estes os mesmissimos Francezes que acclamárão Bonaparte!) (systema da Razão). Seria preciso copiar volumes inteiros para repetir todas as declamações sediciosas, de que os Adeptos enchérão as suas producções. Diderót que tinha engrossado com ellas o seu — systema da Natdreza — ás reune todas neste unico voto frenetico — quando terei eu o prazer de ver o derradeiro Monarca enforcado com as tripas do derradeiro Sacerdote? =

Desde o anno de 1765, este odio dos Sofistas, e o juramento, e

voto de destruir o Throno com o Altar, erão já tão evidentes, e tinhão já em París hum tão grande número de proselytos, que poucos dias bastárão ao Lord Orford, mais conhecido pelo nome de Horacio Walpole, para descobrir toda a extensão da conspiração. Citarei para prova a sua carta ao Feld Marchal Conrray, datada deste mesmo anno a 28 de Outubro, e concebida nestes termos. „ Poucos dias de vida restão já ao Delfim, morre infallivelmente. A perspectiva de sua morte enche os Filosofos da maior alegria, porque temem seus esforços a respeito do restabelecimento dos Jesuitas. Falla-vos dos Filosofos, e dos seus sentimentos, vos parecerá coisa estranha, e hum desusado despacho de Politica. Porém comprehendeis vós acaso, que coisa sejão Filosofos, e o que signifique esta palavra? Primeiramente elle designa aqui quasi todo o Mundo, em segundo lugar, significa homens, que

debaixo do pretexto da guerra, que elles fazem ao Catholicismo, huns procurão a subversão de toda a Religião, outros (e destes he o maior número) a destruição do poder Monarquico. Talvez que me digais, como posso eu saber isto, que apenas seis semanas ha que estou em Paris, levando as primeiras tres fechado no meu quarto? Sim, porém nas primeiras tres fiz innumeraveis visitas, e em todas ellas ouvia estes discursos. Confinado, como estou na minha casa, recebo centos, e centos de visitas, e tenho tido mui longas, e circunstanciadas conversações com muitas pessoas, que pensão como vos digo, e com outras de sentimentos oppostos, mas que estão mui bem persuadidas que este projecto existe. Ultimamente entre outras tive comigo dois Officiaes, ambos elles de idade madura. Custou-me muito embaraçar que não viessem ás mãos; e no calor da disputa me descobrirão coisas, em cujo conhe-

cimento eu não poderia entrar senão depois de muitas indagações. (V. obras de Walp. T. V. Liv. 28.)

Os progressos, que esta carta annuncía, se fizerão tão públicos, e tão evidentes, que aquelle mesmo Rei da Prussia, que por tanto tempo protegeo, e suas conspirações contra o Altar, não se pode occultar a si mesmo as consequencias fataes que ellas devião ter a respeito do Throno. Indignado, e estimulado os denunciou ao público, como homens excessivamente despreziveis, e ao mesmo tempo desgraçadamente perigosos. „ Os encyclopedistas, dizia elle nos seus dialogos dos mortos, reformão todos os Governos: a França, segundo seus projectos, ha de vir a parar em hum estado republicano, cujo Legislador, será o *Geometra* D'Alembert. Os encyclopedistas são huma seita dos chamados Filosofos, nascidos entre nós, ha dois dias. Imaginão-se superiores a tudo quanto a antiguidade pro-

Testemunho do Rei da Prussia.

duzio neste genero. Elles ajuntão ao desaforo, e descaramento dos Cynicos, a impudencia de publicar quantos paradoxos lhes vem á cabeça. ,, Depois de os haver retratado como hum tropel de vadios, e desvanecidos, o mesmo Frederico não cessa de clamar, e de aconselhar aos Reis, que mettão estes doidos prejudiciaes na casa dos Orates, para que ahi possão ser á sua vontade os Legisladores d'outros Orates seus semelhantes, ou mandallos governar huma Provincia que tivesse merecido hum aspero castigo pela sua rebellião (Prim. Dialogo dos mortos pelo Rei da Prussia). Desgraçadamente este conselho não foi abraçado pelos Soberanos, e os progressos dos Sofistas forão crescendo a olho. Nós lhes podemos dar seu justo valor, não menos que pela mesma denúncia que deo desta vil canalha ao Parlamento de París Mr. Seguier, Advogado Geral em o anno de 1770.

Testemunho dos Magistrados.

» Levantou-se entre nós huma Seita impia, e escandalosa, huns fátuos allucinados, huns fanaticos verdadeiros, huns visionarios illusos, que se atrevem a cobrir com o manto, ou capa da Filosofia. Liberdade de pensar, eis-aqui o grito dos seus sequazes; e este grito se tem feito ouvir de hum lado a outro lado da Terra. *Com hum braço querem abalar os Thronos, e com o outro, destruir os Altares.* Seu intento he extinguir a crença, dar nova vareda, nova direcção aos espiritos sobre as antigas instituições religiosas, e civís. Posso dizer, que a revolução está executada, os proselytos se multiplicão, e suas maximas se propagão. Levantárão *o Estandarte da Revolução*, e com esta affectada independencia procurão fazer-se célebres. O Governo deve tremer, se *consentir*, *ou tolerar* huma Seita volcanica de incredulos, que só busca sublevar os póvos com o ridiculo pretexto de os illustrar. »

(Requisitoria de 18 de Agosto de 1770.)

O Clero aproveitando-se desta occasião, em que os Magistrados se queixavão com tanta amargura, levou as mesmas queixas, e as mesmas denúncias aos pés do Throno; os Escritores, os Oradores Ecclesiasticos clamavão, e bradavão com o mesmo zelo, como vemos pelas eloquentes Pastoraes de Beaumont, e pelas Obras de Bergier, que não tem réplica, e das quaes eu ouvi escarnecer a dois miseraveis Rábulas tão estupidos Pedreiros Livres, como são estupidos dois Sebastianistas. O Bispo de Senez, e o Abbade Beauregard se distinguírão entre o Clero pela sua efficacia, e triunfante eloquencia contra os pestiferos declamadores da liberdade, e igualdade, a quem a Justiça Divina por visivel castigo, deo agora para lhe imporem hum jugo de ferro, huma alluvião de Reis, de Duques, e de Condes tirados dos Açogues, e dos

mesmos lugares da prostituição. He memoravel, he digna de nosso respeito a especie de inspiração, de que se vio repentinamente possuido este ultimo, prégando na Cathedral de París, treze annos antes da Revolução, descobrindo os projectos da Filosofia moderna, fez resoar as abobedas do Templo com hum tom, e hum emfasi verdadeiramente profeticos, e suas palavras se verificárão com effeito pela Revolução.

„ Sim (disse elle) contra o Rei, e contra a Religião conspirão estes malvados. Elles tem nas mãos o machado, e o martello, e só aguardão o momento favoravel, para destruir o Throno, e o Altar. Sim: vossos Templos, Senhor, serão despojados, e destruidos, vossas Festividades abolidas, vosso Nome blasfemado, vosso Culto proscripto — Mas que escuto eu: Grande Deos que vejo! Aos canticos inspirados, que fazião resoar estas abobedas em honra vossa, succedem cantos lu-

bricos, e profanos! E tu Divindade infame do Paganismo, impudica Venus, tu virás aqui mesmo occupar atrevidamente o lugar do Deos vivo, sentar-te no Throno do Santo dos Santos, e receber o incenso sacrilego de teus novos adoradores!.. » Contra este Discurso os Sofistas gritárão — Sedição, Fanatismo — Os Doutores da Lei julgárão descobrir nelle hum excesso de zelo, com effeito, tudo desde muito longe se encaminhava surdamente para se verificar esta Profecia. Os Conjurados para apressarem seu complemento tinhão lançado mão de outros meios, e procuravão fazer correr o veneno da impiedade, e da rebellião até nos corações daquella porção do povo, que habita os Campos, e as Aldêas, inficionando suas mesmas escolas. Com o pertexto de que a esta qualidade de gente faltava a instrucção necessaria para seus mesmos trabalhos. *Duquesnai*, e seus Adeptos constituindo outra especie

de Sofistas chamados *Economistas*, que se occupavão de Agricultura, Commercio, Administração, e Cobrança de rendas; propozerão a Luiz XV. que estabelecesse, e multiplicasse escolas gratuitas, em que os rapazes se instruissem, especialmente nos principios de Agricultura. O Principe, que amava sinceramente o povo, lançou mão do projecto com muito prazer, porém primeiro, por felicidade quiz ouvir *Mr. Bertim.* „ Ha muito tempo, dizia este Ministro, contando este facto, que eu observo as diversas Seitas dos nossos Filosofos, e ainda que tenha de me arrepender de muitas faltas commettidas contra a Religião, com tudo, eu conservo ao menos os principios em toda a sua integridade, e pureza. Conheci, que o intento dos Filosofos era apossar-se da educação do povo com o pretexto de que os Bispos, e Sacerdotes não se podião empregar todos em certas miudezas. Não duvidei de respon-

der ao Rei — Guardai-vos Senhor, de secundar estes Filosofos. Em vosso Reino não faltão escolas gratuitas, ou quasi gratuitas. Existem estas escolas em todos os Lugares, e Aldéas Os Livros enviados por estes Filosofos fazem os Camponezes menos laboriosos, e mais systematicos: receio que os não façáo preguiçosos, vãos; invejosos, discorredores, sediciosos, ímpios, e em fim, rebeldes

„ Luiz XV. se mostrou satisfeito com estas razões, porém cercado continuamente por estes homens, me vi obrigado a combater a boa opinião que o fazião ter sobre estes Economistas, e Filosofos. Resolvido em fim a lhe dar huma prova de seus projectos, interroguei muitos daquelles Mercadores de feira, que girão pelos campos vendendo livros aos rusticos, e que eu suspeitava serem como erão. Agentes do Filosofismo entre estes bons camponeses. Estes mesmos negociantes

vinhão muitas vezes á minha casa de campo offerecer-me livros. Eu lhe dizia — Que livros podem vossés trazer-me ? Sem dúvida trazem por ahi nessas alforjadas Catecismos da Dotrina Christã, e livros de devoção, Folhinhas, ou Sarrabaes ? Trazem Reportorios ? Sem dúvida são estes os livros, que os rusticos podem ler com mais prazer, e mais fruto. A estas palavras eu vi que muitos destes Zánganos se surrião. Não, me respondêrão elles, nós não trazemos estes livros, nós fazemos melhor fortuna com Voltaire, e com Diderot, e outros Filosofos — E eu lhes tornava — como póde isso ser ? Os camponeses podem a caso comprar Voltaire, e Diderot ? Quem lhes deo dinheiro para livros tão caros ? A resposta a esta questão, foi sempre esta. — Nós lhos vendemos mais baratos que hum Lunario perpetuo, que os segredos da Natureza, e que a Arte de deitar Gallinhas, e de tirar Pintos sem Galli-

nhas. Damos-lhe cada volume por hum tostão, (dez soldos) e ainda ganhamos muito. Depois de outras perguntas, muitos me confessárão, que nada lhes custavão estes livros, que recebião grandes pacotes delles sem saberem donde lhes vinhão, só com a advertencia, de que os vendessem pelos campos por tão módico preço, que mais parecião dados, que vendidos. Tal era o testemunho de Mr. Bertin, e isto mesmo se lhe ouvio dizer muitas vezes no seu retiro de Aix la Chapelle. Luiz XV. a quem elle deo parte, comprehendeo em fim o projecto dos Sofistas, mas apenas tomou contra elles poucas, e inuteis medidas. Os Conjurados continuárão a se servir destes Zánganos das feiras. Huma das provas que nem todos os Ministros pensavão como Mr. Bertin, he que Mr. Bourdon primeiro Juiz de Lisieux, e encarregado da Policia tendo mandado prender hum destes Adellos,

que vendia ao povo os livros mais ímpios, e sediciosos, e a quem o módico preço porque os dava tinha feito suspeito; entrando na cadeia com toda a frescura, só preguntou em que dia partia o Correio para París, e em que dia poderia ter resposta da carta, que hia escrever? Com a resposta, que lhe derão, tornou, ora pois, nesse mesmo dia vós tereis ordem de me pôr no meio da rua, e de me entregar os livros que me confiscárão. A ordem veio com effeito no mesmo dia que elle tinha marcado.

Academia secreta dos Conjurados Sofistas, ou Club de Holbac.

Resta em fim saber de que covil de ladrões partião estas obras, ou producções espalhadas com tanta profusão, não só pelos campos, e Aldêas de França, mas por todas as Cidades, e Povoações da Europa, para inficionar os homens com o duplicado espirito sofistico de corrupção, e de rebellião. Os remorsos de hum Adepto arrependido desco-

brirão, e patenteárão esta invenenada fonte.

Poucos dias depois das atrocidades de cinco, e seis d' Outubro, Mr. Leroy Intendente das caçadas, e montarias de Sua Magestade, e Academico, indo jantar a casa de Mr. d'Angeveliers, rompeo o véo aos funestos mysterios. Cahio naturalmente a conversação sobre os desastres da revolução. Acabado o jantar, o mesmo dono da casa, que depois publicou este facto, disse ao tal Mr. Leroy. — " Eis-aqui tendes Senhor, eis-aqui tendes a obra da Filosofia! — Aterrado o Academico com estas palavras, lhe tornou — " a quem dizeis vós isso? A mim, que tão desgraçadamente o conheço! Ah! Dentro em poucos dias eu acabarei ás mãos do sentimento, e dos remorsos. — A respeito desta palavra " remorsos " com que elle terminava quasi todas as suas frases, se lhe preguntou, se elle havia de tal maneira con-

do para esta revolução, que esta certeza lhe houvesse de causar remorsos? Sim, respondeo elle, eu contribui, e muito mais do que eu quizera ter contribuido. Eu era Secretario da Sociedade, a quem vós a deveis, porém eu tomo a Deos por testemunha, que nunca me persuadi que ella chegasse a estes termos. „ Morrerei sim de pena, e de remorsos. „

Obrigado a explicar-se sobre esta Sociedade occulta, cuja existencia era ignorada por todos os da partida, o tal Academico continuou „ Esta Sociedade era huma especie de Club, que nós outros os Filosofos tinhamos formado. Faziamos nossas Sessões em casa do Barão de Holbach, e receando que se descobrisse o objecto, tomámos o nome de „ Economistas „ e creamos Voltaire, ainda que ausente, Presidente honorario, e perpetuo. Os membros, ou socios principaes, erão D'Alembert, Turgot, Condorcet,

Diderot, e tambem aquelle Lamoignon, Guarda dos Sellos de França, que se matou no seu mesmo Parque, e todos aquelles, a quem Voltaire em suas cartas dá a senha da conspiração; ou as letras iniciaes destas palavras, „ Esmagai o infame „ estas palavras, querião dizer entre nós „ destruí, pulverizai o Crucificado, e procurai abolir sua Religião.

Toda esta declaração era interrompida de espaço a espaço com profundos gemidos, e dolorosos soluços, e este Adepto sinceramente arrependido, continuou „ Eis-aqui quaes erão nossas occupações. A maior parte dos livros que ha muito tempo apparecem contra a Religião, Costumes, e Governo são obras nossas, e dos nossos confidentes: estes livros erão compostos em commum, ou por ordem da Sociedade se encarregava de sua composição algum dos individuos. Antes que se imprimissem erão manda-

dos ao nosso tribunal , alli erão revistos ; acrescentavamos , ou tiravamos , segundo o exigião as circunstancias. Sahia a obra debaixo do titulo que nós todos escolhiamos. Todos os que apparecem attribuidos a Boulanger , ou a Freret depois da sua morte , não sahírão de outra parte senão da nossa sociedade. Depois de approvados , faziamos imprimir alguns em papel fino , para nos indemnizar dos gastos da impressão , depois imprimia-mos immensa quantidade de exemplares em papel barato e ordinario , estes erão mandados aos Livreiros , e Zánganos para os venderem ao povo por quasi nada. Eis-aqui o que fez chegar este povo ao termo em que o vemos hoje. Eu o não verei por muito tempo , porque a dor , e os remorsos acabarão depressa a minha existencia. »

Todos sentem o horror que deve causar esta relação , e o horror que inspirava ao desgraçado Adepto

que a fez, o acompanhou até á sepultura. Em consequencia desta declaração, que nos dá por membros de seu Club todos aquelles, a quem Voltaire fallava em Jesu Christo com o nome de *infame*, he preciso ajuntar a este catalogo os já nomeados Helvecio, e Damilaville, Officiaes de fazenda, Phiriot escriptor sem talentos mas grande impio, e aquelle Secretario da Academia Franceza » Saurim, » reputado homem de bem, mas que por fim se deixou conromper com huma pensão de tres mil livras, que lhe dava Helvecio; he preciso augmentar ainda este sacrilego rol com os nomes do Barão de Holbach, do Conde de Argental, amigo, e confidente de Voltaire, do Barão Suisso Grim, que depois detestou solemnemente sua antiga alliança com toda esta despresivel canalha; tambem La Harpe os abominou por fim, e de hum modo tal que se fez crédor da admiração, e estima pública. Com este foi Vol-

taire mais reservado; nunca uzou da formula ordinaria quando lhe escrevia, como uzava com os outros conjurados.

Este Club infernal existia já em 1766, porque nesta época apparecerão os dois livros intitulados = Antiguidade desenvolvida = e Exame dos Apologistas do Christianismo, que o Adepto Leroy diz serem compostos por toda a Sociedade, e com effeito são dignos desta fonte. Havia pois vinte annos que este Club de Sofistas inficionava o Universo com producções tendentes a destruir, e arruinar o Altar, e o Throno, quando se vio approximar a Revolução Franceza. Voltaire a annunciava havia muito como infallivel, porém accrescentando „ Eu não terei o gosto de ser seu espectador, e testemunha „ Os Francezes chegão a tudo tarde, mas em fim chegão. A luz está de tal maneira espalhada, que ha de romper na primeira occasião. Felizes os mancebos, que hão de

vêr tão grandes coisas » (Carta a Mr. Chauvelin 2 de Março de 1764.)

Não foi culpa sua, nem de seus discipulos, não presenciarem ao menos huma parte destas subversões politicas. Já tinha dado o abalo ás idéas religiosas, queria ao menos ser testemunha do que elle preparava a todos os Governos. Não lhe bastava deixar » como elle diz, em Genebra alguns mentecaptos, que acreditassem o Evangelho, queria tambem destruir todo o Governo desta Republica, para fazer hum ensaio dos novos principios de igualdade, e liberdade, em que queria que os homens permanecessem.

Toda a Europa soube as perturbações, que agitárão Genebra desde o anno de 1770 até o de 1782, porém o que se ignora são as cauzas, e os agentes secretos das revoluções, que destruirão seu Governo, e constituição. Neste pequeno Estado, o povo he dividido em muitas classes, a dos antigos habitantes de Genebra,

ou de seus descendentes, era a unica admittida aos conselhos, e principaes dignidades. As que ha pouco tinhão entrado no dominio da Republica, gozavão da sua protecção, mas não entravão jámais em o Governo público. Porém Montesquieu, e João Jaques vierão ensinar a estes homens, e a dizer-lhes que erão escravos em hum Governo, que os havia admittido, e que tinhão perdido os grandes direitos do homem, a igualdade, e a liberdade, e isto só por que erão obrigados a observar a lei, que elles não tinhão feito. Voltaire que receava sempre ficar atrás de seus discipulos, se havia declarado partidista destes imaginados direitos. Cria que estavão quebrantados na Constituição de Genebra. Começou de insinuar todos os seus novos principios áquelles inexpertos Colonos, e semeou a zizania da divisão entre elles; e o Conselho convidou muitos para se estabelecerem em Fernei, e em Versoi. Começou tambem a es-

crever furiosamente a favor da Democracía, e da multidão Legisladora, com tanto zelo, com quanto n' outro tempo este monstro contradictorio tinha escripto a favor da Monarchia. Nestes Libellos, que elle fazia girar com o irrisorio titulo de = Idéas Democraticas, = os Colonos de Genebra aprendêrão não só que o mais toleravel de todos os Governos he o Republicano, porque nelle se approximão mais os homens á igualdade, e liberdade natural, mas que he hum dever sagrado que cada individuo tenha tambem voto no que diz respeito ao bem universal da Sociedade; porque o Governo Civil he a vontade de todos executada por hum só, ou por muitos, em virtude das leis que todos hajão estabelecido, e que em fim todas as distincções de nobres, e de mecanicos, não querião dizer outra coisa mais que = Senhores, e Escravos. =

Os Sofistas não deixárão Voltaire só no campo para combater, tra-

balhárão com elle nestes grandes ensaios da Democracia. A estupida Seita *niveladora* o ajudou com todos os soccorros, e esforços de *Claviere*, do botafogo *Segere*, e do Semi-Syeys *Beringer* Bovier, e o Advogado geral *Servan*, a quem Voltaire chamava o Grão Mestre da sua Filosofia, concorrêrão desde Grenoble com todas as munições necessarias. Ameaçárão pois o Senado de Genebra com todo o furor dos habitantes do campo, se lhes não desse o livre exercicio dos *direitos naturaes do homem*, affiançando-lhe a sua posse. (V. Ephemerid. do Cid. anno de 1771.) A' força de intrigas, e de escriptos sedeciosos, chegárão em fim a realizar seus intentos contra esta Republica. A sua Constituição foi restabelecida por Mr. de Vergones, porém o fermento ficou intacto para levedar de novo todo o Jacobinismo de Voltaire, quando apparecesse o Apostata Soulavie, e outros Agentes do Robespierre.

Tentativa feita em França

O ensaio que os Sofistas fizerão ao mesmo tempo em França, não tinha outro objecto. Os mesmos Parlamentos se enganárão com estes malvados amotinadores; em suas contestatações com Luiz XV. pedirão a convocação de Estados Geraes (*Cortes*), e se persuadirão vêr triunfante a sua causa naquelles famosos manifestos, de que foi Redactor Mr. de Malhesherbes, pedindo que viesse a Nação exercitar por seus Representantes, a authoridade, e reassumir seus Direitos imprescriptiveis. Os Sofistas d' Aristocracia tambem se enganárão como os Parlamentos. Não consideravão nesta convocação, mais do que o meio de restabelecer sua antiga influencia: ignoravão que os Sofistas da Democracia estavão promptos a fazer dominar seus Direitos de igualdade. O laço estava armado; apenas a *Igualdade* destruisse em França a distincção das ordens, no mesmo instante se levantava a canalha Legisladora; Voltaire e Jaques triun-

favão sem dúvida: Desgraçados! o fructo de suas fadigas foi Bonaparte para esmagar a canalha Legisladora, e os Pedreiros livres de todos os paizes debaixo de seus pés de ferro, e de sua diabolica Tyrannia.

Com tudo nem Vo'taire, nem seus primeiros cumplices devião presenciar esta revolução geral, que elle com tanto prazer pronosticava, e com tão viva esperança aguardava, impaciente sempre com sua dilação. Seus discipulos querião ao menos que elle fosse testemunha do que elles tinhão feito em París, que era a Metropole da sua impiedade. Havia muito que por hum Decreto, e por huma Lei pública tinha sido banído desta desgraçada Capital, e não podia entrar nella sem se justificar das blasfemias, que tinhão provocado contra elle as Sentenças do Parlamento; D'Alembert, e a sua Academia resolvérão vencer este grande obstaculo. A pesar de alguns restos de respeito á Religião, custou-lhe pouco al-

cançar que o primeiro Author de todos os conloios sacrilegos, e antimonarchicos, viesse gozar no seu seio os fructos de todas as suas fadigas. Voltaire era bem conhecido por Chefe dos Impios, mas era pouco conhecido como o cabeça das conspirações contra os Reis. Determinou-se que as Leis se calarião a seu favor na sua volta a París. Eis-aqui tudo o que pertendião os Conjurados.

Este homem, cuja longa vida não tinha sido mais que huma longa têa de blasfemias, e conspirações tão formidaveis para o Throno, como para o Altar, foi recebido na Capital dos Reis Christianissimos com todas as acclamações concedidas aos Heroes na volta de suas victorias contra os inimigos da Patria. Todas as Academias celebrárão a sua chegada, e foi celebrada no Palacio dos Reis, em que dahi a poucos annos Luiz XVI. devia estar prisioneiro, e victima da antiga conspiração dos Impios. Houverão grandes festejos

em honra do octoginario blasfemo; e bebado com as continuas acclamações, bradava = Vós quereis que eu morra de gloria! = Só a Religião vestia luto no meio destes bachanaes infames, mas Deos a vingou. O impio que tinha medo de morrer de gloria, devia morrer de raiva, e desesperação mais ainda que de velhice. No meio de seus triunfos huma violenta hemorragia lhe foi dando cabo da vida. D'Alembert, e Diderot muito assezoados corrêrão a casa do medonho spectro para sustentarem sua constancia nos ultimos momentos, porém só forão testemunhas da sua ignominia, e sua mesma affronta. Voltaire se vio reduzido a chamar os Sacerdotes, Ministros daquelle mesmo Christo, daquelle pertendido *infame*, cuja ruina elle havia jurado tantas vezes. Existe o processo verbal de suas retractações. Foi lançado solemnemente em as Notas de Mr. Momet, Tabellião público de Paris: alli se lê da mesma letra de

Voltaire a carta que escreveo a Mr. Gualtier, pedindo-lhe o quizesse ouvir de confissão, com a declaração seguinte, assignada pelo seu proprio punho. = „ Eu abaixo assignado, declaro que achando-me ha quatro dias atacado de vomitos de sangue na idade de 84 annos, não podendo ir pessoalmente á Igreja, o Senhor Padre Cura de S. Sulpicio quiz ter a bondade de ajuntar aos outros favores que lhe devo, o de me mandar Mr. Gaultier, Presbytero, com elle me confessei, e se Deos dispozer de mim, declaro que morro no seio da Igreja Catholica, em que nasci, esperando, e confiando muito na Divina Misericordia, que perdoará todos os meus crimes, e delictos. E se até agora tenho escandalizado a Igreja, eu peço perdão a Deos, e á Igreja. Hoje 2 de Março de 1788. Assignado = Voltaire = e como testemunhas = O Abbade Mignot meu Sobrinho, = e o Marquez de Villevieille, meu amigo.

Acaso será esta declaração tambem pelotica de sua antiga hypocrisia ? Assim parece , se considerarmos , e nos lembrarmos de suas passadas acções de Religião , explicadas por elle mesmo. Seja o que for : he certo , que Voltaire consentio que esta declaração fosse levada ao Cura de S. Sulpicio , e ao Arcebispo de París , para declararem se era sufficiente , e estava concebida em termos habeis , e capazes. Quando o Abbade Gualtier vinha com a resposta , já lhe não foi possivel chegar á cabeceira do enfermo. Os Conjurados tinhão dobrado as Sentinellas , e lançado mão de todos os recursos para que o chefe da Seita não confirmasse a retractação. O veneravel Presbytero achou todas as portas atarracadas ; e ainda que Voltaire o mandasse chamar , nunca mais lhe fallou ; só os Demonios tiverão entrada franca , e livre accesso áquella cama , em que gemia o arrependido octoginario. Bem depressa começá-

rão nelle as scenas do furor, e da raiva, que se forão succedendo até seu ultimo bocejo. Então D'Alembert, e Diderot, e outra infame relé, que entulhavão sua antecamara, não se chegárão a seu leito, senão para serem testemunhas de seu proprio aviltamento, em o aviltamento de seu mestre, vendo-se obrigados a fugir, cheios de espanto com as pragas, e imprecações que o moribundo velho contra elles vomitava.

„ Fugi daqui, bradava elle, deixai-me, canalha pestifera, vós sois a causa do miseravel estado em que me vejo. Fugi daqui serpentes, eu podia mui bem passar sem vós, e vós não podieis passar sem mim. Que desgraçada gloria alcancei eu comvosco? „

Estas horrendas maldições erão acompanhadas da memoria da sua conjuração contra Christo. Seus mesmos Adeptos lhe ouvirão, entre perturbações, e medo, chamar, invocar, e blasfemar alternativamente

aquelle Deos, antigo objecto de seu ódio, e de suas conspirações. Com intercadentes suspiros, acompanhados de remorsos pungentissimos, bradava de contínuo = Jesu Christo = Jesu Christo! Outras vezes (que espantoso horror!) se queixava; e se dohia de se ver desamparado de Deos, e dos homens. A mão que em outro tempo escreveo a sentença de hum Rei impio no meio de seus festins, parece que escrevia agora ante os olhos de Voltaire aquella sua antiga fórmula de blasfemia = abatei, pulverizai o infame. » Elle queria desterrar de sua alma espantada esta lembrança atroz: mas era este o momento, em que elle mesmo devia ser pulverizado, e abatido debaixo dos pés do *infame* que o hia julgar. Seus Medicos, e entre elles *Tronchem* vinhão para o socegar, mas sahião logo assombrados clamando, que elles acabavão de ver a verdadeira imagem do impio expirante. O Marechal de Richelieu foi testemu-

nha deste medonho espectaculo ; e fugio depressa gritando = Na verdade isto he coisa terrivel , não ha valor que possa sustentar por hum instante a vista deste quadro assustador.

Assim morreo a 30 de Maio de 1758. Consumido, e ralado mais por seus proprios furores , que pelo peso dos annos este homem de blasfemias , pai dos Sofistas conjurados contra o Altar , cumplice , cabeça , e émulo de seus proprios discipulos conjurados contra o Throno. Julgárão estes que com Voltaire perdião tudo, mas ficavão-lhe suas armas em suas volumosas impiedades , e com effeito as velhacarias , e arteficios de D'Alembert podião mui bem supprir o genio , e o caracter do fundador da Seita.

Morte de D'Alembert.

A Junta secreta de París para a educação , e conventiculos dos campos , e aldéas , as correspondencias com as Justiças dos lugarejos lhe devem sua origem. Continuou a diri-

gir a Academia occulta, até que foi preciso ir comparecer diante do mesmo Tribunal de Deos a que Voltaire tinha sido chamado. Em Novembro de 1783 foi atacado da ultima enfermidade, e Condorcet temendo que seus remorsos não déssem aos Adeptos o mesmo espectaculo de retractações, se incumbio, e encarregou de o fazer invisivel, e incommunicavel. Quando o Cura de S. Germano se apresentou como Pastor para exercitar as funcções de seu ministerio, Condorcet veio á porta, e lhe vedou descaradamente a entrada, quem não dirá que era o Demonio que estava vigiando aquella preza? Apenas ella foi devorada, o orgulho de Condorcet trahio o seu segredo. D'Alembert tinha realmente sentido os mesmos remorsos que havião atormentado Voltaire. Estava determinado a recorrer ao ultimo meio de salvação que lhe restava, chamando os Ministros de Jesu Christo: Condorcet teve a ferocidade de comba-

ter, e destruir este ultimo arrependimento. Toda a historia deste medonho combate se lê naquella palavra de Condorcet, quando relatou as circunstancias da morte de D'Alembert = *Se eu não estivera com elle, de certo virava a casaca.*

O mesmo Diderot, heroe dos Atheos, foi, entre todos os conjurados o que esteve mais proximo á verdadeira expiação de suas blasfemias: porém isto mesmo he hum mysterio que o orgulho dos Sofistas se apraz de envolver entre espessas sombras, que a historia deve rasgar, e dissentir. Morte de Diderot.

Diderot tinha por Bibliothecario hum mancebo, que soube ganhar sua confidencia com os assiduos obsequios, e bons officios em sua ultima enfermidade. Aterrado hum dia com os symptomas que observou curando as chagas do Filosofo, foi a toda a pressa dar parte a hum respeitavel Presbytero. O Abbade le Moine residia então na casa cha-

mada das Missões Estrangeiras na rua do arrabalde de S. Germano; com o parecer, e conselho deste Ecclesiastico entrou na Igreja, e começou a rogar a Deos lhe inspirasse o que devia fazer para a salvação de hum homem, cujos principios elle detestava, mas que não podia deixar de considerar como seu bemfeitor. Acabando sua Oração tornou a casa de Diderot, e no mesmo dia curando-lhe as chagas de que estava comido, lhe disse desta maneira = „ Senhor Vós me vedes hoje mais que nunca inquieto sobre vosso destino, não vos admireis, conheço quanto vos devo, vossos beneficios me fazem subsistir, e vós me honrais com huma confidencia que eu não podia esperar; custa-me ser ingrato, e sem dúvida, eu mereceria este nome, se eu vos encobrisse o estado de perigo em que vos contemplo, quando vejo os symptomas destas chagas. Vós tendes disposições que fazer, e sobre tudo precauções

que tomar relativas ao Mundo em que ides entrar. Sei muito bem, que sou hum mancebo, porém vós Senhor persuadis-vos que vossa Filosofia vos não deixa huma alma que deveis salvar? Eu não o duvido, e he impossivel que eu me lembre da sorte que espera o meu bemfeitor, sem que lhe advirta que procure evitar a desgraça eterna. Vede que ainda he tempo, e desculpai o aviso, que vos faz o meu dever, e a obrigação em que me constituem os vossos beneficios. ,,

Diderot escutava enternecido este tocante discurso, e deixou escorregar algumas lagrimas; prometteo pezar o que acabava de ouvir, prometteo deliberar-se sobre o partido que devia tomar em huma situação, cuja importancia elle bem conhecia: o mancebo esperava com impaciencia o fim destas diliberações. O primeiro resultado foi conforme a seus desejos: foi dar parte a Mr. le Moine, que Diderot pedia hum Sa-

cerdote para se pôr em estado de comparecer diante de Deos. Le Moine lhe inculcou Mr. de Tersae, Cura de S. Sulpicio. Com effeito Diderot vio a Mr. de Tersae, e o vio muitas vezes, preparava-se para escrever huma retractação pública de seus erros, mas desgraçadamente os Adeptos vigiavão o seu Coriféo. Com o pretexto de não haver ainda proximidade de perigo, e que o ar do campo lhe seria mais favoravel, persuadírão-no que tentasse este recurso para se restabelecer. Occultou-se a sua ida, e os desgraçados, que o arrastavão, conhecião mui bem que sua vida não promettia já longa duração. Vigiavão-no de contínuo, e não o deixárão sem o vêr morto. Expirou-lhe nas mãos a 2 de Julho de 1784. E continuando depois a enganar o público os Adeptos Carcereiros, trouxerão em segredo seu cadaver para Paris, e espalhárão o boato que a morte o colhêra estando á meza, e publicárão

por toda a parte, que o mais famoso Atheo morrêra tranquillamente, e sem remorsos no seio de seu atheismo. O público lhes deo então credito, e esta manobra da malicia, e perversidade seguio até ás portas do inferno a sua desgraçada preza, e servio para fortificar a impiedade daquelles, a quem o arrependimento de Diderot poderia ter conduzido aos caminhos da verdade.

Dos primeiros authores da conjuração contra Christo, só restava Federico II. Aborrecido, e enjoado com os Sofistas, nem por isso deixava de ser impio. Veria com a ultima indifferença cahir os Altares, mas não morreo sem prevêr, e conhecer que a quéda dos Altares trazia comsigo a dos Thronos: assim como não morreo sem hum vivissimo pezar de ter contribuido para a sua ruina com a indiscreta protecção que deo aos Sofistas dentro em seus Estados. Occultárão-lhe sempre todos os principios do systema forma-

do contra aquella authoridade que elle conhecia indispensavel para a conservação da ordem pública, a pezar disto, com sua natural penetração descobrio os projectos da sua igualdade, e liberdade democraticas: e vendo quanto havião lavrado em França estes funestos principios, não duvidou escrever estas memoraveis palavras = Representa-se-me Luiz XVI. como hum Cordeirinho cercado de Lobos velhos, *e feliz delle se escapar das suas garras*! Em seus ultimos annos ainda conheceo melhor quantas desgraças se preparavão aos Póvos, e até á sua mesma Nação com estes principios, quando disse = Ainda que me custasse a mais illustre das minhas victorias, eu quereria deixar a Religião no estado em que a deixei quando sobi ao Throno = Desta maneira aquelle mesmo que tanto tinha protegido os Sofistas conjurados contra Christo, morreo com o bem fundado receio da sua conspiração

contra os Reis. Com tudo estes homens já tão formidaveis por sua funesta influencia na opinião dos Póvos, não trabalhavão sós na ruina universal. Nos covis occultos dos Pedreiros Livres se tratava de mysterios conhecidos, havia muito no Club de Holbach. Esta he sem dúvida a parte mais interessante deste Tratado, he preciso fazer conhecer ao Mundo estes mesmos mysterios, para que o Mundo saiba donde sahírão milhões de braços, com que a Revolução Franceza ajudou as conspirações dos Sofistas da impiedade, que são os mesmos Sofistas da rebellião. Eu vou dar a conhecer ao público as diversas especies de Pedreiros Livres, fonte exuberante de todas as nossas desgraças; e creia o mesmo público que são tirados ao natural os quadros que lhe vou offerecer, sem exaggeração; apparecerá a verdade núa, e he preciso desde já advertir que existe em Inglaterra huma especie de Mações, que em

nada se parecem com os nossos, e com os abominaveis Francezes. Esta Sociedade Ingleza he puramente filanthropica, isto he, amiga da humanidade, e não acho entre nós com que a compare; senão com a respeitavel Irmandade da Misericordia, que he pela sua instituição hum dos mais illustres timbres da Nação Portugueza. Ora se o espirito não he o mesmo o que anima a Sociedade Ingleza, os fins, e os effeitos são iguaes, isto he, acudir aos miseraveis de toda a qualidade. Bem se vê que esta companhia não tem parentesco algum com a dos malvados Pedreiros Livres, como temos experimentado entre nós, e como vimos em França. Estas viboras tem derramado todo o veneno que he origem das universaes desgraças.

Até ao dia 12 de Agosto de 1792 os Jacobinos Francezes não tinhão ainda datado os fastos de sua revolução senão pelos annos de sua pertendida *liberdade*. Neste dia Luiz

XVI. depois de quarenta e oito horas, declarado pelos Rebeldes decahido de todos os direitos ao Throno, foi conduzido prizioneiro, e cativo ás torres do Templo. Neste mesmo dia a assemblea dos rebeldes declarou que á data da *liberdade* se devia ajuntar em todos os actos públicos a data da *igualdade*. Este mesmo Decreto foi datado desta maneira = *Quarto anno da Liberdade, e dia primeiro de Igualdade.* =

Neste mesmo dia, e pela primeira vez se rompeo o segredo tão estimado pelos Pedreiros Livres, e tão prescripto em seus covis com toda a religião do juramento mais inviolavel. Quando se leo pois o famoso Decreto, gritárão, ou uivárão estes lobos esfaimados, estes ladrões da tranquillidade, e socego público. = Eis-aqui chegada a nossa hora! A França inteira se acaba agora de converter em huma Loja universal de Pedreiros Livres. O Universo inteiro será daqui a hum instante Pedreiro Livre. =

O Abbade Barruel, de cujos escritos vamos extrahindo estas memorias diz assim a pag. 131 de seu Resumo = Eu fui testemunha destes transportes, e eu escutei os Pedreiros Livres até alli tão circunspectos e reservados, eu escutei os mesmos *Veneraveis* das Lojas responder sem rebuço ás questões que os homens lhe fazião espantados de seu extraordinario contentamento = Sim, eis-aqui o grande objecto, o grande fim dos Pedreiros Livres conseguido. *Igualdade, e Liberdade*: todos os homens são iguaes, e irmãos, todos os homens são livres. Esta era toda a essencia do nosso Codigo, o termo de nossos desejos, e o nosso grande segredo. = Eu escutei de sua mesma boca esta declaração, e feita diante daquelles, a quem até alli chamavão os *profanos*. Já não pedião segredo, mas o dizião com tanto affinco, que mostravão querer, que toda a França o soubesse para gloria dos mesmos Pedreiros

Livres, e para que os reconhecesse como os verdadeiros authores de toda aquella revolução de igualdade, e liberdade, de que ella dava tão tocante exemplo ao Universo. =

Tal era com effeito o segredo geral dos Pedreiros Livres. Havia mais de quarenta annos que a primeira lição que se dava nestas lojas, ou covis, era a declaração expressa, e forma desta Igualdade, e Liberdade. Este era o grande Sermão, que se prégava sempre na Loja do *Grande Oriente* de París. Estas palavras *Igualdade*, *e Liberdade* erão os termos que explicavão tudo, porém nem todos os Pedreiros Livres as entendião da mesma maneira. Para huns, a explicação destas palavras era hum segredo innocente, e para outros, era hum segredo monstruoso.

Muito antes da sua confissão pública, havia hum meio muito facil de conhecer, que a *Liberdade*, *e Igualdade* erão o grande objecto des-

tas pestiferas associações, e diabolicos conventículos. Mil vezes se lhes ouvia dizer, que elles erão todos iguaes, e irmãos, que em seus covis não havia Nobres nem mecanicos, nem pobres, nem ricos, nem Vassallos, nem Reis. A maior parte de suas cantigas celebrava sem descançar esta Igualdade, e esta Liberdade. A palavra *Irmão* na sua boca não queria dizer outra coisa mais que homens perfeitamente livres, e perfeitamente iguaes entre si. A Sociedade não queria dizer outra coisa mais que *Liberdade*, e *Igualdade*.

Para dar aos Leitores huma idéa mais clara destes perversos mysterios; transcreverei aqui a confissão que de si mesmo faz o Abbade Barruel, quando depois de grandes solicitações se determinou a dar o seu nome a esta Seita.

" HAvia muito tempo que os Pedreiros Livres me importunavão, e solicitavão para entrar na Congregação, e querião absolutamente que eu me alistasse; sempre me neguei, até que elles tomárão o partido de me alistarem contra minha vontade. Fui convidado para jantar em casa de hum amigo, onde a Irmandade se devia ajuntar. Aqui foi onde eu me vi o unico *profano* no meio de tantos Pedreiros Livres.

Acabado o jantar, fôrão despedidos os creados, e se determinou a formação de huma Loja para me iniciarem: Eu persisti na minha constante negativa, dizendo-lhes que não era homem que désse hum juramento sobre hum segredo, cujo objecto me era inteiramente incognito. Dispensárão-me deste juramento, e a pezar disto, eu continuei á recuzar-me. Mas elles continuárão a dizer-me, que nenhum mal havia, nem se encontrava na Maçonaria, que a sua moral era excellente; a que eu respondi, se não seria melhor a do Evangelho? Não me replicárão, e continuárão a se formar em Loja, e foi então que eu vi dar começo a todas aquellas momices, macaquices, e ceremonias puerís, que se achão descritas em diversos Livros maçonicos como *Joakim*, e *Booz*. Quiz evadir-me apenas vi este ridiculo apparato, porém a casa era grande, os criados estavão prevenidos; e as portas todas bem fecha-

das. Não tive mais remedio que ficar *passivo* ; e deixar continuar a comedia. Fui interrogado , e a tudo respondia sem poder conter o rizo. Eis-me aqui declarado *aprendiz*, e pouco depois *companheiro*. De repente fui elevado ao terceiro gráo, isto he, a *Mestre*. Para me conferirem este gráo me levárão a huma grande sala, e foi aqui onde vi mudar a scena , e tornar-se mais seria. Ainda que me dispensárão de questões insignificantes , e tediosas. Por muitas horas, eu não descobria em tudo isto mais do que brincos , puerilidades , e ceremonias burlescas , e chocarrices. Em fim chegou huma pergunta , que o *Veneravel* me fez com muita pausa , e gravidade. = Estais vós meu Irmão , estais vós disposto , e determinado a executar todas as Ordens do Grão-Mestre da Maçonaria com *preferencia* a todas as ordens de hum Rei , de hum Imperador , e de outro qualquer Soberano ? A resposta que lhe dei foi

= Não = O *Veneravel* espantado replicou = Que coisa he *Não*? Acaso entrais em nossa Sociedade para trahir, e publicar nossos segredos? Não sabeis que não ha huma só de nossas espadas, que não esteja prompta a traspassar o coração de qualquer traidor? = Nesta mesma pregunta, e em todas as ameaças, e tom serio que a acompanhavão, ainda eu não descobria mais do que hum brinco, e continuei a responder negativamente, accrescentando o que facilmente se póde imaginar = Não ha coisa mais galante que a vossa supposição, como posso eu trahir vossos segredos, se eu fui aqui trazido por força, e até agora ainda não escutei segredo algum? Se para os saber he precisa a promessa de obediencia a hum homem que eu não conheço, e se os interesses de Maçonaria podem comprometter algum dos meus deveres. A Deos meus Senhores = ainda he tempo; eu nada sei de vossos mysterios, e

vos seguro que nada me importa saber.

O *Veneravel* teimou ainda aterrando-me de novo, mas eu insistia sempre, e retrucava, *Não*, e continuei = se em vossos mysterios se encerra coisa contraria á consciencia, e á honra, vós conhecereis então quem eu sou, e sabei que não me escutareis outra palavra, que não seja o meu eterno *Não*.

A' excepção do *Veneravel* capataz, toda a récua dos outros irmãos permanecia silenciosa. Lá no seu coração não deixarião de rir desta scena, mas cada vez se tornava mais séria entre mim, e o *Veneravel*. Multiplicava as preguntas a ver se me arrancava hum *sim*. Eu estava estafado, e tinha os olhos tapados, arranquei o lenço, e atirei com elle ao chão; e batendo o pé na casa, lhe retornei *Não* com toda a força, e efficacia da impaciencia. Aqui foi que a loja toda bateo as palmas em sinal de applauso geral. O *Venera-*

vel mudando de tom, começou de elogiar a minha constancia, dizendo = eis-aqui a gente que nos faz conta, homens de caracter, e que sabem ser firmes. Ao que eu respondi = Quantos tem suas mercês achado, que resistão as suas bravátas? Todos os que aqui estão derão hum redondo *Sim* ás questões que se me fizerão. Por isso eu digo que em vossos mysterios ha coisa contraria ao dever da honra, e da consciencia. Este tom decisivo, que eu tinha adoptado, interrompeo a ordem do Parlamento Maçonico, os Irmãos se chegárão a mim dizendo-me, que eu tomava as coisas muito á letra, e em hum ar muito sério, mas que a pezar de minha teimosa resistencia, eu não deixaria de ser admittido. Com effeito levárão a sua para diante, derão-me a senha, e o passe para o terceiro gráo, como o havião feito para os dois primeiros. Ainda mesmo neste gráo eu não pude penetrar o segredo, porém dis-

serão-me, que se eu o queria saber que assistisse á recepção de algum Irmão em huma loja regular. Prometti assistir ás suas Sessões regulares, com tanto que se me não fallasse de juramento, assim o prometterão, e desempenhárão a sua palavra. Sómente quizerão que assinasse o meu nome na lista, que se costumava mandar ao Grande Oriente; isto mesmo não quiz eu fazer pedindo-lhe tempo para deliberar.

Chegou o dia marcado para a recepção de hum noviço, fui avisado, e deixo de descrever as ceremonias, e provas desta recepção, porque na verdade tudo me pareceo verdadeiro brinco de rapazes; só posso dizer que tudo quanto se conta na *Chave dos Mações*, em seus Cathecismos, e outros Livros desta especie, he a mesma verdade sem descrepancia, ao menos pelo que pertence aos tres gráos que eu recebi, e vi conferir a outros.

O artigo mais importante para

mim, era penetrar, e saber com certeza o grande segredo da Maçonaria. Chegou o momento em que o admittido teve ordem de se chegar ao *Veneravel*: então todos os Irmãos que estavão com as espadas nuas nas mãos, se formárão em duas alas cruzando as espadas daquella maneira a que os Pedreiros Livres chamão = *a abobeda de aço.* O noviço passou por baixo desta abobeda, e chegou a huma especie de Altar levantado sobre degráos no topo da Loja. O *Veneravel* sentado em hum ganapé levantado como hum Throno por detrás do Altar, lhe recitou huma comprida arenga sobre a inviolabilidade do segredo, que se lhe havia confiado, sobre o perigo a que se expunha se quebrantasse o juramento que hia dar, mostrando lhe as espadas promptas para atravessarem os traidores, protestando lhe que não escaparia ao golpe da vingança. O recipiendario jurou, que queria que lhe varassem o co-

ração, que lhe cortassem a cabeça, que lhe arrancassem as tripas, e que depois de muito bem morto o queimassem, e que lançassem as cinzas ao mar e ao vento, se elle faltasse á fé jurada. (Quem vio jámais enfiada de horrores, e de parvoices semelhantes?) Acabada a prostestação, o *Veneravel* lhe disse estas palavras, que eu conservo bem na memoria, que tal era a ancia com que eu as escutava: = Meu amado Irmão o segredo dos Pedreiros Livres consiste nestas palavras, = *Igualdade, e Liberdade; todos os homens são iguaes, e livres, todos os homens são irmãos.* O *Veneravel* não disse mais nada, e seguiose a cêa Maçonica.

Ao principio não pude deixar de rir, e de dizer aos Irmãos, que se este era o grande segredo dos Pedreiros Livres, havia muito tempo que eu sabia este segredo. Com effeito se por estas palavras se entende que os homens não nascêrão pa-

ra ser escravos, mas para gozar de huma verdadeira liberdade debaixo do imperio das Leis, e se por igualdade, se quer dizer, que sendo todos filhos de hum pai commum, de hum mesmo Deos, os homens se devem amar, e ajudar mutuamente como irmãos, via muito bem que não tinha necessidade de ser Pedreiro Livre para aprender estas verdades, que eu as achava muito melhor no Evangelho, que nestes brincos de creanças. Pelas respostas que me derão conheci que a maior parte dos que alli estavão assim o entendia, não querendo penetrar mais, e contentando-se com as banquetadas em que de ordinario acabavão estas scenas em apparencia ridiculas. Porém em fim chegou o tempo, em que os espiritos se vírão mais dispostos para o conhecimento interior deste segredo, e foi então que os Pedreiros Livres fizerão de huma innumeravel multidão destas Lojas, verdadeiros viveiros do Jacobinismo.

Havia annos que eu estava iniciado nestes primeiros gráos : eisque rompe a Revolução Franceza. Em todas as minhas conversações com muitos Pedreiros Livres , me foi facil conhecer todo o pendor filosofico para huma igualdade , e liberdade desorganizadoras , que fazia ha muito tempo o objecto das producções dos nos os Sofistas. Eu tinha , além disto , estudado , e aprofundado bastantes Livros Maçonicos , e cheguei em fim a comprehender , que a ultima explicação desta igualdade , e liberdade não era mais que á abolição , e proscripção de todas as Leis Religiosas , e hum odio jurado ao governo Monarquico. Isto mesmo communiquei eu a alguns Pedreiros Livres , que eu reputava homens de bem , e me confessárão que eu tinha razão , e que elles mesmos tinhão observado coisas que os fazião persuadir do que eu lhes dizia. Com tudo entre estes homens existia hum , que resistia for-

temente ás minhas reflexões, que me julgava preoccupado, e possuido de hum enthusiasmo, que me obrigava a julgar verdadeiras as minhas reflexões. Tivemos a este respeito contestações muito sérias, em fim eu desejava persuadillo, e elle confessou que ainda restavão mysterios na Sociedade, que elle não comprehendia, e cuja explicação se lhe havia negado até alli, mas sempre teimando que estes mesmos mysterios não terião differente explicação da que tinhão os hyeroglificos do Compasso, da Esquadria, da Trolha, e da outra salgalhada da Maçonaria. Eu sabia muito bem, que só hum passo lhe restava para entrar no conhecimento dos mysterios ulteriores, e para chegar ao gráo, em que o véo se lhe rasgasse. Elle mesmo desejava muito saber o que isto poderia ser, até para me atacar depois, e mostrar-me a injustiça das minhas preoccupações contra os Pedreiros Livres. Poucos dias erão passados,

eis-que o vejo entrar em minha casa em hum estado, que só seus mesmos discursos podem dignamente pintar. = Ah! (gritava elle) Ah meu amigo, meu amigo! Vós tinheis razão! Vós dissestes a verdade! Onde estava eu mettido! Ah! Meu Deos, onde estava eu mettido!.. Eu não percebia assás estas interjeições, mas elle estava tão suffocado, que quasi não podia continuar. Sentou-se como affrontado, e desfalecido, repetindo com tudo, de espaço a espaço = Onde estava eu mettido! Ah! Meu amigo, agora vejo que tinheis razão! Eu queria que me explicasse com miudeza o que tinha visto, e ouvido, mas elle sómente me tornava = Tendes razão, tendes razão; e isto he tudo o que eu vos posso dizer. Desgraçado, lhe tornei eu então, eu vos peço perdão, vós acabais de dar hum juramento execravel, e eu mesmo vos induzi, e vos persuadi esta acção. Porém crede, que nunca me passou

pela lembrança tão atroz juramento. Conheço que era melhor ignorar o fatal segredo, que adquirillo a hum semelhante preço.

Tinha então começado a Revolução Franceza, este novo Adepto tinha já perdido seus bens, perdendo seus empregos, com tudo elle me disse que podia bem reparar este golpe da Fortuna, se quizesse acceitar o que se lhe propunha. Se eu quizer, disse elle, transportar-me a Londres, a Bruxellas, a Constantinopla, ou outra qualquer Cidade, nem minha mulher, nem meus filhos, nem eu, temos necessidade de mais nada. Sim, lhe tornei eu, porém com a condição de irdes prégar a *Igualdade*, *e Liberdade*, e toda a Revolução = He verdade disse, e eis-aqui tudo o que eu posso dizer-vos. Ah meu Deos, onde estava eu mettido! Não me preguntéis mais nada!

Bastava unicamente a affectação do segredo sobre estas primeiras pa-

Carl.ª

Assemblea dos Pedreiros Livres

lavras dos Pedreiros Livres = *Igualdade*, e *Liberdade* para se conhecer que ellas tinhão huma explicação, ou interpetração, que a Seita devia occultar aos homens de Estado, e aos Chefes da Religião. Eis-aqui para que se exigião, e praticavão tantas provas, tantos juramentos para se chegar ao conhecimento intimo do ultimo mysterio dos Pedreiros Livres.

Ora para dar ao Leitor huma idéa cabal destas verdades, eu vou expôr a historia allegorica que se explica pela exposição destes ultimos, e recatados segredos. Esta historia he a mesma que se conta ao iniciado quando se lhe confere o gráo de Mestre Pedreiro Livre. A Loja, em que se confere este gráo está armada de preto, no meio da casa está hum túmulo levantado sobre degráos, e coberto com hum panno de Eça; os Irmãos estão sentados á roda de vizeira cahida, e aspecto melancolico (he esta huma das en-

A estampa respectiva vem a servir de encerro da Obra.

camisadas mais ridiculas aos olhos do homem de sizo, e capazes de fazerem rir hum prezo do limoeiro.) Quando o Acepto he admittido, o *Veneravel* lhe conta a seguinte Historia (bem capaz de fazer adormecer huma creança.)

„ Adonirão, escolhido por Salomão para pagador dos Officiaes de Pedreiro, de Carpinteiro, e de Canteiro, que trabalhavão no Templo, tinha hum rol, ou folha, de tres mil, e para dar a cada hum o jornal que lhe pertencia os tinha dividido em tres classes, 1.ª Aprendizes, 2.ª Companheiros, 3.ª Mestres. Deo a cada huma destas classes huma Senha, e lhes ensinou o modo por que se devião tocar para serem conhecidos. Cada huma das classes devia conservar em muito segrédo esta Senha, e estas garatujas, para serem distinctos os individuos. Tres companheiros querendo possuir esta Senha, para cobrarem o jornal de Mestres, se escondêrão

no Templo, e se postárão depois cada hum em sua differente porta. A hora, em que Adonirão costumava fechar o Templo, o primeiro companheiro que o encontrou lhe pedio que lhe désse a Senha de Mestre; Adonirão, não estando pelos autos, levou na cabeça huma grande pancada com hum sarrafo; querendo fugir por outra porta, lhe fez o outro companheiro a mesma pergunta, e lhe arrumou pelas costellas huma grande arrochada com huma regoa, quiz fugir pela outra porta, teve o mesmo encontro, com a differença que o companheiro o colheo com hum camartello por huma fonte, que o estirou redondamente no chão: morto que foi, os tres assassinos o enterrárão debaixo de hum grande monte de entulho, e lhe pozerão em cima hum grande ramo de Acacia, para se conhecer o lugar onde tinhão enterrado o cadaver. A ausencia de Adonirão fez desesperar a Salomão, e os Mestres

Pedreiros, foi buscado por toda a parte, em fim hum Pedreiro achou o seu cadaver, e pegando-lhe por hum dedo, o dedo se lhe despegou da mão; pegou-lhe pelo pulso, e o pulso se despegou do braço. Espantado o Pedreiro, gritou = Mac-Benac = que significa, segundo a interpetração dos nossos Pedreiros = A carne deixa os ossos = Temendo todos que Adonirão não houvesse revelado a Senha, todos os Mestres Pedreiros convierão em a mudar, substituindo-lhe as palavras = Mac-Benac = palavras veneraveis que os Pedreiros Livres jámais pronuncião fóra das Lojas.

Acabada esta ridicula historia o Adepto fica sabendo, que o seu maior cuidado daquelle dia em diante deve ser buscar a palavra perdida por Adonirão, e vingar a morte deste martyr do segredo Maçonico. Muitos Pedreiros não descobrem neste conto da carochinha, mais que huma historia fabulosa da

ultima ridicularia, e com todo o = Mac-Benac = não se embaração com ultrior indagação do formidavel segredo. Porém o momento em que estas ninherias se tornão mais sérias he o da iniciação ao gráo de = Escolhido = Este gráo tem duas partes, huma se applica á vingança de Adonirão, que se começa agora á chamar = Hirão, = e a outra he a indagação da palavra, ou da doctrina sagrada, que ella exprimia, e que foi perdida.

Neste gráo todos os Irmãos apparecem vestidos de preto, e trazem a tiracolo do lado esquerdo hum papelão, em que está pintada huma caveira, dois ossos, e hum punhal, e á roda esta divisa = Vencer, ou morrer = Tudo respira morte, e vingança no uniforme, e na catadura dos Pedreiros nesta occasião. O Aspirante he conduzido á Loja com os olhos tapados, e com humas luvas salpicadas de sangue. Hum Adepto com hum punhal na mão o amea-

ça de lhe varar o coração para castigar o crime de que elle he accusado. Depois de muitos terrores, se lhe perdoa a morte, promettendo o Réo que presente está, vingar o Pai dos Pedreiros Livres, matando o seu assassino. Mostra-se-lhe depois huma caverna sombria, e lhe preciso que elle entre, e os amigos de fóra lhe bradão que mate tudo quanto lhe resistir, que se defenda, e que vingue o *Mestre* porque só desta arte póde ser admittido ao gráo de Escolhido. Levando pois o punhal na mão direita, e huma lanterna na esquerda, entra, encontra hum Fantasmão, e ouve huma voz que lhe diz = Crava esse punhal, mata, que esse he o assassino, vinga o nosso Mestre Hirão = O iniciado dá a facada, o Fantasmão cahe, o sangue corre, e a voz continúa a dizer-lhe = Corta a cabeça a esse assassino. Eis a cabeça do cadaver se acha aos pés do Iniciado, pega-lhe pelos cabellos, e vem

com ella em triunfo mostrando-a a cada hum dos irmãos, e he por isto julgado digno de ser Escolhido.

Neste passo o Adepto se achava feito Pontifice, e sacrificador com todos os seus irmãos. Revestidos dos ornamentos sacerdotaes, offerecem pão, e vinho, dizem elles segundo a ordem de Melchisedec; o objecto desta ceremonia he estabelecer a Igualdade Religiosa, e mostrar que todos os homens são igualmente Sacerdotes, e Pontifices, chamando desta maneira todos os Pedreiros Livres á pertendida religião natural, persuadindo-lhes que a religião de Moisés, e de Jesu Christo pela distincção que fazem de Sacerdotes, e Leigos, violárão os direitos naturaes da Igualdade, e Liberdade Religiosa. Houve mister que apparecessem todos os crimes, todos os attentados da Revolução, para que alguns Adeptos confessassem que tinhão sido logrados com a apparencia da atrocidade destas tão ridicu-

las como sacrilegas ceremonias praticadas neste gráo de Escolhido.

O Pedreiro Livre, cujo zelo não afroxava depois de ter passado por estes tenebrosos exames, e infamissimas provas, passava ordinariamente aos tres gráos da Maçonaria Escoceza, e nelles sabia, que em qualquer estado, em que até alli haja existido, fôra hum estado de perfeita escravidão. Por este motivo não he admittido á presença dos Irmãos, senão com huma corda ao pescoço pedindo encarecidamente que lhe desatem os laços. He preciso que elle se apresente em huma aptitude mais humilde ainda, quando do segundo gráo de Mestre Escocez quizer subir ao terceiro, a que os Pedreiros Livres chamão Cavalheiro de Santo André. O Irmão que aspira a esta honra he mettido em hum quarto bem fechado. Aqui se lhe deita ao pescoço huma corda com quatro noz corrediços, he estendido no meio do chão á luz de huma lanterna, e

aqui o deixão só para meditar sobre a escravidão a que ainda está reduzido, e para aprender a conhecer o preço da liberdade. Hum dos irmãos chega em fim, péga com huma das mãos na ponta da corda, e tendo na outra huma espada desembainhada em acção de lha enterrar até aos copos, o ameaça, se elle se atrevér a oppôr a menor resistencia. O Candidato não he declarado livre, senão depois de ter passado por hum sem número de perguntas, e sobre tudo depois de ter jurado pela salvação da sua alma, de não revelar jámais os segredos que lhe forem confiados. He coisa inutil fazer aqui menção de todos estes juramentos. Cada gráo tem seu juramento particular, e todos elles são terriveis, e espantosos. Todos sugeitão o Aspirante á mais terrivel vingança, ou de Deos, ou dos homens.

No primeiro gráo de Cavalleiro Escocez o Adepto sabe que he elevado á dignidade de supremo Sacer-

dote : recebe huma especie de benção em nome do Immortal, e Invisivel Jeóva. A Sciencia Maçonica lhe não he dada ainda senão como a de Salomão, e de Hirão renovada pelos Templarios ; mas no segundo gráo se lhe ensina, que ella tem por Pai o mesmo Adão. Este primeiro homem, e depois Noé, Nembrod, Salomão, Hugo de Paganis, fundador dos Templarios, e Jaques Moley, seu ultimo Grão-Mestre, se fizerão os grandes sabios da Maçonaria, e os favorecidos de Jeóva. Em fim no terceiro gráo se lhe mostra, que a famosa palavra por tanto tempo esquecida, e perdida desde a morte de Hirão, era o nome de Jeóva. Ella foi achada, dizem elles, pelos Templarios por occasião de huma Igreja que os Christãos querião edificar em Jerusalem. Cavando a terra naquelle lugar em que existíra o Templo de Salomão, se descobrírão tres pedras que servírão de fundamento ao antigo Tem-

plo. A forma, e a união destas tres pedras prendêrão a attenção dos Templarios. Cresceo ainda mais seu assombro quando vírão o nome de Jeóva gravado na ultima. O respeito que este nome lhes inspirou tornou este monumento precioso. As tres pedras forão secretamente transportadas para Escocia. Os Cavalheiros do Templo fizerão dellas o alicerse da primeira Loja. Seus herdeiros, successores do segredo são hoje em dia os Mestres perfeitos da Maçonaria, e os Summos Sacerdotes de Jeóva.

Ora não he muito difficultoso advinhar este segredo. Reduz-se a ver em o *Mestre Escocez*, o Summo Sacerdote de Jeóva, quer dizer da Religião do Deismo, que fôra successivamente a de Adão, Noé, Nembrod, Salomão, e a dos Cavalheiros do Templo, e que deve ser hoje a unica Religião perfeita do Mestre Pedreiro Livre. (Vejão-se = Os gráos dos Mestres Escocezes impressos em Stockolmo, an. de 1784.

Os Pedreiros Livres Escocezes, que houvessem penetrado bem o sentido das ceremonias, e dos juramentos, se podião considerar como livres, e Sacerdotes da Religião natural. Este Sacerdocio os livrava de todos os mysterios do Evangelho, e de toda a Religião revelada. Com tudo he preciso confessar, que muitos destes Pedreiros Livres não chegavão a penetrar o sentido interior de toda esta iniciação, e por isto havia outros gráos destinados para se introduzirem pouco a pouco no conhecimento dos ultimos mysterios. Restava dizer-lhes, que esta famosa palavra de Jeóva tinha sido roubada por aquelle que havia abolido o culto do Deismo. Este era o objecto, e a materia de hum novo gráo, dividido em outros gráos chamados de Rosa Cruz. Neste gráo tudo muda de côr, e de tom, e tudo he relativo ao Author do Christianismo sacrificado sobre o Calvario. As paredes da casa, em que se conferia

este grão estavão armadas de baeta preta, e no fundo havia hum Altar, e por detrás hum véo transparente que deixava ver tres cruzes, e a do meio se distinguia pela inscripção ordinaria dos Crucifixos. Os Irmãos com paramentos sacerdotaes estavão sentados no chão em silencio profundo, com ar triste, e afflicto, e com a cabeça recostada na mão, em sinal de dor, e consternação.

Na abertura da Loja, o Presidente perguntava ao Irmão, primeiro espião, que horas são? A resposta era concebida nestes termos = He a primeira hora do dia, e o instante em que o véo do Templo se rasgou, em que as trévas da consternação se espalhárão pela superficie da terra, em que a luz se obscureceo, e em que *as ferramentas dos Pedreiros Livres se quebrárão.* (Quem vio tamanho excesso de demencia, de impiedade, e de desaforo?) em que a estrella resplande-

cente desappareceo , em que a pedra cubica se fez em migalhas , e em que se perdeo a Palavra. » =

O Adepto que tem seguido na Maçonaria os progressos de seus descobrimentos , não tem necessidade de novas lições para perceber á essencia destas palavras. Vê muito bem que o dia em que a palavra = Jeóva = se perdeo, he precisamente o dia em que J. C. Filho de Deos morreo pela salvação dos homens, consummou o grande mysterio da Religião Christã , e destruio toda outra qualquer Religião , ou Judaica , ou Natural , ou Filosofica. Quanto pois hum Pedreiro Livre permanecer mais apegado a esta pertendida Religião natural , mais saberá detestar o Author , e consummador da Religião revelada , por isto a palavra que elle encontrou nos gráos superiores, não he o objecto das indagações deste novo gráo que recebe, e para o habituar á blasfemia , ao ao horror , e desprezo contra o

Deos do Christianismo, começa este ridiculo dialogo entre o *Veneravel*, e o Adepto = De que páiz he sua mercê? R. da Judea = Porque Cidade passou? Por Nazareth = Quem foi o seu Conductor? Rafael = De que Tribu descende? De Judá = Ora de-me cá as quatro letras iniciaes destas palavras. = J. N. R. J. = Meus irmãos, grita então o *Veneravel*, achou-se a palavra. Seja dada a luz ao nosso carissimo Irmão; e todos lhe devem dar os parabens. Toda a Loja retine em applausos por este importante descobrimento. Em que consiste pois este descobrimento? Em dar á palavra J. N. R. J. huma interpetração, que não faz de J. C. mais que hum Judeo ordinario, conduzido por outro Judeo, chamado Rafael, á Cidade de Jerusalem, para ser punido de seus crimes. Neste sentido pois, a palavra J. N. R. J. se torna a palavra estimada pelos Rosa Cruz. Esta explicação, e tu-

do quanto della resulta contra a Religião Christã, teria escandalizado hum grande número de Adeptos; e por isto não he revelada a toda a cáfila dos iniciados. Quando os *Veneraveis* descobrião em alguns os sentimentos de homens honrados, (porque esta canalha só admittia aos ultimos mysterios os maiores patifes conhecidos) dizião-lhes que tudo isto era huma convenção feita entre os antigos Christãos para conservarem a memoria do mysterio da Paixão, em os tempos das perseguições. Só a suprema classe dos Rosa Cruz possuia a verdadeira explicação da palavra = J. N. R. J. e da blasfemia, que a Seita lhe havia anexado. Para estes perros, e verdadeiros ladrões do socego público, Jesu Christo não era mais que o destruidor da Religião natural, que elles procuravão estabelecer no Mundo. Elles se devião ainda reunir hum dia ás ordens do seu Grão Mestre, e conquistarem a Ilha de Malta,

(que disparates!) para a fazerem o berço da Religião natural, vingando a destruição dos Templarios com a destruição dos Cavalheiros Maltezes, que tinhão herdado seus bens. Ora o Filosofismo do nosso Seculo temendo que todas estas impiedades não chegassem ainda, e não bastassem para formar os verdadeiros Pedreiros Livres, inventárão mais gráos, entre os quaes se distingue sobre tudo o gráo, a que elles chamão = De Cavalheiro do Sol. =

Chegando a este gráo, he impossivel dissimular quanto o Codigo Maçonico seja incompativel com os menores vestigios do Christianismo. Neste gráo o *Veneravel* toma o nome de Adão, e o Adepto toma o nome de = Verdade = Este Adepto = Verdade = he nesta occasião o introductor, e eis-aqui as lições que elle dá ao iniciado, recapitulando todos os Emblemas que até alli tem visto na Maçonaria desta maneira. =

» = Sabei desde já, que os tres primeiros móveis, que tendes visto taes como a Biblia, o Compasso, e a Esquadria = tem huma occulta significação, que vós ainda não comprehendeis. Pela Biblia he preciso que entendais, que não tendes outra lei mais que a de Adão, que o Eterno tinha gravado em seu coração. Esta Lei, he a que se chama *Lei natural*. O Compasso vos diz, que Deos he o ponto central de todas as coisas. Pela Esquadria se nos descobre, que Deos fez todas *as coisas iguaes*. *A pedra cubica* vos diz, que todas as vossas acções devem ser iguaes, relativamente ao summo Bem. Se me preguntais quaes sejão as qualidades de hum Pedreiro Livre para chegar ao centro do Summo Bem, responder-vos-hei, que para isto he preciso ter esmagado a cabeça da Serpente da ignorancia mundana, ter sacodido o jugo das preoccupações da infancia a respeito dos mysterios da Religião

dominante do paiz, em que se nasceo. = Todo o Culto Religioso não foi inventado, senão pela esperança de commandar, e de occupar o primeiro lugar entre os homens. = Eis-aqui, meu carissimo Irmão, o que he preciso saber combater, eis-aqui o monstro debaixo da figura de Serpente, que he preciso exterminar. Eis-aqui a pintura fiel daquillo, que o cégo vulgo adora, e respeita com o nome de Religião. Foi o profano, e cobarde Abiron, que se tornou por hum zelo fanatico o instrumento do rito monacal, e religioso, descarregando os primeiros golpes na cabeça de nosso pai Hirão, isto he, que solapou os fundamentos do Celeste Templo, que o Eterno tinha levantado na terra á sublime Virtude. A primeira idade do Mundo foi testemunha disto que vos digo. A Lei mais simples da Natureza fazia de nossos pais, os homens mais ditosos.

O monstro do orgulho appare-

ceo na terra, levantou a frente, e se fez ouvir a todos os homens felizes daquelle tempo; prometteo-lhes a felicidade, dizendo-lhes com palavras assucaradas, que era preciso dar ao Eterno hum culto mais visivel, e mais extenso, do que aquelle que até alli se lhe tinha dado no mundo. Esta Hydra de cem cabeças enganou, e ainda engana os homens, que vivem debaixo de seu imperio, e os enganará até ao momento, em que os escolhidos apparecerem para a combater, e destruir inteiramente.

Lições tão impias não tem necessidade de reflexão. Conhece-se com evidencia que se encaminhão a fazer dos Adeptos os mais declarados inimigos da Religião revelada. Em fim nas ultimas Lojas o gráo de *Kadosch* vinha ao mesmo tempo consummar no coração dos Adeptos o odio dos Altares, e dos Thronos. A este gráo tinha sido promovido o Adepto de que acima fallei, nem me admiro do estado de abatimento

a que elle estava reduzido; era hum resultado das provas, por que tinha passado. Alguns Adeptos do mesmo gráo me disserão depois, que não havia recurso nos meios fysicos, que não havia fantasmas, nem terrores, de que não lançassem mão para aterrar o animo, e provar a constancia do Aspirante. Mr. Monjoie nos falla de huma escada, por que fizerão subir o Duque de Orleans, obrigando-o depois a precipitar-se do ultimo degráo. Esta foi a sua prova, elle a deo, mas tinhão-se tomado as precauções necessarias para o colherem sem damno. Imagine-se hum profundo subterraneo, hum verdadeiro abysmo, donde se eleve huma torre até ao ultimo fastigio da Loja. Ao fundo deste abysmo he conduzido o Iniciado, por meio de subterraneos, onde tudo o que se encontra inspira horror, he fechado no fundo, prezo, e muito bem amarrado. He deixado nesta situação, e pouco a pouco se sente levantado

por meio de máquinas, que fazem hum motim medonho, sobe lentamente suspenso desde o fundo destes poços tenebrosos, e sobe muitas vezes horas inteiras, recahe de repente, como se não estivera suspenso em seus laços. Em muitas occasiões he preciso sobir, e tornar a descer entre as mesmas angustias, e guardar-se bem de exhalar hum só ai, hum unico gemido, que indique a menor perturbação, ou susto. Esta descripção apenas dá a conhecer huma parte das provas, de que nos fallão homens que as tem dado protestando, que lhes he impossivel fazer de todas huma exacta descripção, e fiel pintura, porque perdem os sentidos a ponto de não saberem onde existão, que lhes são precisos alguns cordiaes, ou confortativos, que ainda que lhes restituão as forças, lhes não deixão a faculdade de reflectir. Isto basta, e a consequencia destas provas he fazer do Iniciado hum verdadeiro assassino.

A ultima scena desta Tragedia atrocissima, he pôr-lhe ante os olhos ter bonecos, que representão o Papa Clemente V., o Rei Filippe formoso, e o Grão Mestre de Malta. As cabeças dos tres bonecos estão cobertas com as insignias da sua dignidade. He preciso que o desgraçado fanatico jure odio, e morte a estas tres cabeças proscriptas fallando com os seus sucessores. Mandão-lhe que corte estas tres cabeças, que são como no gráo de *Escolhido*, ou verdadeiras, se as podem encontrar, ou cheias de sangue, se a coisa não he mais que huma representação, clamando = Vingança, Vingança. = Depois desta prova atroz, o Iniciado péga nestas cabeças ensanguentadas, corre com ellas a Lója, em que estão reunidos os Adeptos, apresenta-as ao que faz de Presidente, gritando = *Nekon*, eu os matei. = Depois disto he admittido ao ultimo juramento. Eu ouvi a hum dos Adeptos, que no instante de dar

este juramento estava diante delle hum Adepto com huma pistola na mão, ameaçando-o com a morte, se o horror do seu crime o obrigasse a suspender-se; e perguntado este homem, se com effeito acreditasse por verdadeiro o ameaço, respondeo, ainda que o não acreditasse, ao menos não deixei de temer que se realizasse. Em fim o véo se rasga, e o Adepto conhece, que a verdade não lhe tinha sido descoberta senão em parte, que esta Liberdade, esta igualdade, de que se lhe tinha fallado na sua entrada na Maçonaria, consistia em não conhecer superior algum na terra, e a não devisar nos Reis, e nos Pontifices mais do que homens iguaes aos outros homens, que não tem outro direito no Throno, ou no Altar, mais do que aquelle que o povo lhes tem querido dar, e que este mesmo povo lho póde tirar, quando muito bem quizer, que o ultimo dever de hum Pedreiro Livre, que quer le-

vantar Templos á Igualdade, e á Liberdade, he procurar libertar a terra deste duplicado flagello, destruindo todos os Altares, que a credulidade, e a superstição levantárão, e todos os Thronos, onde se não vêm sentados mais que Tyrannos, que dominão sobre escravos.

Desta arte se cónsummão todos os mysterios das ultimas Lojas de Pedreiros Livres. A sua marcha he lenta, e complicada, mas quão profundamente estão descombinados, e como cada gráo conduz directamente ao fim da Revolução! Desde o primeiro gráo de Aprendiz, vai o Adepto dando sucessivos juramentos, e cada vez mais atrozes. O ultimo gráo, he o de *Kadosch*, e neste he o Adepto constituido o assassino das Leis, e dos Pontifices para vingar a morte do Grão Mestre Mollay da ordem dos Pedreiros Livres, successores dos Templarios. A Religião que se deve destruir para achar a pertendida palavra de verdade, he

a Religião Christã, e todo o Culto fundado sobre a Revelação. Esta palavra em toda a sua extensão he a Igualdade, e a Liberdade, que se deve restabelecer pela extincção de todos os Monarchas, e abolição de todos os Cultos.

Esta Liberdade, e Igualdade, desorganizadora, e destruidora de todas as authoridades, ha mais de meio Seculo, era o objecto, e o emprego dos Pedreiros Livres mais adiantados na participação dos ultimos mysterios. E eis-aqui o motivo, por que esta Seita deve ser considerada como conspiradora. Esta era a doutrina mais especialmente propagada nas Lojas, e foi ella a que dispôz primeiro em França, e depois em quasi todo o resto da Europa Legiões de Adeptos que secundassem, e ajudassem a Revolução Franceza. Houve mister muito tempo para que a Seita fizesse prevalecer seus principios sobre todos os Irmãos; e teria achado bem poucos, se o Fi-

losofismo do Seculo não os dispozesse para tudo o que seus antigos mysterios tinhão mais contrario ao respeito da Religião, e das Leis. A Conspiração dos Sofistas tinha inundado o Universo de producções anti-christãs, e anti-realistas, e por isto foi facil aos Adeptos inspirar ao commum de seus discipulos todo o espirito de sua Igualdade, e de sua Liberdade desorganizadoras. Os mesmos Sofistas entrárão em grande número nas Lojas, e então se vírão na mesma linha os Adeptos de Holbach, e os Adeptos da Igualdade. Em huma, e outra conspiração havia o mesmo odio contra Christo, e contra os Soberanos. Só faltava aos Sofistas de Holbach braços, e ferros que lhes podião fornecer o regime das Lojas dos Pedreiros Livres.

A' frente deste regime em França havia huma Junta geral denominada = O grande Oriente = debaixo das apparentes ordens do Grão

Mestre, mas effectivamente governada pelos profundos Adeptos, e que servia de ponto central da conrespondencia das Lojas. Esta fatal Junta era ao mesmo tempo o Tribunal, e o Conselho supremo, cujas ordens não podião ser violadas, sem que os transgressores incorressem na pena de perjuros. Junto a este Tribunal residião os Enviados, e Deputados das Lojas espalhadas por diversas Cidades, encarregados de lhes transmittir as ordens, e de as fazer executar. Cada Loja tinha seu Presidente com o titulo de *Veneravel*, cuja obrigação era fazer executar as Leis do Grande Oriente, e dispôr os Irmãos para a observancia destas mesmas Leis. Todas as instrucções erão transmittidas em huma lingoagem enigmatica, ou por huma cifra especial, e por caminhos occultos. Cada huma das Lojas mandava todos os seis mezes as suas contribuições para a manifestação desta Junta Central. As que não existião debaixo da

inspecção do Grande Oriente, tinhão seu governo especial debaixo da inspecção de huma Loja Mãi, que tinha o seu Grão Mestre; e conservava suas correspondencias. Todas estas partes da Constituição Maçonica erão conhecidas; ou pouco mais, ou menos, sabidas por cada hum dos Confrades. Mas os ultimos segredos não erão communicados a todos, mas chegava o desgraçado tempo em que a respeito da Revolução Franceza tão zeloso se devia mostrar o Irmão mais noviço, como o Adepto mais adiantado, mais consummado, e jubilado. Para isto foi preciso encher os primeiros lugares, ou as primeiras Lojas de toda a especie de estouvados, até de aldeões grosseiros, de Officiaes sem principios, que os Impios seduzião continuamente, e de todos aquelles a quem aprazião as declamações, e as calúmnias dirigidas contra o Clero, contra o Soberano, contra os ricos, e poderosos.

Com este mesmo regime, não era impossivel organizar em França Lojas de salteadores, e distribuir-lhes os papeis de Soldados, e até de carrascos em a Revolução. Todas estas macaquices diabolicas, todas estas ceremonias, ou ridiculas, ou abominaveis, se dirigião a franquear o caminho para a Revolução, e fazella approximar. Na historia secreta das Lojas, he preciso ir buscar huma data 26 annos atrás para ver como a Junta Central do Grande Oriente de París começava a sondar as disposições dos Irmãos para se realizarem os seus mysterios. O pretexto irrisorio de vingar os Templarios servio por algum tempo de encobrir seus ulteriores projectos. He preciso que se descubra esta infernal trama, e que se conheça a origem de tantos males que affligem a humanidade.

Existem em Londres (continúa Barruel) existem em Londres muitas pessoas de toda a condição, mi-

litares , magistrados , negociantes que fôrão n'outro tempo admittidos aos segredos profundos dos Pedreiros Livres , e que agora procurão expiar com o arrependimento os desvarios , a que os havia conduzido huma similhante associação ! Ha algumas personagens , a quem a Revolução Franceza abrio os olhos , e outras que não esperárão que ella rompesse para detestar os congressos Maçonicos que a preparárão ; e confessão que hum dos extravagantes projectos dos Pedreiros Livres era a conquista da Ilha de Malta para nella estabelecerem o berço da Religião natural para esta , e outras similhantes quimeras enviavão Missionarios a toda a parte , que devião affervorar todas as Lojas , e todos os Pedreiros para a fatal obra promovida com tanto calor havia 26 annos. Este negocio era tratado já com tão pouco rebuço , que a Côrte de Luiz XVI. o não podia ignorar. Entre tantos , tão numerosos , e tão

varios Adeptos devião encontrar-se muitos, que considerassem a Revolução como o mais terrivel de todos os flagellos; com effeito existem muitos, que assim o pensárão, e entre elles hum Grande, cujas actuaes desgraças me obrigão a não declarar seu nome. Sua honra, e probidade, tirão toda a suspeita de mentira, ou engano ao que elle annuncia.

Interrogando, se entre os Pedreiros Livres víra alguma coisa que se encaminhasse á Revolução Franceza, eis-aqui o que elle respondeo = Eu fui Orador de muitas Lojas, e tinha chegado a hum gráo muito eminente, e até aqui não descobri coisa alguma na Maçonaria, que podesse ser prejudicial ao Estado. Havia muito tempo que eu não apparecia nas Lojas, quando em 1786 me encontrou em París hum dos meus Confrades. Estranhou-me o haver deixado a Seita, e me pedio encarecidamente que tornasse para a sociedade, e que assistisse a huma

Sessão, que devia ser muito importante. Com effeito apresentei-me no dia aprazado, fui muito bem acolhido, e festejado = » Ouvi coisas que eu vos não posso dizer, porém coisas, que me escandalizárão, e assombrárão de tal maneira que fui immediatamente procurar o Ministro de Estado, e lhe disse: Senhor tenho huma pergunta que vos fazer, conheço toda a importancia, e todas as consequencias que ella póde ter, mas ainda que eu soubesse que me prenderião na Bastilha, devo perguntar-vos, porque nisto vai a segurança da Pessoa do Rei, e interessa a tranquillidade, e a conservação do Estado. Dizei-me se conheceis os Pedreiros Livres, e se attendeis para o que se passa, e trata em suas Lojas? O Ministro deo hum salto, e me respondeo = Estai tranquillo, porque nem vós sereis conduzido á Bastilha; nem os Pedreiros Livres perturbarão o Estado. =

O Ministro que deo esta resposta, não era homem de quem se suspeitasse a menor adherencia aos Pedreiros Livres, era sem dúvida incapaz de favorecer seus projectos, e de concorrer para seus attentados, porém elle pensava como o Conde de Vergenne, que com hum Exercito de duzentos mil homens não se podião temer os Pedreiros Livres, nem as suas intentadas revoluções. (Quanto hum, e outro se enganárão!) Ignorava a multidão de Legiões, que os conspiradores poderião oppôr aos Exercitos do Soberano. Ignorava sobre tudo, que qualidade de homens dirigião todas as Lojas conspiradoras. A do Grande Oriente, e a do Contrato Social já se havião reunido. Seu conselho já se compunha de todos aquelles Adeptos, que a Revolução Franceza mostrou mais inimigos da Religião, e da Monarquia. Neste conselho secreto tinhão já entrado Condacet, Mirabeau, Brissot, Syeys, e huma ca-

terva de todos aquelles, que dentro em pouco tempo se tornarião os Heroes do Jacobinismo. A' sua frente tinhão aquelle Filippe de Orleans, Principe ainda mais perverso, e máo, que ambicioso, que tinha comsigo, e no seu coração lançado os alicerses a outra conspiração, e projectos particulares, e que cioso do Rei, e detestando a Rainha tinha protestado, e jurado a sua ruina. Embora cavasse elle o mesmo precipicio em que se lançou depois, embora preparasse elle mesmo os algozes, que lhe devião cortar a cabeça, nada lhe importava com tanto, que satisfizesse a sua atrocissima vingança. Todos os protestos, todos os juramentos para a Revolução existião havia muito tempo no coração dos Conjurados, e já se approximava, e avizinhava o momento em que huma Seita mais tenebrosa ainda, mais formidavel, mais fecunda em artificios que as ultimas Lojas dos Pedreiros Livres, se havia ajuntado a seus

conselhos secretos para lhe communicar, e prestar todos os seus auxilios, e recursos. Esta Seita era a dos Illuminados de Baviera. Não bastava a esta nova especie de Impios ter jurado a destruição de todo o Christianismo, e de toda a Monarquia; seu odio se estendia a tudo o que era Deos, a tudo o que era Culto, a tudo o que era Governo, e a toda a especie de Sociedade Civil, de pacto social, e até de propriedade.

Que esta Seita existisse, que se engrossasse, e fizesse formidavel, e poderosa, que ainda exista em nossos dias, e que ella seja o peor de todos os flagellos revolucionarios, he hum facto da ultima evidencia, e algum dia daremos as provas incontestaveis desta mesma evidencia.

Conclusão.

Eis-aqui quanto basta para dar aos Portuguezes honrados, e ho-

mens de bem, huma justa idéa do caracter, dos costumes, e dos procedimentos da vilissima canalha dos Pedreiros Livres. Elles são detestaveis pelos males, de que fôrão causa; porque sem elles não existiria a Revolução Franceza, não se terião derramado rios de sangue inutilmente, não se terião inquietado, invadido, e roubado tantos Reinos, e tantas Nações. Sem elles o Imperio de Alemanha ainda se conservaria em toda a sua integridade. Luiz XVI. ainda existiria no Throno. Carlos IV., e Fernando VII. governarião tranquillos a Hespanha, Portugal não seria tão aleivosamente saqueado, e pizado pelas cáfilas dos salteadores, que aqui tem apparecido, e desapparecido. O Soberano Pontifice existiria no Fóco da Religião, Roma não seria profanada, e o Veneravel Pio VII. não teria sido desacatado em sua Santissima Pessoa. Fernando IV. occuparia tranquillo o Throno de Napoles, a Italia não

teria sido retalhada, e inteiramente devastada. O Piemonte teria hum Soberano dentro em si. A Hollanda seria huma Potencia independente, livre, e a mais tranquilla, e opulenta do Globo, e o Grande, o Magnanimo, o Sublime Gustavo IV. empunharia gloriosamente o Sceptro, de que he despojado: em fim a Europa seria feliz, e se conservaria naquelle equilibrio politico que formava a ventura, a tranquillidade, e a abundancia de tantos Póvos. Sem estes abominaveis Pedreiros Livres não estaria a Terra tão povoada de desgraças, e crimes, quaes nunca se commettêrão desde que ha homens. Tantos males reaes serião incognitos, se esta raça de Viboras não houvesse existido. Ella faz que se percão tantas batalhas, em que vai a gloria, e a liberdade das Nações; que haja tantos traidores, inimigos da Patria em que nascêrão; que se fação tantas capitulações, em que os impios Vándalos ganhão, e continuão a escarnecer dos homens.

Não só he detestavel, e maldita esta Seita, mas até he ridicula. Onde jaz a sua decantada Igualdade, e Liberdade? Mentecaptos, para que se matárão! As suas Lojas parírão Bonaparte para lhes dizer nas suas desavorgonhadas caras = O meu Imperio, o meu Throno, os meus Vassallos = e para lhe criar huma enfiada infinita de Duques, Condes, Barões, que erão o objecto de seu odio, e em cuja ruina conjurárão tantos annos. Parece que pozerão todos os seus esforços em produzir o contrario do que elles querião, esperando a todos os instantes que o Clementissimo Imperador lhes mande fechar as Lojas, e enviar os que ainda restão para a forca, bem como Robespierre fez passear até a Guilhotina os seus mais authorizados Patriarcas. Insensatos! A si mesmo se fizerão desgraçados, e envolvêrão em sua desgraça o Mundo inteiro, chamando para tyrannizar a França, e inquietar o Globo

huma familia estranha, abjecta, escura, e insaciavel de ruinas, e de sangue. O Ceo confunda esta estúpida canalha, e Portugal os conheça, os extermine, os acabe dentro em si, será perpétua, será gloriosa a sua Conservação, o seu Throno, e a sua Santissima Religião.

O SEGREDO REVELADO

OU

Manifestação do Systema dos Pedreiros Livres, e Illuminados, e sua influencia na fatal Revolução Franceza,

OBRA EXTRAHIDA

Das Memorias para a Historia do Jacobinismo do Abbade Barruel, e publicada em Portuguez para confusão dos Impios, e cautéla dos verdadeiros amigos da Religião, e da Patria.

POR

JOSE' AGOSTINHO DE MACEDO,
PRESBYTERO SECULAR.

PARTE III.

LISBOA,
NA IMPRESSÃO REGIA.
ANNO 1810.
Com licença.

Vende-se na Loja de Desiderio Marques Leão, no largo do Calhariz, N.º 12.

Percussimus fœdus cum morte, et cum inferno fecimus pactum flagellum inundans cum transierit, non veniet super nos: quia posuimus mendacium spem nostram, et mendacio protecti sumus. Isaiæ C. XXVIII. v. 15.

Nós fizemos hum concerto com a morte, e fizemos hum pacto com o inferno. Quando passar o flagello de inundação, não virá sobre nós: porque temos posto a mentira por base da nossa esperança, e pela mentira fomos protegidos. Isaias. C. XXVIII. v. 15.

PREFAÇÃO.

PAra conhecermos a empestada fonte de que dimanou a aluvião de males, que tem inundado a terra desde o fatal anno de 1789, não he preciso mais que lançar attentamente a vista para o medonho quadro do Maçonismo. Aquelles mesmos ímpios everbosissimos Declamadores, que para insultar nossa santa Religião se atrevêrão a dizer que as opiniões Theologicas tinhão feito derramar muito sangue na terra, se fossem expectadores da infeliz revolução, que elles preparavão, conhecerião quanto maiores, mais reaes, e mais verdadeiros males tem causado o Maçonismo, exaltado o Illuminismo com o chimerico, e inrializavel Systema da igualdade, e liberdade com que embalárão, e ador-

meçêrão os homens para produzirem depois huma raça maldita de Tyrannos, e de Algozes da humanidade. Quando intentárão fazer o homem livre, o fizerão mais vergonhoso escravo; e quando com o compasso, e esquadria intentárão designar o nivelamento das condições, levantárão huma tempestade tal de Duques Francezes, que já faltão terras para titulos; e se esta raça de viboras para opprobrio nosso, se demorasse aqui, teriamos o grande Magistrado dos Cães e Ferros velhos, Duque da Calvaria. Taes são os partos dos miolos Maçonicos, e taes os beneficios, que vierão trazer aos filhos de Eva!

O doctissimo Abbade Barruel pinta estes monstros como os Leitores vão observar nesta terceira parte do nosso segredo revelado, com as mais carregadas côres; mas só os pinceis da verdade se molhárão nestas tintas, o mundo horrorizado

aprenderá a detestar os Authores de seus males, e desgraças, e apenas escutar a palavra Irmão Mação, (Irmão do Diabo) escutará o estampido do raio, quando parte a nuvena, para reduzir edificios a montões de cousas. As pragas do Egypto limitárão-se a hum só paiz: estas pragas estendem-se e dilatão-se a toda a superfice da Terra. A maior, a mais sonora, a mais fecunda bofetada, que se tem dado no mundo, foi a que o Soldado Hespanhol deo no Mação Savary, quando poz o primeiro pé na America a prégar as liberdades, e as igualdades de Napoleão Satanaz. São, já digo, pragas mais vastas, que as do Egypto, Gafanhotos devastadores, Rans palreiras, e de tão harmoniosos acentos como as mesmas Rans. Trévas palpaveis, e com hum negrume mais denço que a do mesmo Inferno, são mortes ambulantes, que tudo ataçalhão, tudo conso-

mem, vorágens profundissimas, onde tudo se sepulta, Ladrões marcados, que roubão ao homem o que o homem tem de mais precioso, que he a sua tranquillidade. Com estas côres pinta Barruel a Canalha desde o barredor da Loja, e o esmurador das bugías, até ao mais desavergonhado Cavalleiro do Libano. Se eu me apartára dos pensamentos de Barruel, diria que a Pedreirada depois de se mostrar huma Cáfila atroz, se deve considerar como a mais ridicula encamizada, que tem apparecido em cima deste globo. Se os Rapazes, que tanto respeitão a cerração da Velha, advinhassem o que era huma cousa que aqui appareceo, e se eclipsou na tarde de 27 de Dezembro de 1809, veriamos os estupidos da charola, como os brabos de Marengo mettidos pelas chaminés em dia de Corpus. São com effeito os taes Irmãos os mais ridiculos Ratazanas, que as Praças

tem visto ainda contando os proprios Demonstradores de Camera Optima, e mais examinados Dentistas de Paris. Com effeito, quando o mundo conhecer pelo presente escripto o ridiculo ceremonial, as ridiculas conferencias, os ridiculos projectos, e intentos destes monstros, quando se lembrar, que este mesmo Adão Weissaupt, que tanto figura nesta terceira parte, foi em paga de seus trabalhos mandado degolar em Berlim pelo humano, e generoso Corso, então verá, que esta cáfila, além de ser perniciosa, e atróz, he igualmente estúpida, e destampada. Se os encerrassem a todos em huma infinita casa de Orates, era justo que se lhes perguntasse pelas espessas grades, onde existe a sua igualdade? Onde está a tão decantada liberdade sua? Que tal se vai mostrando a República mãi? Que tal he o magistradinho annual, e amovivel que a governa?

Onde pára o Cidadão, e mais a Cidadôa? O maior castigo da Pedreirada he o Corso; e a maior prova da sua estupidez, he o actual estado de França. A Geração presente, e a futura, quando amaldiçoarem os authores de seus males, olharão ainda com mais horror para hum Pedreiro Livre, e perguntarão cheias de afflicção, e dôr, se estes são os effeitos *do passatempo indifferente*?

O maior serviço, que se tem feito á humanidade nestes ultimos tempos, foi sem dúvida a publicação dos escriptos de Barruel. Elles são hum quadro fidelissimo, onde o Mundo póde conhecer os architetos diabolicos de suas desventuras, para chegar ao gráo de detestação com que sempre os deve considerar. Estes documentos de Barruel são inegaveis, e constituem os ímpios em huma interminavel tortura: debalde a sua raiva desaffoga em ultrages contra a pessoa de Barruel, contra

a sua conducta, fazendo-o (atroz mentira!) novo Cura em París, seus escriptos, como expressão da verdade ficão, e ficarão sempre intactos, como huns fanaes, que acclarão o mysterio das trévas para perpétua confusão, e supplicio dos malvados Mações, que ainda permanecem endurecidos á vista de tantos desenganos. Aquelle mesmo, para cuja espantosa exaltação elles tanto concorrêrão, he o mesmo que os suplata, e que os esmaga. O Espectaculo da França escravizada he para elles hum continuo, e inevitavel supplicio: debalde querem desviar os olhos deste espectaculo, por toda a parte os persegue, os atormenta, e os desengana. Elles conhecem a inutilidade de tantas quiméras, e vizagens por elles inventadas, e com que attrahião os inexpertos para engrossarem o seu ridiculo partido. Ora estes malvados ainda conseguírão hum dos fins de

seu abominavel Systema, que foi a funestissima liberdade de consciencia, raiz de todos os males moraes, e Sociaes. Lá vivem com a triste consolação da pública libertinagem. Mas o que he mais incomprehensivel, mais pasmoso ainda, he vermos estes malvados, que até agóra tem existido entre nós, embalados com as esperanças da *regeneração* Franceza, ainda ateimão depois de verem, depois de observarem, depois de sentirem de tão perto os abominaveis Francezes. Que regeneração foi entre nós a dos Mações! Ficárão illudidos, envergonhados, confusos, esquecidos, envoltos no pó da miseria, e objectos apenas da irrisão pública. Por isto eu digo que a publicação dos Tratados de Barruel he hum grande serviço feito á Patria, á Religião, aos homens todos. He prevenir os innocentes, e honrados Cidadãos, para que conhecendo o mal, o evitem,

não se deixando enredar nos abominaveis laços, e para que todos com uniformidade conspirem no total exterminio destes monstros, que buscão a ruina da Sociedade: perecção para sempre, e fique para sempre degolada huma Hidra, que só respira mortes, e cahião os raios da indignação pública em seus Apologistas, que mais criminosos ainda, que os declarados Pedreiros Livres, se atrevem a dizer, que tão grande abominação não possa de hum divertimento innocente.

TERCEIRA PARTE.

Conspiração dos Sofistas da Impiedade e da Anarchia.

Seita dos Illuminados.

PArece que se tem preenchido as funestas predicções dos Apostolos, Pedro, e Paulo; pois vemos com dôr de nossas almas, que o espirito do erro, e da mentira se tem apoderado dos corações dos homens. O' Seculo 18, Seculo de impiedade! Comtigo fallavão seguramente aquelles Oraculos tão temiveis. Tu devias produzir huma alluvião de corrompidos Filosofos, de que diz a Escriptura, que *seguirião huma doutrina de Demonios, desviar-se-hião*

da Fé de Jesu Christo, e ensinarião a mentira. A ti te tocava renovar aquelles tempos, em que os Gigantes pertendêrão escalar o Olympo, e desthronizar ao Omnipotente: pois vemos não ser outro o objecto desses Filosofos, que mais parecem huma imaginação da funesta intelligencia, a quem hum Deos vingador só deixou genio para o mal. Corrompidos em seus espiritos, elles tem todos os artificios necessarios para dominar a escóla da mentira, da depravação, e da maldade. Meditar attentados, preparar revoluções, e combinar as ruinas dos Altares e dos Imperios, eis em que excedem aos outros homens.

O Público já vio a Historia dos Pedreiros Livres, extrahida das Memorias de Barruel: eu, a pezar de meus poucos talentos, vou fazer ver porque funesta fecundidade, a este systema produzio outro ainda mais pernicioso, systema que só respira

rebellião, impiedade, desesperação, crueldade, e a infracção de todas as Leis.

He em o anno de 1748, que Baviera deo o nascimento a hum ímpio chamado Adam Weishaupt, mais conhecido em os annaes de sua Seita, pelo nome de *Spartacus*. Este fenomeno odioso em a natureza, era hum atheo sem remorsos, hypócrita profundo, e não tendo os talentos superiores, que sempre acompanhão os celebres defensores da verdade; elle possuia todos os vicios, que fazem os maiores conspiradores da impiedade e da anarchia: este Sofista será pois conhecido na Historia como hum Demonio, tanto pelo mal que fez, como pelo que projectava fazer. Sua infancia he tão obscura como sua educação. Em sua vida domestica, huma só acção má se deixou ver a travez das sombras de que se cobria; e esta acção he a da maior depravação e malda-

Adam weishaupt fundador dos Illuminados.

de. Incestuoso Sofista, elle seduzio a viuva de seu Irmão; Pai barbaro, solicita a amizade, o ferro, o veneno para assassinar a innocente victima, cujo nascimento trahiria os costumes do Pai. O escandalo, que temia, não era o do crime; mas sim aquelle, que fazendo pública sua depravação, lhe tirava a authoridade que tinha sobre os Candidatos, que conduzia aos erros debaixo da mascara da virtude. Para se julgar de seu crime basta ouvillo em suas cartas secretas... „ Agora, escreve el-„ le a hum de seus adeptos, eu vos „ digo na mais intima confidencia o „ estado de meu coração. Eu não „ tenho socego, e me vejo na ulti-„ ma desesperação, pois estou no „ perigo de perder minha honra, e „ a *reputação, que me dava tanta* „ *authoridade sobre meus Candi-* „ *datos.* Minha Cunhada está peja-„ da... Como restabelecerei a hon-„ ra de huma pessoa de quem fiz o

„ crime? *Nós já tentámos muitas* „ *cousas para o aborto*; ella mes- „ ma está resolvida a tudo; porém „ *Euriphon* he mui timorato, e eu „ não tenho outro expediente. Se „ *Celso* guardasse silencio (*Celso de* „ *Bander*, Professor em Munich, e „ Medico da Duqueza Douairiere) „ elle me poderia ajudar; *pois mes-* „ *mo o tinha promettido ha tres* „ *annos*. Fallai-lhe, se julgardes a „ proposito, e vêde o que he ne- „ cessario fazer.... Até este mo- „ mento só *Euriphon* he sabedor „ do que vos revélo. Ainda he tem- „ po, pois está no seu quarto mez, „ e vós bem sabeis que o caso he „ criminal. He necessario grandes „ esforços, e as maiores resolu- „ ções. „ (*Escriptos Orig.* tom. 2., Cart. 3. a *Mario Hertel.*)

Que crimes, e que erros se não achão nesta Carta? Que monstruoso hypócrita se mostra este mesmo homem quando diz: *Eu perco em gran-*

de parte minha authoridade sobre meus adeptos, se lhe mostrar hum lado fraco, á sombra do qual elles se porão, quando eu lhe fallar da moral, ou exhortallos á virtude, e á honestidade. (*id. t. 1. Cart. 61. á Catão.*) A pezar porém de todas estas Cartas, que insultão a credulidade pública; a perversidade deste Conspirador se faz melhor conhecer, quando diz em sua apologia: „ Eu „ julgo, e devo reconhecer diante „ de Deos, pois quero que este es- „ cripto seja considerado como a „ mais solemne protestação, que em „ minha vida nunca ouvi fallar de „ meios occultos, (isto he de abor- „ tos) eu não tenho conhecimento „ de huma só occasião, em que „ meus adeptos tenhão aconselhado, „ ou posto em uso. *Isto o digo em „ testemunho e affirmação da ver- „ dade.* „ (*Introduc. á sua apolg. p.* 6.) Eis-aqui como este hypócrita chama a soccorro o maior perjuro.

Mas como o fim desta obra he conhecer Weishaupt como conspirador, e sabermos o que elle foi na escóla da rebellião, da impiedade, e da anarchia, he preciso que desçamos ao abysmo dos Conjurados. He lá onde veremos todos os gráos de crimes e maldades, e que apénas descobertas pelos olhos das justiças elle apparece á testa de huma conspiração; ante a qual todos os conventiculos de d'Alembert e de Voltaire, todos os outros maçonicos são puerilidades. Ignora-se se Weishaupt teve mestre, ou se foi o pai dos abominaveis dogmas sobre que fundou sua escóla: he verdade que no meio de hum seculo de tantos erros, tudo se deve esperar naturalmente de hum homem, que na escolha das opiniões ou politicas, ou religiosas sempre se decidio pela mais detestavel. Não podemos com tudo duvidar que tivesse noções, ainda que informes dos Illuminados;

visto que adoptou o nome, e renovou toda a parte desorganizadora de seus systemas, recommendando a seus adeptos o estudo de seus mysterios. Atheo de coração, e renunciando toda a Theosofia, elle só aprendeo de Manés o odio para com Deos, e para com o Governo. A pezar de conhecer os Sofistas de seu tempo e sua democracia, todos esses pertendidos filosofos lhe parecêrão ainda mui reservados sobre as consequencias de sua igualdade, e de sua liberdade, e por isso só tirou delles o puro atheismo. Huns o conduzião á nullidade de toda a lei politica e civil; outros contra toda a religião. He pois destes dous systemas que organizou hum, do qual o resultado foi o voto furioso de abolir, sem excepção, todas as religiões, governos, e propriedades. Weishaupt lisongeava-se de em pouco tempo inspirar a todo o genero

humano o mesmo voto, e de o ver cumprido.

Com os recursos de hum Sofista vulgar, esta esperança seria hum delirio; porém em huma cabeça tal como a de Weishaupt, organizada para os grandes crimes, nós achamos a maldade. O Sofista Bavarez sentia toda a sua força, e não conhecia crimes impossiveis; pois os combinou todos para fazer prevalecer seu systema. De idade de 28 annos por meio de tramas se fez nomear Professor em Direito na Universidade de Ingolstadt. Affectando preencher com zelo o emprego de interprete público das Leis, elle julgou ter achado o meio de aniquilar todas, e em todo o mundo. Detestando os serviços dos filhos de Bento, e de Francisco, elle admirava o governo Jesuitico, que debaixo de hum só Chefe, fazia tender por todos ao mesmo fim, tantos homens espalhados em o mundo: por

isto julgou que se podião imitar seus meios, *ainda que com vistas diametralmente oppostas.* (*Mirabeau. Monarc. Pruss. t. 5. art. relig. p. 97.*) Elle diz a si mesmo; o que fizerão estes homens pelos Altares e os Imperios, porque o não farei eu contra os Altares e os Imperios? Com os attractivos dos Mysterios, e pelas Legiões de adeptos sujeitos ás minhas Leis; eu destruirei em as trévas, o que elles edificárão em as luzes. O que fez o mesmo Jesu Christo por Deos e Cezar, eu o farei contra Deos, e contra o Cezar por meio de meus Discipulos, que serão meus Apostolos. (*v. escript. orig. t. 1. art. 13. Cart. á Ajax, 27 á Catão.*)

Weishaupt lança então os olhos sobre os Candidatos, que o Governo lhe confiára para fazer delles Magistrados da Patria, e defensores das Leis; e elle resolveo começar por elles sua guerra ás Leis e á Patria.

Estes primeiros discipulos tão faceis a seduzir, instruidos por elle, bem depressa se vírão aptos para formarem novos adeptos. Weishaupt vio suas Legiões crescerem e multiplicarem-se nas Cidades, nos Campos, e mesmo nas Côrtes dos Soberanos: pelos juramentos sujeitavão-lhe suas opiniões, seus corações; e em quanto os braços dessas novas Legiões dirigidas por suas Leis, inflammadas de seu espirito, e todas debaixo de suas ordens, se occupavão a minar surdamente os Altares, e a escavar o túmulo dos Imperios, elle calculava entretanto os tempos, em que ao menor signal se faria a explosão universal. Com estas esperanças associa a si dous de seus discipulos de idade de 20 annos. O primeiro chamado *Massenhausen*, que era destinado para a Magistratura; o segundo apenas conhecido pela torpeza de seus costumes. Weishaupt deo ao seu primeiro adepto

Fundação dos Illuminados.

o nome de *Ajax*, ao segundo o de *Tiberio*, e elle tomou o de *Spartacus*, famoso rebelde tão conhecido em Roma na guerra dos escravos contra seus Senhores.

Foi em o 1.º de Maio do anno 1776 que Weishaupt, iniciando seus dois adeptos, celebra a inauguração de monstruosa sociedade, que chamou a Ordem dos Illuminados. Satisfeito de ter lançado seus fundamentos, elle não se apressa de elevar o edificio, pois queria fosse duravel, e que se não destruisse por si mesmo. Em os primeiros tempos occulta a seus discipulos a obscuridade e profundeza de seus mysterios; e lhe manda sómente que alistassem hum certo numero de mancebos para elle os formar e dirigir, seja por suas letras, ou por algumas Leis provisorias, a fim de os achar dispostos para suas ultimas conspirações, em quanto não dava a ultima perfeição ao Codigo das Leis que

preparava. Este Codigo não era o resultado de huma imaginação precipitada, elle meditava todos os meios de o fazer infallivel, e por isso previa todos os obstaculos. Para os prevenir, meditar cinco annos essa combinação de estratagemas, enganos, artificios, e momices sobre as quaes ordenou a preparação dos Candidatos, os deveres dos iniciados, as funcções, os direitos, a conducta dos Chefes, e a sua mesma. Quanto mais se meditar sobre a parte deste Codigo, chamada seus mysterios, mais conheceremos que Weishaupt attingia os principios da igualdade e da liberdade, ensinados pelos Sofistas do Seculo, a que elle só deo huma nova face para chegar ás consequencias da impiedade e da anarchia a mais absoluta.

Os Sofistas instruidos, huns por Voltaire, outros por João-Jaques gritavão, que todos os homens erão iguaes e livres. Elles concluião so-

Systema geral da Seita.

bre a Religião, que ninguem, mesmo em nome da Divindade, tinha direito de prescrever as regras de sua fé; e a authoridade da revelação sendo annullada, só deixavão por base da Religião os Sofistas de huma razão dominada das paixões. Todo o Christianismo era destruido por seus adeptos. *Sobre os Governos*, elles dizião que todos os homens erão iguaes e livres, e daqui concluião, que todo o Cidadão tinha direito de fazer a Lei; e tomar o titulo de Soberano; e esta consequencia, abandonando a authoridade ao capricho da multidão, ficava por fórma legitima de todo o Governo, cháos e vulcões de hum Povo democrato e Soberano. Weishaupt, raciocinando sobre os mesmos principios, via ainda mui fracos em suas consequencias todos os Sofistas, e toda a populaça democratica, eis-aqui seus mysterios.

„ A igualdade e a liberdade são

„ os direitos essenciaes, que o ho-
„ mem em sua perfeição originaria
„ e primitiva recebeo da natureza.
„ O primeiro golpe a esta igualda-
„ de foi dado pela propriedade; e
„ as Sociedades Civis ou os Gover-
„ nos aniquilárão a liberdade. Os
„ apoios da propriedade e dos Go-
„ vernos, são as Leis Civis e Reli-
„ giosas; logo para restabelecer o
„ homem em seus direitos primiti-
„ vos de igualdade e de liberdade,
„ devemos começar em destruir
„ toda a Religião, toda a Socieda-
„ de Civil, e acabar pela abolição
„ de toda a propriedade. „

Se a verdadeira filosofia entrasse nas Lojas dos Illuminados, demonstraria aos adeptos e a seu mestre o absurdo de seu principio, pela extravagancia e maldade de suas consequencias. Ella lhe ensinaria, que os direitos e as leis do homem primitivo é só sobre a terra, ou mesmo cercado de familias pouco nume-

rosas, não forão nem devem ser os direitos e as leis do homem sobre a terra povoada de seus semelhantes. A verdadeira filosofia teria ajuntado que o Deos da natureza, mandando ao homem multiplicar-se sobre esta mesma terra e cultivalla, lhe annuncia de alguma sorte, que o destino de sua posteridade era hum dia viver debaixo do Imperio das Leis sociaes. Ella lhe diria mais, que sem propriedade, a terra ficaria inculta e deserta; e que sem Leis religiosas e civis, este immenso deserto só produziria espinhos e abrolhos, e alimentaria vagabundos e selvagens. O Bavarez Illuminado deveria então concluir, que sua igualdade e sua liberdade, longe de serem os direitos essenciaes do homem em sua perfeição, são principios de degradação e abrutecimento, que só podem subsistir com os anathemas contra a Propriedade, a Religião, e a Sociedade. Porém estava escri-

to , que a verdadeira filosofia se deveria calar na escóla e nas Lojas de Weishaupt. Com seu abominavel genio para o erro, elle se applaudia do Sofisma, e fez delle a base de seu systema, os segredos ulteriores de seus mysterios, o objecto de seu Codigo, e toda a sua conspiração. Ninguem sabia melhor do que elle, que huma Conspiração tão abominavel e escandalosa á Sociedade, e á Religião, exigia homens longos tempos preparados; e por isso dirigia invisivelmente seus adeptos para a grande revolução que meditava, e a que se encaminhavão todas as Leis, que compõe o Codigo do Illuminismo.

Codigo e divisões dos gráos Illuminados.

Segundo estas Leis, a Seita he dividida em duas grandes Classes, tendo cada huma subdivisões; e sua graduação proporcionada aos progressos dos adeptos. A primeira Classe he a das *preparações*, e esta se subdivide em quatro gráos, quaes

são: *Noviço Minerval*, *Illuminado Menor*, *e Illuminado Maior.*

A esta mesma Classe de preparações pertencem os Gráos intermediarios, que se podem chamar de introducção. Estes são os que a Seita tirou dos Pedreiros Livres, como hum meio de propagação. Entre os Gráos Maçonicos, o Codigo Illuminado admitte os tres primeiros sem alteração; e adopta como a ultima preparação para os mysterios, os Gráos de *Cavalheiro Escossez*, que tambem se chama *Illuminado Director.* A Classe dos mysterios, se divide *em pequenos e grandes mysterios.* Aos *pequenos* pertence o Sacerdocio da Seita e sua administração, dois Gráos a que chamão *Epoptes* ou *Sacerdotes*, e o outro *Régentes* ou *Principes. Os grandes mysterios* tem por Gráos, o *Mago* ou o *Filosofo*, e em fim o *Homem Rei.* A escolha dos ultimos compõe o Conselho e o Gráo de *Areopagi-*

ta. (*vede escript. orig. cap.* 2. *part.* 2. *pag.* 8.)

Instrucção do Insinuante Illuminado, para os Candidatos.

Ha em todas estas Classes, e em todos estes Gráos hum emprego importante, e commum a todos os Irmãos, e he o que designa o Codigo debaixo do nome de Irmão *Insinuante* ou de *Alistador*. Deste emprego depende toda a força da Seita: e he o que guia os adeptos a todos os Gráos. Qualquer que seja a dóse de seu espirito, não ha Illuminado que não deva ao menos huma ou duas vezes, ser Irmão *Insinuante*, e com successo; isto he, adquirir huma ou duas pessoas para a Ordem subpena de estagnação perpétua nos Gráos inferiores. Ha com tudo algumas dispensas para os Irmãos de alta navegação; mas em geral a Lei he formal para todos, sobre esta obrigação. Para a cumprir fielmente, todo o Illuminado deve estar munido de hum *Diario*. Espião assiduo de tudo quanto o rodêa, el-

le observará continuamente as pessoas com que se ajuntar. Amigos, parentes, inimigos, indifferentes, todos sem excepção, devem ser o objecto de suas reflexões. Elle procurará descobrir seu lado forte, e o seu lado fraco; suas paixões, seus prejuizos, suas uniões, em huma palavra, todas as circunstancias que os farão conhecer. Todos os dias escreverá no seu *Diario* o que tiver observado neste genero. Em cada mez dará parte aos seus superiores, e lhe indicará os homens de que se póde propór a recepção, e os que se devem excluir.

Quando se occupar em conhecer os outros, o *Irmão insinuante* evitará ser conhecido como Illuminado. O Legislador lhe recommenda huma virtude exterior, (isto he a hypocrisia) e evitar o escandalo, que o póde privar de sua authoridade sobre as innocentes victimas, que querem pilhar em seus infames laços.

Applicai-vos á perfeição interior e exterior, lhe diz elle formalmente; mas para que não acreditem que esta perfeição consiste em triunfar das paixões; *applicai-vos*, ajunta o Legislador, *á arte de vos contrafazer, de vos occultar, de vos mascarar, em observando os outros*, para melhor penetrar seus interiores. *Cála-te, sê perfeito, mascara-te*, e tal será a regra mais geral do Irmão Insinuante.

Imbuido nestes principios, estudará as pessoas que deve alistar, e aquellas que a Ordem rejeita absolutamente. Sem huma permissão expressa, não se admittirá á Ordem os Religiosos, *delles* se devem *fugir* como da peste.

Será rejeitado todo o fallador indiscreto, todo o orgulhoso, e inconstante, aos quaes se não póde inspirar o zelo da Ordem. „ *Alis-* „ *tai-me os brutos, os grosseiros*, „ *e os ignorantes*; diz o Legislador

„ Illuminado. Aquelles . que não ti-
„ verem talentos , e forem ricos,
„ alistai-os, pois fazem numero, e
„ enchem a Caixa ; *Augent nume-*
„ *rum et ærarium* ; porém tende
„ cautéla em não lhe revelar nos-
„ sos segredos ; antes devem estar
„ persuadidos que o Gráo que tem,
„ he o ultimo. „

Finalmente para os Principes ha huma meia exclusão. O Codigo Illuminado ordena que raras vezes serão admittidos , e quasi nunca elevados ao gráo de *Cavalheiro Escossez*, isto he, que serão suspendidos á porta dos mysterios. Se elle se mostrar zeloso , poder-se-ha admittir aos Gráos superiores; porém nunca lhe revelando certas partes do segredo, e Leis da Ordem. -- Ainda que Weishaupt exclua todas as mulheres , existe por sua approvação hum projecto escripto pela mão de *Zwack* , seu mais íntimo e confidente amigo. Segundo o pro-

jecto, as Adeptas mulheres „ devem „ ser divididas em duas Classes, „ formando cada huma sociedade á „ parte. A primeira será composta „ de mulheres virtuosas, e honestas; a segunda de mulheres sem „ reflexão, e voluptuosas. Humas „ e outras devem ignorar que são „ governadas pelos homens. Fazer-se-ha crer ás duas superioras, que „ sobre ellas huma Loja Mãi. Os „ Irmãos, encarregados de as dirigir, lhe darão as instrucções sem „ se fazerem conhecer. Elles conduzirão as primeiras pela leitura dos „ bons livros; e as outras ensinando-lhes *a arte de satisfazerem* „ *secretamente suas paixões.*

A pezar das exclusões de Weishaupt, ainda tem hum campo vasto para exercer o zelo, que lhe recommenda seu Legislador; do numero dos alistados devem ser principalmente todos os mancebos, desde dezoito annos até aos trinta; e

em preferencia os que podem dar á Ordem *protecção e consideração.*

Além destas pessoas tambem he necessario á Ordem os Artistas, e Obreiros de todas as qualidades; mas sobre tudo, Livreiros, e mestres de Escólas.

Ha outra escolha que o Legislador recommenda quando diz: *Procurai-me* mancebos *subtis*; *pois necessitamos adeptos insinuantes, fecundos em velhacarias, intrigantes, ardilosos, e emprehendedores. Como tambem flexiveis, obedientes, doceis, e sociaes.* Não se esqueção dos Poderosos, Nobres, Ricos, e Sabios; *nobiles, potentes, divites, doctos quærite.* Huma preferencia de outro genero, he a que Weishaupt dá ás pessoas domiciliadas nas Cidades, taes como os *Negociantes, e os Conegos*, como meios mais faceis para espalhar sua doutrina. Quando os *Irmãos Insinuantes* fizerem escolha de alguns ho-

mens, que experimentárão desgraças e injustiças, elles escreverão em seus Diarios os costumes, as opiniões, e a conducta delles; e da reunião de tudo isto farão hum retrato exacto, que os superiores compararão com os conhecimentos que já tiverão, ou com novas informações, se as primeiras não são sufficientes. Logo que a escolha do *Irmão Insinuante* he approvada; os Superiores farão a escolha de outro *Alistador* mais conveniente ás circunstancias, ao merecimento, á idade, á dignidade, e aos talentos do novo Candidato. Quando, em fim, conseguir a conquista, sua primeira attenção será inspirar ao seu Candidato o desejo de entrar na Ordem; e para isso ha dois methodos diversos. Primeiro, dirige o *Irmão Insinuante*, para os Candidatos de idade avançada, ou notavel por sua sciencia; o segundo he o que se deve seguir com os mance-

bos de idade de 18 a 30 annos, susceptiveis de huma segunda educação.

Devereis procurar homens, que tenhão estudado na escola do filosofismo moderno; porque o *Irmão Insinuante* trabalhará inutilmente com os Filosofos de hum espirito sólido e religioso; e nada se deve arriscar com homens desta qualidade. Quando achar algum Sofista imbuido dos principios da Seita; mostre-se hum homem versado nos mysterios da antiguidade, excitando-lhe o desejo de saber cousas ignoradas do vulgo, e dizendo-lhe que o commum dos homens estão nas trévas. Louvai-lhe os mysterios dos antigos Gymnosophistas, os Sacerdotes de Isis, ou do Eleusis. Munido de alguns textos, que o Legislador teve cuidado de lhes fornecer; o *Insinuante* dá a perceber, que a doutrina dos antigos mysterios he o grande segredo da Seita, a qual toda se encami-

nha a fazer a vida mais agradavel, os males mais supportaveis, e as idéas da Divindade mais magestosas. -- O *Insinuante* deverá mostrar-lhe, que o resto dos homens só tem opiniões incertas, ou falsas sobre a *natureza da alma*, *sua immortalidade*, *e seu destino.* Quando chegar ao fim de excitar por esta linguagem a curiosidade do seu Candidato, propôr-lhe-ha certas questões, ás quaes deve responder por escrito; como bases, em que he necessario concordarem antes de tudo. Se as respostas do Candidato são pouco conformes aos votos da Seita; renunciará a conquista; se porém tiver alguma esperança favoravel, não lhe poupará todas as provas destinadas aos mancebos.

Weishaupt, conhecendo quanto era mais facil seduzir os mancebos, e fazellos abraçar sem reserva os principios destruidores de seu systema; emprega toda a sua arte para

enredar estas miseraveis victimas. Que vosso primeiro cuidado, diz elle, seja de ganhar o amor, a confiança, e a estima daquelles, que primeiro deveis adquirir para a Ordem. -- Excitai em seu coração, pouco a pouco, o desejo de serem admittidos em huma sociedade secreta e poderosa. Fazei-lhe comprehender, que o homem entregue a si só, necessita de soccorros, e que estes só os poderá achar nestas sociedades, isto tanto para sua fortuna, como para sua instrucção e felicidade. Mostrai, por exemplo ao vosso Candidato, o menino no berço, fallai-lhe de seus gritos, de suas lagrimas e fraqueza, e depois lhe fareis ver este mesmo menino estando em huma impotencia absoluta quando se acha só, adquire forças pelos soccorros dos outros. -- Elogiai as vantagens da sociedade sobre o estado da natureza; e ser-vos-ha facil a grande arte de conhecer

os homens e dirigillos. Depois de terdes fallado das vantagens da sociedade em geral, mostrai-lhe os defeitos *das sociedades civis, e os poucos soccorros que ahi se achão, mesmo da parte de seus amigos; e quanto seria necessario hoje ajuntarem-se huns aos outros.* Accrescentai a isto, que os homens triunfarião do mesmo Ceo, se estivessem unidos; *que suas divisões he quem os conserva debaixo do jugo.* Tudo isto será explicado pela fabula dos dois Cães, e por diversos exemplos deste genero.

O *Irmão Insinuante* será encarregado de fazer entender ao seu Candidato, que todos os acontecimentos do mundo tem cousas occultas, nas quaes certas sociedades occultas tem parte. *Elle espertará no seu discipulo o desejo de reinar em segredo, de preparar em seu gabinete outra constituição para o*

mundo, e de governar os que crem governar-nos.

„ Quando chegardes a este ponto, continúa o Codigo dos Irmãos Alistadores; começai-lhe a mostrar que tendes alguma parte nestes segredos, e neste poder: deixai cahir algumas palavras avulsas que o fação perceber; e vede se chegais ao ponto de ler em seu coração esta resolução: hoje mesmo, se podesse, eu entraria em huma tal sociedade. „

O Irmão Insinuante ainda que tenha inspirado este voto, não chegou ao fim de sua missão; e por isso deve armar novos enredos. Para melhor conhecer o fundo de seu pensar, porá sobre o segredo algumas objecções, que elle mesmo resolverá, se ellas fizessem impressão. Outras vezes, para augmentar a curiosidade, terá na mão huma carta escrita com cifras da Ordem, ou a deixará meia aberta sobre a meza,

e depois de dar tempo ao seu Candidato de a vêr, a fechará de modo que inculque huma conrespondencia importante e secreta. Vendo nas relações, as acções de seu Candidato, lhe dirá algumas cousas que elle crerá não se poderem saber, senão por estas Sociedades, a quem nada he occulto, e se esconde a todos.

Poder-se-ha abbreviar este methodo; segundo o que a amizade ou as disposições do Candidato dér esperanças. O *Insinuante* nunca se esqueça deste preceito que he *necessario algumas vezes ser servo, para vir a ser amo.* A pezar de tudo isto he necessario que o Candidato manifeste sua vontade. Se elle recusa, dizer-lhe-heis: *Que he desgraçado, e mil vezes desgraçado o mancebo, a quem os Illuminados tem inutilmente ensaiado para entrar na sua Seita*; porque os Irmãos destruirão todos os seus pro-

jectos , e a nada pouparão para o perder. Esta lei da Ordem he invariavel , sobre tudo a respeito daquelles de quem os Illuminados temem os talentos. *He necessario ou ganhallos , ou perdellos na opinião pública* ; diz o texto do Codigo. Se o Candidato he submisso ás insinuações do *Irmão Alistador* , entrará na Classe dos Noviços , para receber as primeiras lições que o devem preparar para os outros gráos.

Noviço Illuminado.

Em todo o tempo do Noviciado não he primittido ao *Irmão Insinuante* fazer conhecer ao seu discipulo hum só membro da Ordem. Para o acostumar a guardar hum profundo segredo , commeçará por exigir delles a promessa de nunca revelar , por palavras , signaes , gestos , ou de qualquer maneira possivel , do que se lhe tem dito , a isto , ainda mesmo quando fosse excluido da recepção. Para lhe extorquir este juramento , se afirmará que

a Sociedade para que he chamado, nada tem contrario ao Estado, aos costumes, e á Religião.

Tomada esta precaução, o Noviço principiará a estudar a linguagem da Seita. Acostumar-se-ha a nunca chamar os Irmãos, pelos nomes com que são conhecidos no mundo. Elle tambem receberá seu nome caracteristico, pelo qual ha de ser conhecido dos Irmãos. He então que aprende a nova Geografia da Seita, isto he, dar ás Cidades e ás Villas nomes differentes, que lhe dão os profanos: como por exemplo, em lugar de dizer, Baviera, Suecia, lhe chamará *Achaia*, *Pannonia*; e em lugar de Munich, Vianna, d'Ingolstadt, deverá dizer, *Athenas*, *Roma*, *Thebas*, etc. O Calendario da Seita he tambem de hum dos grandes estudos; não dirá Junho, Julho, Agosto; mas sim, *Chardad*, *Thirmeh*, *Merdedaeh*. Segundo o Calendario Persa, datará

Estudos do Noviço Illuminado.

todas as suas Cartas da Era Jezdeger, começando em o anno 630. Finalmente, acostumar-se-ha dar ás Cifras o valor das letras que a Ordem lhe assigna. A estes primeiros estudos, se seguem os dos livros; estes não serão os dos Chefes da impiedade; mas aquelles que preparão o espirito a não crer na Revelação, e que persuadem que só as luzes da razão são sufficientes para a virtude, e para a felicidade.

Ainda ha para o Noviço hum estudo mais necessario, a que chamão a Sciencia do Codigo, a maior e a mais importante. Esta sciencia, he o *conhecimento dos homens*. O Irmão Instituidor lhe dará para este objecto o modélo de hum Jornal em fórma de Diario. Munido deste Jornal, principia a observar todos os homens com os quaes se ajunta, traçar seu caracter, e dar conta de tudo que vio e ouvio. Mas desgraçado! Em quanto está occupado em

estudar os outros, elle não sabe que he continuamente observado por seu Insinuante, o qual tambem escreve para dar parte aos Superiores de suas faltas, progressos, e fraquezas. Dadas estas primeiras lições, o Instituidor se senhoriará de todos os segredos do Noviço. Debaixo do pretexto de aprender a conhecer-se, estudando a arte de conhecer os outros, o Noviço traçará elle mesmo seu retrato, seus interesses, todas as suas relações, e de sua familia.

O Irmão Instituidor tem o cuidado de lhe dar hum modélo em fórma de mappa, sobre o qual o Noviço escreverá sua idade, seus empregos, sua Patria, sua habitação, o genero de estudo que escolheo, os livros que compõe sua bibliotheca, ou os escritos secretos que póde ter, seus amigos, seus inimigos, a razão de sua inimizade, seus protectores, e seus simples conhecimen-

tos. — Além disto formará outro retracto de seu Pai, Mãi, Irmãos, e Irmans; explicando a educação que tiverão, suas paixões, seus prejuizos, suas fraquezas. Em quanto o Noviço revela todos os seus segredos, o *Irmão Insinuante* escreve tudo quanto pôde descobrir no anno das provas tanto do miseravel, como de seus parentes. He comparando as duas relações, que o Superior declara, se o Noviço deve ser admittido ou não. Se a decisão he favoravel, elle sóbe ás grandes questões, que são vinte e quatro, das quaes o mais essencial he o seguinte:

„ Que esperança, ou que causa vos obrigou a procurar-nos? „

„ Se descobrisseis que em nossa Ordem era necessario fazer huma cousa má ou injusta, que partido tomarieis? „

„ Estais prompto a considerar

o bem da nossa Ordem, como o vosso proprio? „

„ Dais á nossa Sociedade o direito de *vida*, e de *morte*? Sobre que fundamento lhe recusais, ou daes este direito? „

„ Estais disposto a dar em toda a occasião, aos membros da nossa Ordem, a preferencia sobre todos os homens? „

„ Estais resolvido a seguir exactamente vossas leis? „

„ Obrigai-vos a huma obediencia absoluta e cega, e sabeis a força desta obediencia? „

„ Quereis, em caso que haja necessidade, trabalhar na propagação da Ordem; assistir com vossos conselhos, dinheiro, e todos os vossos meios? „

„ Que seguro nos dais destas promessas, e a que penas vos sujeitais se as transgredirdes? „

A resposta a todas estas questões ha de ser escripta pela mão do

Noviço, e apoiada de seu juramento. Se ella he conforme ao voto do Superior, o *Irmão Insinuante* termina sua missão, servindo de introductor ao seu Candidato.

Recepção do Noviço Illuminado.

No dia marcado, proximo ás trévas da noite, o Noviço he conduzido a huma Camara quasi escura. Lá o esperão dois homens, que são os dois primeiros Illuminados, que se lhe dá a conhecer. Hum meio escondido por huma Lanterna coberta de hum véo preto, em huma attitude imperiosa e severa, he o Superior, ou o delegado iniciante; o outro serve de Secretaria da iniciação. Huma espada núa está sobre a meza; e ninguem he admittido senão o Noviço e seu Introductor. Huma primeira questão lhe he feita, para se saber, se persevera na intenção de ser admittido entre os Irmãos. Sobre sua resposta affirmativa, o mandão para outra Cammara toda escura para meditar sobre

a nova resolução. Chamado de novo, o Introductor affiança a escolha de seu Candidato, e pede para elle a protecção da Ordem. „ Vosso desejo he justo, diz o Superior ao „ Noviço ; em nome da Ordem „ Serenissima de quem tenho os „ meus poderes, e em nome de todos os seus membros, eu vos „ prometto protecção, justiça, e „ soccorro. Eu vos protesto de novo, que entre nós não achareis „ cousa alguma contraria á Religião, aos Costumes, e ao Estado. „ -- Aqui o Iniciante põe a espada sobre o peito do Noviço, e continua : „ mas se tu chegas a „ ser perjuro e traidor, sabe que „ todos os nossos Irmãos se armarão contra ti. Não julgues escapar ou achar hum lugar seguro. „ Em qualquer parte que estejas, „ a vergonha, os remorsos de teu „ coração, a raiva de nossos Irmãos „ incognitos te perseguirão, e te

„ atormentarão no mais occulto de
„ tuas entranhas. „ Posta a espada
sobre a meza, prosegue: „ porém
„ se presistis no designio de ser
„ admittido em a nossa Ordem,
„ prestai o juramento que vos pre-
„ sento. „

Em quanto á formula do jura-
mento, o Noviço renova todas as
obrigações que já tinha feito, res-
pondendo ás questões de sua inicia-
ção. Desde então he elevado ao
Gráo de *Minerval*; e depois de
aprender os signaes com os Irmãos
deste Gráo, he obrigado a respon-
der por escripto ás questões seguin-
tes:

„ A que fim desejarieis vós,
que se propozesse nossa Ordem? „
„ Que meios, primarios ou se-
cundarios, julgais mais proprios pa-
ra conduzir a este fim? „
„ Que desejarieis achar entre
nós? „

„ Que homens esperaveis achar, ou não achar entre nós? „

O Candidato, que sabe responder a estas questões, segundo o espirito da Seita, he feito *Minerval*; e se lhe dá tambem os tres primeiros Gráos dos Pedreiros Livres. Algumas vezes deixa-se ignorar a differença que ha entre huma e outra Seita. Se o Noviço já he Pedreiro Livre, e quer frequentar suas Lojas, chamadas pelos Illuminados suas Academias *Minervaes*, elle será logo elevado ao Gráo de Illumiñado *Menor* e *Maior*. Sem entrar em todas as circumstancias do Código Illuminado, bastará lêr as declarações, que fizerão quatro iniciados a quem a Seita quiz seduzir, mas a quem sua consciencia impoz o dever de revelar o abysmo em que estavão proximos a cahirem. Os quatro iniciados são M. M. *Utschneider*, Conselheiro Aulico; *Grunberger* Academico, *Consaudei* e

Renner, Professores de Humanidades. Em hum tempo, em que a Seita se fazia suspeita, todos estes homens, conhecidos em Munich pela renúncia que tinhão feito de seus mysterios, forão chamados diante do Magistrado para declararem, debaixo de juramento, tudo que tinha visto nas Lojas dos Illuminados, que fosse contrario aos costumes e á Religião.

Deposição Juridica do Professor Benner sobre os Illuminados.

Depois de expôr as ordens que recebeo de comparecer, e o objecto sobre que devia dar testemunho, M. Benner entra na materia e diz:

„ A Ordem dos Illuminados „ deve se distinguir dos Pedreiros „ Livres; mas esta differença não „ he conhecido nem do simples Pe„ dreiro Livre, nem mesmo dos „ novos iniciados em o Gráo *Mi-*

„ *nerval.* Eu mesmo depois de ter
„ cahido nestes enredos, depois de
„ grandes provas, não só fui eleva-
„ do ao Gráo de *Illuminado Me-*
„ *nor*; mas tambem fui estabeleci-
„ do Superior de certo numero de
„ Irmãos.

Elle depoz, que quando entrou na Seita, julgou fazer-se Pedreiro Livre; porém que se enganára; e que muitos dos Irmãos criminárão o procedimento dos que o não fizerão passar pelos Gráos intermediarios: Renner continúa: „ A vanta-
„ gem que ahi achei, foi conhecer
„ o partido que a Ordem tiráva
„ dos Maçons. Os Illuminados te-
„ mendo serem conhecidos debaixo
„ do nome de sua Seita, cobrem-
„ se do véo da Maçonaria, pois se
„ julgão mais seguros á sombra de
„ huma Sociedade considerada in-
„ significante e redicula. --- Segun-
„ do a expressão dos Illuminados,
„ as Lojas dos Pedreiros Livres,

„ he composta de seus Soldados, „ ou o grosso do Exercito, entre „ os quaes ha poucos homens, que „ se possão chamar felices, se de- „ pois das maiores provas não fo- „ rem dignos de serem secretamen- „ te admittidos ao Sanctuario da „ Ordem. Todos os outros Pedrei- „ ros Livres se devem contentar, „ (mesmo até ao Gráo de Mestre) „ de suas vans ceremonias, e sujei- „ tarem-se ao jugo; e isto ou por- „ que seus olhos ainda fracos não „ podem supportar as luzes, ou „ porque a Ordem não affiança del- „ les o amor e o segredo, duas „ cousas essenciaes aos adeptos. Hu- „ ma vez condemnados a esta obs- „ curidade, não ha para elles espe- „ rança de chegar aos mysterios, a „ que os Superiores se exprimem „ nestes termos: „ *Ex inferno nul- „ la est redemptio.* (Senhores Reda- „ctores, que tal he o *passatempo* dos Pedreiros Livres, que annuncia no

seu V. Cap. da Refutação Analytica ao Livro intitulado os Sébastianistas? E se, como dizem vocemecês, *nada tem contra a Religião e o Estado*; e tudo que fazém he bom e honesto; de que servem tantos terrores, tantos sustos, e tantos segredos? Os Mações detestão o Illuminismo, e elles são as guardas avançadas deste execrando Systema.)

„ Os Pedreiros Livres se conduzem ao Illuminismo, que tira „ grandes vantagens de suas riquezas. He para estes homens, dizem os Superiores, huma boa recompensa, quando são admittidos „ a conversar com os adeptos da „ luz, e de aprenderem delles, para que se mostrem Illuminados „ aos olhos dos Profanos. „

„ Os Illuminados, que se mostrárão debaixo do véo de huma „ Sociedade litteraria, fizerão a seguinte Constituição. Sua Ordem „ divide-se em Classes, chamadas

„ *Gráos* , porque a luz se gradúa
„ segundo estas Classes. --- O pri-
„ meiro Gráo he huma especie de
„ noviciado. Ainda que toda a pes-
„ soa chamada *insinuada* , e designa-
„ da por alguns membros como
„ dignas de serem admittidas , de-
„ vão já estar preparadas até certo
„ ponto pelo seu Alistador; he hu-
„ ma Lei da Ordem , que todo o
„ *Insinuado* deve dar hum anno de
„ prova , a fim que o Insinuante
„ possa exactamente observar , e es-
„ crever em o *quibus licet* , o re-
„ tracto do caracter , dos talentos e
„ da conducta do Candidato. O
„ que se acha digno , he admittido
„ á Classe das preparações. --- Em
„ meu tempo havião dois lugares ,
„ que chamavão Igrejas. Cada hu-
„ ma era governada por quatro ho-
„ mens , a que davão o nome de
„ *Magistratura.* Hum dos Magis-
„ trados era o Superior , outro Cen-
„ sor , o terceiro *Thesoureiro* , o

„ quarto *Secretario*. Todos estes
„ devem ser adeptos de maior
„ Gráo. Todos os mezes eramos
„ obrigados a comparecermos nes-
„ tas respectivas Igrejas, para dar-
„ mos aos Superiores huma Carta
„ fechada, tendo por sobescripto
„ *quibus licet*, ou *soli*, ou *primo*,
„ na qual contêm todos os discur-
„ sos que ouvimos ou daquelles que
„ estudámos.

„ Nenhum membro he exempto
„ destes *qnibus licet*, que vão pas-
„ sando de Gráo em Gráo, sem
„ se abrirem, até chegar ao que
„ tem direito de os lêr. Além dis-
„ to, estas assembleas mensaes se
„ occupão em algumas ceremonias,
„ em lêr os Estatutos, algumas pa-
„ ginas dos Filosofos antigos, e
„ hum discurso alternativo, compos-
„ to sobre differentes objectos. Co-
„ mo em geral os Irmãos aborre-
„ cem a Religião, todo o que se
„ mostra mais livre sobre este pon-

„ to, hé mais applaudido, e adqui-
„ re maior reputação de Sábio.

„ Para evitar a suspeita, e che-
„ gar ao fim com segurança, ha
„ assembleas semanaes, livres de
„ todo o Ceremonial, e pieguices.
„ He nestas assembleas que os Can-
„ didatos, ou novos adeptos dispu-
„ tão sobre toda a sorte de objecto;
„ e he então, que os Superiores, e
„ os que estão embebidos no espiri-
„ to da Ordem, escarnecem os *per-*
„ *juizos religiosos*; porque entre
„ elles, tudo que he contrario ao
„ seu fim, chama-se *perjuizo*. Os
„ adeptos, seduzidos por esta arte,
„ dizem estarem purificados de to-
„ da a escoria dos perjuizos Reli-
„ giosos, e que he hum perfeito
„ Illuminado; porém se ha algum
„ que não abraça estes principios de
„ irreligião e libertinagem, consi-
„ dera-se perdido para a Ordem.

„ O que he mais admiravel en-
„ tre os Illuminados, he sem contra-

„ dicção o methodo, que seguem
„ para ligarem seus membros, e go-
„ vernarem seus espiritos. Elles
„ exaltão a grandeza, o poder da
„ Ordem, e fallão de sua dignida-
„ de com o mais profundo respei-
„ to. Elles fallão de grandes pro-
„ messas, da protecção de persona-
„ gens, a recommendação da Or-
„ dem para com seus membros.
„ Hum adepto, assim atordido, tem
„ a desgraça de confessar nos seus
„ *quibus licet* alguma falta que
„ tenha commettido, sendo obriga-
„ do a revelar o segredo, ou outras
„ desta ordem; por consequencia
„ acha-se perdido por aquelles em
„ quem punha sua felicidade; pois
„ lhe fazem ver as ameaças dictato-
„ riaes: *aquelle que nos trahio,*
„ *nenhum Principe o poderá sal-*
„ *var.* (*Keinfurst kann denschut-*
zen der uns verath.)

„ Seu gosto na escolha dos Can-
„ didatos he eminente. Elles só

„ querem pessoas, que podem ser
„ uteis para a Ordem. Homens de
„ Estado, Pessoas ricas, Secretarios
„ dos Archivos, Conselheiros, Pro-
„ fessores, Abbades, Governadores,
„ Medicos, Boticarios, são para
„ elles os de maior preferencia.

„ O Gráo de *Illuminado Maior*
„ he, se me permittem a expressão,
„ huma escóla, onde o adepto he
„ formado, como hum verdadeiro
„ cão de caça. Todo o adepto, que
„ chega a este Gráo, recebe huma
„ instrucção fundada sobre a mais
„ exacta experiencia, para o pôr
„ em estado de escrutinar os senti-
„ mentos, as inclinações, e os se-
„ gredos dos outros homens. For-
„ necido desta instrucção, elle de-
„ verá pintar desde os pés até á ca-
„ beça, e da maneira mais minu-
„ ciosa, aquelles, que a Ordem lhe
„ tiver dado a commissão de obser-
„ var; para responder ás seguintes
„ perguntas: „ Esse homem he

„ franco em suas acções , ou dissi-
„ mulado ? Toma algum interesse
„ da sorte dos outros , ou he indif-
„ ferente ? He laborioso ? Deixa-se
„ conduzir por amor , ameaças , di-
„ nheiro , mulheres , amizades , etc. ?
„ Em suas afflicções grita , ou he si-
„ lencioso ? Sua dôr he permanente ,
„ ou passageira ? Tem paixões for-
„ tes ? ... He avarento , ou pródi-
„ go , e em que tempo ? Ama a Ca-
„ ça , e que especie de Caça ? Gos-
„ ta das historias dos mortos , do
„ assassinato ?

„ He necessario mais , que nes-
„ te retrato expresse a idade , o no-
„ me , a dóse do entendimento , o
„ talhe , os caracteres da cara , os
„ cabellos , a voz , o andar , o tem-
„ peramento , e o estado habitual
„ de sua saude.

„ Tudo isto he sem dúvida
„ muito bom para o objecto da
„ Seita ; mas o que duvído , he que
„ tambem o possa ser para a Reli-

„ gião, para o Estado, e para os „ costumes. Porém os Illuminados „ dizem, que não lhe importa o „ Como, *nihil interest quomodo*; „ o objecto sanctifica o meio.

„ Esta maneira de illustrar o „ adepto vai crescendo segundo os „ Gráos. --- Hum Irmão póde co- „ nhecer os da sua Classe, e de „ Ordem inferior; mas em quanto „ não for nomeado o Director, Vi- „ sitador, ou Espião, todos os ou- „ tros adeptos são para elle *Invisi- „ veis*. Isto he o que faz a maior „ força da Ordem. He por este „ meio que os Chefes observão os „ inferiores sem serem percebidos; „ e sabem a que ponto elle está li- „ gado á Ordem, ou fiel ao segre- „ do.

„ *Ha homens, que defendem es- „ ta Ordem (do Illuminismo) com „ muito entusiasmo, sem dize- „ rem que são Illuminados.* Esta „ conduta merece huma pequena re-

„ flexão. --- Ou estes defensores são
„ da Ordem, ou não. Se não são,
„ como podem defender huma coi-
„ sa que não sabem, nem podem
„ saber? Se o são, não merecem al-
„ gum crédito, ainda que mostrem,
„ como provas, alguns escritos sobre
„ o plano da Ordem. Logo que se
„ conheça a impossibilidade que ha
„ de conhecer o Illuminismo, sem ser
„ membro, dizer-se-ha destes defen-
„ sores, que são da Ordem, e dessa
„ especie de adeptos, a quem os Il-
„ luminados chamão *Invisiveis.*

Depois de ter dado o plano geral dos Illuminados, tanto quanto delles podia ter conhecimento, elle depôz dos principios, que inculcão aos adeptos, e que fazem huma especie de proverbios. *Todos os Reis, e todos os Sacerdotes são huns traidores, huns ladrões...*

Quanto ao *Suicidio*, *os Superiores o prégão altamente aos Irmãos, para os preparar para os dias da*

revolução. „ Elles dizem ser o meio
„ mais facil em certas circumstan-
„ cias, e que mesmo se sente hum
„ grande prazer.

„ Porém de todos os seus abo-
„ minaveis principios, o mais peri-
„ goso me parece sem dúvida este:
„ *o objecto sanctifica os meios.* Con-
„ forme esta moral, que praticão
„ fielmente, basta para calumniar
„ hum homem, suspeitarem que em
„ algum dia poria obstaculo aos
„ projectos da Ordem. As intrigas,
„ o veneno, o assassinato será tudo
„ em uso para se conduzirem ao
„ ultimo fim. Supponde que o cri-
„ me de hum Illuminado he desco-
„ berto; resta-lhe sempre por meio
„ o *patet exitus.* Isto he, *huma*
„ *bala na cabeça, e escapará á*
„ *justiça.*

„ Depois disto, Mr. Renner
„ passa, ao que os Illuminados cha-
„ mão *regimen moral, a Commis-*
„ *são dos costumes, ou o fiscala-*

„ *to.* Esta Commissão seria hum
„ Collegio, composto dos homens
„ mais habeis, mais capazes, e ho-
„ nestos, que em sua linguagem
„ quer dizer, da Classe dos *Invisi-*
„ *veis*; os quaes apoderando-se de
„ toda a confiança dos Soberanos,
„ conforme sua commissão, lhe fa-
„ rião conhecer os costumes, e a
„ honestidade de cada sujeito; mas
„ como sem probidade não se po-
„ dem preencher os differentes em-
„ pregos do Estado, elles dever-se-
„ hão mascarar. --- Projecto mise-
„ ravel! Mas felizmente foi desco-
„ berto a tempo; senão ter-se-hia
„ verificado o que hum Superior
„ tinha profetizado: *Todos os luga-*
„ *res desta commissão, bem desem-*
„ *penhados, bastará á Ordem seis-*
„ *centos membros, para ninguem*
„ *lhe resistir.*

Mr. Rennet acaba por declarar, que não sabia o fim ulterior da Ordem; em que seus Chefes sempre

fallão sem dizerem em que consiste: elle o crê importante ; mas depois de sua proposta, todos podem vir no conhecimento, que as consequencias hão de ser tão abominaveis, e execrandas, como são os principios.

Deposição Juridica de Mr. Cosandey. A 3 de Abril 1785.

Mr. Cosandey depois de ter mostrado em poucas palavras como os Illuminados se servem do véo dos Pedreiros Livres, e como os Candidatos são prezos e garrotados por ordem dos Superiores; e o quanto he perigosa huma servidão, que sujeita os adeptos a homens, que tem por maximas parecerem ociosos no meio da maior actividade ; elle passa com o desgraçado *Minerval* aos Gráos de *Illuminado Menor e Maior.* „ He então, diz elle, que „ o adepto começa a ser mais ini„ ciado nos systemas da Ordem.

„ Elle recebe a luz com toda a pre-
„ caução possivel ; aprende a conhe-
„ cer hum numero maior dos mem-
„ bros e de Superiores ; mas os
„ Chefes sempre lhe são *invisiveis*.

„ Para ser promovido aos maio-
„ res Gráos , he necessario , segundo
„ a linguagem da Seita , que depo-
„ nha todos os prejuizos religiosos ,
„ ao menos que o affectem diante
„ de seus Superiores ; porque *ne-*
„ *nhum religionario* (he sua ex-
„ pressão) será admittido ao mais
„ alto *Gráo*.

„ Os Excellentissimos Superio-
„ res são os que dão o tom a todos
„ estes Gráos. Suas opiniões , suas
„ maximas , suas ordens , sua dou-
„ trina , sua alma , o modélo , o
„ espirito , e em fim , a Constituição.
„ Os Chefes e os Superiores , debai-
„ xo de suas ordens , são ou malva-
„ dos systematicos , ou enthusiastas
„ de boa fé , conduzidos , e vergo-
„ nhosamente enganados pelos *Invi-*

„ *siveis*. Eis-aqui os principios, „ que ainda que os não dão por es- „ crito, os inculcão a todo o mo- „ mento aos inferiores.

I. „ *Quando a natureza nos* „ *impõe hum dever pezado, he pelo* „ *Suicidio que delle nos devemos li-* „ *vrar: patet exitus.* — Hum Il- „ luminado, nos dizião elles, antes „ se deve matar, que trahir sua „ Ordem; e he desta sorte que „ exaltão o Suicidio.

II. „ *Nada pela razão, tudo* „ *pela paixão*: he seu segundo prin- „ cipio.

„ O fim, a propagação, a van- „ tagem da Ordem, he seu Deos, „ sua Patria, sua consciencia; e o „ que he opposto á Ordem, he ne- „ gra traição.

III. „ *O fim sanctifica o meio.* „ Desta sorte a calumnia, o vene- „ no, o assassinato, traição, rebel- „ lião, infamia, tudo o que con- „ duz ao fim he louvavel.

IV. „ *Nenhum Principe póde*
„ *livrar o que nos trahio.*

„ Passão-se pois nesta Ordem,
„ coisas contrarias aos interesses dos
„ Principes. — Coisas, que, vista
„ sua importancia he necessario de-
„ nunciadas, — e esta descoberta seria
„ aos olhos dos Illuminados huma
„ traição, que ameação vingar. —
„ Elles procurão todos os meios
„ de se desfazerem de seus accusa-
„ dores impunemente.

V. „ *Todos os Reis, e todos os*
„ *Sacerdotes são ladrões, ou todos*
„ *os Sacerdotes são miseraveis.*

„ No plano dos Illuminados
„ he necessario destruir a Religião,
„ o amor da Patria, e dos Princi-
„ pes; porque, dizem elles, a Re-
„ ligião, e o amor da Patria, ou
„ dos Principes restringem as affei-
„ ções do homem aos Estados par-
„ ticulares, e o desvião do objecto
„ mais vasto dos Illuminados.

„ Entre seus projectos ha hum,

„ a que chamão o Imperio, ou o
„ governo moral. Deste governo,
„ que punha em suas mãos as for-
„ ças de cada Estado, he que de-
„ penderia todas as graças, todas
„ as promoções, ou suas recusas.
„ Desde então, elles terião o direi-
„ to absoluto de julgarem da pro-
„ bidade e utilidade de cada indi-
„ viduo; todos os profanos serião
„ apartados da Côrte e seus em-
„ pregos, e conforme sua linguа-
„ gem, huma santa Legião de seus
„ adeptos cercarião o Principe, e
„ dictarião á sua vontade suas Leis.
„ Este governo ou Collegio moral,
„ que tambem chamão Commis-
„ são moral, e *Fiscalato*, faria a
„ Seita despotica sobre as quatro
„ partes do mundo, e farião dos
„ Soberanos objectos despreziveis,
„ e impotentes fantasmas, ou es-
„ cravos coroados.

Taes são os segredos, que a Seita crê poder confiar aos adeptos in-

feriores; que ainda se conservão na Classe preparatoria. Nós poderiamos repetir e confirmar o depoimento de Cosandey, pelo processo de *Utschneider*, etc; mas como os deponentes não tinhão chegado aos segredos ulteriores, he necessario tornarmos ao Codigo da Seita; começando pelo Gráo intermedio, que os Illuminados chamão huma vez *Cavalleiro Escossez*, outra, *Illuminado dirigente*. He aqui onde se conhece que os Pedreiros Livres servem de preparação ao *Illuminismo*.

Cavalleiro Escossez Illuminado.

O Gráo de *Cavalleiro Escossez*, huma vez he estacionario, outra intermediario. He estacionario para os adeptos, que a Seita exaspéra de os fazer dignos de seus ultimos mysterios; e intermediario para os que tem melhor disposição. Qualquer que deva ser seu destino, nenhum Irmão chegará a este novo Gráo, sem ter dado grandes provas dos progressos feitos na arte de escrutinador, segun-

do a Lei do Codigo, e de sua admissão no Gráo de *Illuminado Maior*. O Capitulo secreto dos Cavalleiros he de fazer ao adepto diversas questões, para saber a que ponto sabe *julgar do Estado da alma pelos signaes externos*. Deverá, por exemplo, responder que caracter tem o homem de vista inconstante; como se poderá conhecer o voluptuoso, o melancolico, e o pusillanime.

Outra prova de seus progressos, deve ser a vida do heróe de quem se deo o nome caracteristico á sua entrada na Ordem, e de cujo devia escrever a vida em seu Gráo anterior. Nesta historia deverá dizer a seus Superiores tudo que tem feito, o que admira em seu heróe, e sobre tudo imitado aquelle, que a Ordem lhe deo por Patrono, o qual sempre he hum revolucionario, ou algum dos ímpios.

O adepto tambem deve dar por

escrito hum juramento em como conhece os Superiores dos Illuminados, como *Superiores secretos incognitos*, *mas legitimos* dos Pedreiros Livres; e que se obrigue a trabalhar debaixo da direcção e ordens destes mesmos Superiores em o *sentido*, *e seguindo o fim da Ordem*, para felicidade do genero humano. Depois deste juramento, os Cavalleiros Escossezes convidão o novo Irmão para o *Capitulo secreto*, nome que dão á Loja deste Gráo. Esta Loja está armada de verde, ricamente allumiada e guarnecida. Sobre hum throno coberto de damasco da mesma côr, está assentado o Prefeito dos Cavalleiros de botas e esporas; huma cruz verde brilha em seu avental, e a estrella da Ordem sobre o peito; o Cordão de Santo André em farpa a tiracolo da direita para a esquerda, e com o martello na mão. A' sua direita está hum Irmão com a espada da Or-

dem ; e á sua esquerda o Mestre de Ceremonias com bastão e o ritual.

Os Cavalleiros de botas e esporas, espada ao lado, a cruz suspendida por hum cordão verde, os Officiaes da Ordem se distinguem por hum penacho, e hum Sacerdote de alva branca ; e finalmente toda esta récua de malvados fazem a composição da Loja. Depois de hum profundo respeito, o Prefeito dirige ao Recipiendario estas palavras : „ Tu „ vês aqui huma parte dessas Le„ giões incognitas, unidas por vin„ culos indissoluveis para combate„ rem em favor da humanidade. „ Queres tu fazer-te digno de vigiar „ com ellas pelo Sanctuario ? Teu „ coração deve ser puro, e teu es„ pirito se deve abrazar de hum fo„ go divino pela dignidade da na„ tureza. Este passo que fazes, he „ o mais importante de tua vida ; „ pois não julgues que entre nós

„ haja sómente ceremonias vans.
„ Creando-te Cavalleiro, esperamos
„ de ti conspirações nobres, gran-
„ des, e dignas deste titulo. Eu te
„ saudo, se vens para ser fiel, e
„ se respondes á nossa esperança.
„ Porém se tu chegas a ser hum
„ falso Irmão sê maldito, e des-
„ graçado; e que o grande arqui-
„ recto do Universo te precipite nos
„ abysmos. --- Agora ajoelha; e
„ faze sobre esta espada o juramen-
„ to da Ordem. „

A estas palavras o Prefeito assenta-se, os Cavalleiros ficão em pé com as espadas nuas nas mãos, e o Recipiendario pronuncía o juramento seguinte:

„ Eu prometto obediencia aos
„ Excellentissimos Superiores da
„ Ordem. Tanto quanto de mim
„ depender, eu me obrigo a não
„ favorecer a entrada de algum in-
„ digno aos Gráos santos; de tra-
„ balhar para que triunfe a antiga

„ Maçonaria , de todos os falsos
„ systemas , que se introduzírão no
„ mundo , (*por antiga Maçonaria*
„ *entendem a impiedade , e por fal-*
„ *sos Systemas a Religião*) de as-
„ sistir como verdadeiro Cavalleiro
„ á innocencia , á pobreza , e *de*
„ *nunca ser lisongeiro dos Gran-*
„ *des , ou escravo dos Principes* ;
„ de combater pela *virtude e a sa-*
„ *bedoria* , de resistir pela vantagem
„ da Ordem e do mundo , á *super-*
„ *stição* , e ao *despotismo*. Eu nun-
„ ca preferirei meu interesse pes-
„ soal ao bem geral. Procurarei
„ descobrir a verdadeira Religião ,
„ a doutrina dos Pedreiros Livres ;
„ e darei parte aos meus Superio-
„ res destas descobertas. Em todo
„ o tempo que existir na Ordem ,
„ confessarei que a minha unica e
„ suprema felicidade he o ser seu
„ membro. E finalmente me obrigo
„ a ter por santos meus deveres
„ domesticos , sociaes e civis ; e

„ desta sorte Deos seja em meu soc-
„ corro. „

Em recompensa deste juramento, o Prefeito declara ao Recipiendario, que está elevado Cavalleiro de Santo André, segundo o antigo uso Escossez. *Levanta-te*, lhe diz elle depois, *e foge de ajoelhar diante daquelle, que he homem como tu.*

A estas ceremonias, o Adepto Knigge ajuntou outras puramente irrisorias dos ritos religiosos. A pezar de serem tão ímpias, Weishaupt as achou ainda supersticiosas; mas onde se conhece o gosto do fundador Bavarez he nas instrucções dadas ao novo Cavalleiro, e sobre tudo nesse discurso, em que se vê o Orador Illuminado, entre todos os systemas Maçonicos, escolher o mais ímpio, artificioso e desorganizador. He aqui que o iniciado aprende a não conhecer o nosso Redemptor Jesu Christo, senão como hum filosofo; outras vezes se lhes diz

que a verdadeira doutrina he a dos antigos Guosticos, e dos Manicheos, e que os grandes inimigos de que se deve triunfar são os *Principes*, *e os Sacerdotes*. Mas estas lições ainda são dadas aos Adeptos debaixo de enigmas. Se elle não he daquelles, que a Seita condemna a *estacionario* nesta classe intermedia, póde ser admittido ao *Capitulo Secreto* dos Irmãos Cavalleiros. O Cavalleiro Escossez, diz suas instrucções, *deve procurar todos os meios de augmentar a caixa da Ordem, e de a pôr em posse das rendas de seu districto, ou de sua Provincia.* --- *Todos devem trabalhar em consolidar este edificio até que os fundos sejão sufficientes.* Adquirirão sobre as Lojas dos Pedreiros Livres hum perfeito Imperio; e para isto farão o maior estudo. --- Suas Leis sobre este objecto merecem particular attenção: eis-aqui as principaes.

„ Em toda a Cidade, ainda
„ que pouco consideravel, os Capi-
„ tulos secretos estabelecerão Lojas
„ de Pedreiros Livres de Gráos or-
„ dinarios, nas quaes receberão ho-
„ mens de bons costumes, de con-
„ sideração pública, e ricos. Estes
„ homens devem ser procurados pa-
„ ra Maçons, *ainda mesmo que*
„ *não sejão uteis ao Illuminismo,*
„ *para os nossos projectos ulterio-*
„ *res.*

„ Se nestas Cidades já houve-
„ rem estabelecidas Lojas ordinarias
„ de Pedreiros Livres, os Cavallei-
„ ros Escossezes procurarão estabe-
„ lecer huma mais regular; ou ao
„ menos nada pouparão para obte-
„ rem a preponderancia, sobre as
„ quaes se achão estabelecidas, *e*
„ *isto ou para as reformar, ou*
„ *para as destruir.*

„ Os Illuminados não frequen-
„ tarão, sem licença dos Superio-
„ res, algumas dessas pertendidas

„ Lojas constituidas, pois que á ex-
„ cepção de suas *Cartas-Patentes*
„ se entretem de symbolos e cere-
„ monias, que não entendem. --- To-
„ dos esses Maçons se achão em
„ huma profunda ignorancia sobre
„ a verdadeira Maçonaria, seu obje-
„ cto, e seus verdadeiros Superio-
„ res; e nós temos razões fortes
„ para que os Illuminados não visi-
„ tem taes Lojas.

„ Nossos Cavalleiros Escossezes
„ terão cuidado, que tudo se faça
„ regularmente nas Lojas sobordina-
„ das. *Sua principal attenção se-*
„ *rá a preparação dos Candidatos.*

„ O deputado, mestre das Lo-
„ jas, ordinariamente revisor das
„ contas, deve ser tambem membro
„ de nosso Capitulo secreto. *Elle*
„ *fará crer ás Lojas, que ellas só*
„ *devem dispôr de seu dinheiro; e*
„ *deve empregallo, seguindo o fim*
„ *da nossa Ordem. --- Deve-se che-*
„ *gar ao fim por todos os meios.*

„ *Logo que hum sabio Maçon*
„ *se alistar em nossa Ordem, en-*
„ *tre immediatamente debaixo da*
„ *direcção de nossos Cavalleiros*
„ *Escossezes.*

Ainda que hum Cavalheiro Illuminado se mostre mui fiel ás Leis, não terá conhecimento de nossa conspiração, sem ser elevado aos pequenos mysterios sem ser *Epopte*, ou *Sacerdote.* Antes de ser admittido a este Gráo, he necessario que o Aspirante tenha em sua memoria todas as lições anti-religiosas, anti-sociaes, e responderem ás questões seguintes:

I. O estado actual dos Póvos corresponde ao objecto para que o homem foi posto no mundo? — As Sociedades Civis, as Religiões dos Póvos preenchem o fim para que os homens as tem adoptadas?

II. Que Leis, que Sciencia vos parecem mais proprias para este fim?

Não existio em outro tempo huma ordem de cousas mais simples?

III. A pezar de todas estas fórmas vans e inuteis de nossas constituições civis, será possivel chegar *a esta primeira e nobre simplicidade de nossos Pais?*

IV. Que he necessario para chegarmos a este feliz periodo?

V. A Religião Christã em sua pureza, não ministra alguns indicios?

VI. Esta Religião simples e santa, he hoje a que professão as differentes Seitas, ou he a melhor?

VII. Pode-se conhecer e ensinar este melhor Christianismo? — Não seria melhor ensinar aos homens o filosofismo, e depois *a arte de se governar cada hum a si mesmo á sua vontade?*

VIII. Não julgais necessario remediar em silencio as desordens da Sociedade? Não julgais que para se chegar a esta idade de oiro se-

jão necessarias as Sociedades Secretas?

O Candidato, que sabe réspondér conforme o espirito da Seita, he elevado ao Gráo de seus Sacerdotes ou *Epoptes*. No dia assignalado o introductor vai buscar o Proselyto, entrão em huma sege, fechão as cortinas, tapão-lhe os olhos, e o cocheiro instruido faz o gyro por differentes ruas até chegar ao lugar. Conduzido pela mão, sempre com os olhos tapados, he prohibido entrar até que huma voz o chame. Seu guia lhe tira o lenço dos olhos quando a voz lhe diz: „ Vem, entra, desgraçado fugitivo! „ O Proselyto obedece á voz que o chama. No fundo do templo, elle vê hum throno coberto de rico damasco, adiante do throno huma meza, onde está huma Coroa, Sceptro, espada, moedas de oiro: aos pés desta meza está huma alva branca, e ornamentos simplices do costu-

me Sacerdotal. „ Vê o esplendor „ desse throno, lhe diz o Hierophante; se essas puerilidades, essas Corôas, esses Sceptros, e todos esses monumentos da degradação do homem te encanta; se „ te queres elevar para opprimires „ teus Irmãos, foge, nós te abandonaremos á tua loucura, e nosso Santuario te será fechado para „ sempre. --- Queres tu, ao contrario, aprender a sabedoria: a arte de fazer os homens melhores, „ livres e felices? Ah! sejas para „ nós bem vindo. Aqui vês brilhar „ os attributos do reinado, acolá, „ tu descobres o modesto vestido „ da innocencia; escolhe, decide-„ te. -- Se o Candidato escolhe a Corôa, será suspendido por este grito: monstro, retira-te, deixa de „ manchar este lugar santo. Se escolhe a alva: saude á alma grande e nobre! Tal he o que de ti „ esperavamos; mas suspende-te,

„ ainda te não he permittido ves-
„ tir-te dessa alva, he necessario que
„ saibas para que te destinamos. „

O Candidato se assenta, o Codigo dos mysterios se abre; os Irmãos em hum profundo respeito escutão o Oraculo do Hierophante. He neste discurso, que compoz Weishaupt, que se manifesta todo o fim dos mysterios, isto he, o voto de não deixar sobre a terra, nem Thronos, nem Altares; de destruir até aos fundamentos toda a Sociedade Civil, e toda a propriedade. (Julgue o Leitor, segundo o que vamos extrahir das lições de Weishaupt, quanto he ridicula, abominavel, impia e sacrilega esta Seita, e quanto o Cidadão deve vigiar sobre essas nocturnas Sociedades, que fazem timbre de se familiarizarem com os crimes.)

Discurso do Hierophante para o Grão de Sacerdote, ou d'Epopte Illuminado.

„ A's provas de huma assidua „ preparação segue-se o momento „ de tua recompensa. Este he o ins- „ tante que te conheces, e que „ aprendes a conhecer os outros: „ eis o que devias ser, e como vos „ queriamos vêr: agora te perten- „ ce conduzir aos outros. O que „ já sabes, e o que vais saber, te „ mostrarão sua fraqueza: he nes- „ ta Ordem, onde se acha a verda- „ deira origem do homem sobre o „ homem. As tréves se dissipão; „ o Sol se levanta; huma parte de „ nossos segredos te vão ser revela- „ dos; fechai aos profanos as portas „ do Templo: eu quero fallar aos „ Illustres, aos Santos, aos Esco- „ lhidos. „

Depois deste exordio, o Epopte se dirige ao iniciado. „ Eis-te aqui,

„ na classe daquelles, que tem huma
„ interessante parte no Governo da
„ Ordem sublime ; mas sabes tu o
„ que he governar ; e qual he o
„ direito de huma Sociedade secre-
„ ta ? Exercer hum Imperio sobre
„ homens de todo o Estado, Nação,
„ ou Religião ; dominar sem cons-
„ trangimento exterior ; inspirar a
„ todos o mesmo espirito ; gover-
„ nar com exactidão, actividade,
„ e o maior silencio, homens espa-
„ lhados em toda a superficie do
„ globo ; he hum problema, que to-
„ da a sabedoria dos politicos ain-
„ da não resolvêrão.... Se os ho-
„ mens fossem o que devião, logo
„ que se formárão em Sociedade,
„ lhe poderiamos então manifestar
„ a grandeza de nosso plano ; mas
„ a ignorancia e a grossaria de mui-
„ tos, os condemna ás grandes pro-
„ vas que lhe fazemos, para terem
„ amor ao grande objecto que nos
„ domina, e para se não perder a

„ esperança de hum dia destruir „ a Religião, o Imperio, e a Pro- „ priedade. „

„ Para participar destes trabalhos he que hoje és chamado. O' Irmão! Deos, e a natureza, dispondo cada cousa segundo os tempos, tem seu admiravel fim; *e elle se serve destas Sociedades Secretas como de unico meio para chegarmos a elle.* „

Para fazer que o Iniciado entre em o espirito destas Sociedades, o Hierophante detalha as differentes épocas do genero humano. A primeira idade do mundo, a da natureza *selvagem e grosseira*, como diz o mesmo Weishaupt, he o tempo mais feliz. *Neste periodo, o homem gozava dos dois bens mais estimaveis, a igualdade e a liberdade.* A' medida que as familias se multiplicárão, a vida *chamada* errante *cessa*, e a propriedade nasceo; os homens escolhêrão *huma habita-*

ção fixa ; e a liberdade, a igualdade desappareceo, quando tiverão necessidade de hum governo, que defendesse suas familias e seus Campos. „ --- *O poder do homem cessa com minha fraqueza : a do Pai acaba quando o filho adquire forças , e todo o homem, podendo governar-se , não deve reconhecer outro Superior.*

O Fundador Illuminado tinha estudado o poder, e a illusão das palavras , para avançar os principios mais erroneos, e fazer que os filhos olhassem seus proprios Pais como indifferentes , renunciando os direitos bebidos no seio da natureza. A quem devem os homens a felicidade senão ás Leis Religiosas e Civis? Só debaixo da tutéla das Leis e dos Governos he que poderão achar a tranquillidade, a abundancia, a paz; e evitarem cahir nos horrores da anarchia. --- Os Sofistas, que chamão virtude ao crime, assoalhão em seus

discursos, a corrupção, a maldade, de que se compõe seus mysterios.

„ Os homens passárão do estado de liberdade para o estado de servidão. O Paraizo Terrestre foi por elles perdido. Sujeitos ao peccado e ao jugo, vírão-se reduzidos a comer o pão com o suor de seu rosto. Então se fizerão Nações, Chefes, Reis. --- *A origem das Nações e dos Póvos, o mundo deixou de ser huma grande familia, e hum só Imperio.*

A asserção de tantos erros enche de assombro ao Leitor : como deixão os homens de formarem huma grande familia, se elles se reunírão para viverem debaixo dos mesmos Chefes, e das mesmas Leis ! Porém ouçamos as blasfemias, que sahem da boca de Weishaupt contra a Sociedade Civil, e contra o amor da Patria, ou de suas Leis. „ *O amor nacional* tomou o lugar do amor geral. *Esta virtude foi cha-*

mada Patriotismo.... Diminui, cortai este amor da Patria, aprendão os homens a conhecerem-se, e amarem-se como homens.

O Iniciado, seduzido por estas palavras de amor universal, se entrega a huma estúpida admiração: elle não conhece que seu mestre detesta o amor nacional e patriotico, porque aborrece as Leis das Nações, e da sua Patria; e affectando substituir o amor universal ao das familias, elle pertende fazer indifferente o genero humano. Elle se chama Cidadão do Universo, para deixar de o ser em sua Patria, amigo em suas Sociedades, pai e filho em sua familia. Diz que ama a todos, para a todos aborrecer.

„ O Hierophante, dizendo que „ os direitos da natureza são gran- „ des e incontestaveis, continúa, que „ do seio de tantos desastres nas- „ cem meios de sua salvação. *Es- „ tes meios são as escólas secretas*

„ *da filosofia*: *estas escólas tem si-*
„ *do em todos os tempos os arqui-*
„ *vos da natureza* , *e os direitos*
„ *do homem. Por estas escólas he*
„ *que hum dia se ha de reparar a*
„ *cahida do genero humano. Os*
„ *Principes e as Nações desappa-*
„ *recerão da terra.* Chegará o dia
„ em que cada homem será o Sacer-
„ dote , e o Soberano absoluto da
„ familia. *A razão será o livro da*
„ *Lei* ; *e este he hum de nossos*
„ *grandes mysterios.*

„ Porque seria impossivel ao
„ genero humano chegar á perfeição
„ de se governar a si mesmo? *Não*
„ *julgueis ser impossivel chegar á*
„ *independencia geral.* — Se não
„ poderdes dar a luz a todos os
„ homens , fazei-vos ao menos *in-*
„ *dependentes* , *ligai as mãos aos*
„ *profanos* , *subjugai-os* , *e des-*
„ *trui-os em seu germen.*

O Hierophante para dar mais pezo ás suas lições, (*he o systema*

de todos os ímpios, *confundir o sagrado com o profano*) leva seu adepto á escóla de Jesus Christo, e lhe faz ver no Deos do Evangelho o Grão-Mestre de toda a anarquia (oh.! blasfemia inaudita!) „ *Ninguem*, diz aquelle desavergonhado, *ninguem tem prégado a liberdade por caminhos mais seguros*, *que o nosso Grão-Mestre Jesus de Nazareth* : elle tinha huma doutrina occulta. „ — O Hierophante cita estas palavras de Jesus Christo: „ — *Só vós conheceis os mysterios do Reino dos Ceos*: „ *os outros em parabolas. Isto que vos tenho dito em segredo publicareis sobre os tectos*, etc. „ Destes preceitos, e de todos os conselhos do Evangelho, elle faz preceitos de huma igualdade inimiga de toda a superioridade; mas se o Hierophante se lembrasse dos preceitos de Jesus Christo em seu sentido, e tantas vezes repetidos pelos

Apostolos, saberia que elle manda dar a Cezar o que he de Cezar, de pagar o tributo, e de reconhecer a authoridade de Deos em a Lei, e nos Magistrados. Porém Weishaupt queria com explicações ímpias concluir, que Jesus Christo tinha dado aos homens sua *igualdade*, *e sua liberdade original.* (Qual será o Leitor que nestas duas palavras deixe de conhecer a origem dos males, que soffre a Europa? Não são ellas as que esses inimigos do genero humano assoalhavão no principio de sua exacranda revolução? Não foi a *igualdade e a liberdade*, segundo o sentido dos Pedreiros Livres, e dos Illuminados, que destruírão o Throno e o Altar da França, e lançárão os ferros da escravidão aos Póvos, que se cegárão por duas palavras? Oh Patria! toda a vigilancia he pouca sobre estes homens, que possuidos do desejo de governar,

pertendem subir sobre a ruina do Altar e do Throno.)

Para instrucção dos Adeptos, o Hierophante mostra a origem dos Maçons, e diz, que a *pedra bruta* dos *Pedreiros Livres* he o symbolo do *primeiro estado* do homem, *selvagem*; *mas livre. A pedra quebrada he o estado da natureza degradada pelos homens reunidos em sociedades civis, e divididos seguindo sua Patria, seus Governos, e suas Religiões. A pedra polida representa o homem em sua primeira dignidade, ou sua independencia.*

Nesta mesma explicação todos os Pedreiros Livres perdêrão a verdadeira doutrina; e o espirito dos verdadeiros mysterios, só se acha no Illuminismo. O Hierophante diz entre outras cousas: que a Sociedade *dos Illuminados he a unica capaz de minar os Estados; e quando mesmo não chegasse aos ultimos*

fins, sempre tirava á Igreja, e ao Estado os homens mais Sábios e laboriosos. Os esforços dos Reis, continua elle, *serão inuteis para impedir os progressos desta Ordem, que se occulta debaixo do segredo.*

He aos Principes e aos Magistrados que pertence julgar e meditar estas lições do Hierophante. Ellas dizem mais do que eu podia presagiar. (Os factos de nossos dias são resultados dos principios, que o Epopte prega aos adeptos; se, como dizem, os Pedreiros Livres são as sementes do Illuminismo, o germem de tanta corrupção deve ser extincto dentre huma Nação, rigorosa observadora da Religião de Jesus Christo; e que em todos os tempos tem sellado com o sangue o amor para com seus legitimos Soberanos.)

Terminado o discurso do Hierophante, o iniciado, antes de receber a unção sacrilega, he conduzido ao vestibulo. Revestido de huma

tunica branca, cingido de huma faxa encarnada, elle entra de novo na Sala dos mysterios: hum dos Irmãos lhe pergunta, se tinha entendido bem, se estava prompto a manter os principios desenvolvidos; e se fazia o sacrificio de sua vontade aos Superiores. Poupamos ao Leitor o desgosto de ver a ímpia ceremonia. O rito do gráo precedente era huma irrisoria imitação da Cêa Eucharistica; e o outro, da unção Sacerdotal. --- Hum véo se levanta: vê-se hum altar com Crucifixo, e huma Biblia: sobre hum pulpito o ritual da Ordem: ao lado hum turibulo, e huma redoma cheia de oleo. O Deão, fazendo as funcções de Bispo, está cercado de acolytos. Diz huma oração sobre o iniciado, abençôa-o, corta lhe alguns cabellos, veste-o dos paramentos Sacerdotaes, pronunciando orações no sentido da Ordem. A fórmula do barrete da Seita he: *Cobre-te deste barrete, que*

he de maior valor que as Corôas dos Reis. Esta he a mesma que usão os Jacobinos na recepção de seus barretes rôxos. Por communhão, o Deão lhe dá *leite e mel*, dizendo: „ Eis-aqui o que a natureza dá „ ao homem. Pensa quanto ainda „ seria feliz, se o gosto do super- „ fluo não tivesse multiplicado suas „ necessidades, envenenando o bal- „ samo da vida. „ A ceremonia acaba, entregando ao novo Epopte o Codigo da Seita.

Grão de Regente ou Principe Illuminado

Logo que hum destes Epoptes se distingue neste Grão, segundo a politica da Seita, isto he, logo que elle junta á prudencia a *liberdade de pensar e obrar*, entregando-se ao Illuminismo, deve-se considerar como hum desses homens *livres independentes* de todo o Principe, *descontente principalmente da Constituição commum*, ou do estado actual do genero humano, suspirando com ardor pela revolução, que

destrua todos os Altares, e todos os Thronos. He só por estes desejos que elle se poderá gloriar ante a Seita de hum bom Regente, ou *Principe Illuminado.* — Além destas disposições tem de responder ao seguinte:

„ I. Criminarieis huma Socie-
„ dade, que trabalhasse por destruir
„ os Monarchas? — Seria impossi-
„ vel a esta Sociedade estabelecer
„ hum Estado no Estado; *Status*
„ *in Statu*; „ isto quer dizer, se
seria impossivel que os Chefes dos Estados, não fossem instrumentos ou ministros desta Sociedade, no governo de seus Estados.

„ II. Os differentes abusos dos
„ Governos actuaes não são huma
„ sufficiente justificação para a So-
„ ciedade, que se occupasse de hum
„ tão importante objecto? Como se
„ poderia temer os mesmos abusos
„ da parte de huma Ordem, funda-

„ da, como a nossa, sobre a Sabe-
„ doria, a liberdade, e a virtude?
„ III. Quando este Governo uni-
„ versal fosse huma chimera, não
„ merece este objecto huma prepa-
„ ração de nossa parte?
„ IV. Suppondo que ainda po-
„ dia haver abusos, qual será o
„ meio de os prevenir?
„ V. Suppondo que nossos Su-
„ periores fossem despoticos, seria
„ este despotismo perigoso em ho-
„ mens, que só prégão a instruc-
„ ção, liberdade e igualdade, es-
„ tas tão grandes virtudes da Or-
„ dem? „

Para conhecermos a que tendem todas estas questões, não esqueçamos que toda a moral, e todas as virtudes para os Illuminados, *he a arte de ensinar aos homens a rebellião, sacudir o jugo dos Governos, e ser cada homem senhor de todas as suas acções impunemente.* Estas lições huma vez bem

concebidas, he facil ver que todas as questões se reduzem a impedir os Reis e os Magistrados, pôrem em uso sua authoridade, e a cativar invisivelmente todos os Conselhos, e agentes da authoridade pública, fazendo os homens sem subordinação.

O adepto, que tiver satisfeito a estas questões, póde contar com sua elevação ao nosso Gráo. Para que a Ordem tenha maior confiança no adepto, he preciso que elle faça seu testamento) no qual exprima suas ultimas vontades sobre os papeis, que se poderião achar, se a morte o surprendesse.

Esta precaução tomada, e o dia da iniciação chegado, a primeira estação do adepto he em huma Anti-Camara tapessada de negro, que tem por todo ornamento hum esqueleto. Aos pés deste esqueleto, se vê huma côroa e huma espada. — He então que se pergunta ao adepto pelo seu testamento; e com as mãos

carregadas de cadêas começa com seu introductor o dialogo seguinte.

„ *P.* Quem trouxe aqui esse „ escravo, e que quer elle?

„ *R.* Elle veio por sua vonta- „ de; e pede que o livrem dos fer- „ ros.

„ *P.* Quem o reduzio a essa „ escravidão?

„ *R.* *A Sociedade, o Gover- „ no, as Sciencias, e a falsa Reli- „ gião.*

„ *P.* Quererá elle sacudir o „ jugo para ser hum sedicioso; e „ hum rebelde á Ordem?

„ *R.* Não, quer unir-se a nós „ contra a Constituição dos Gover- „ nos, e a profanação da Religião; „ e procura a Ordem para chegar „ a este fim. „

„ *P.* Tem elle vencido os pre- „ juizos; e preferirá aos interesses „ das Sociedades a felicidade ge- „ ral do Universo?

„ *R.* Elle o tem promettido.

„ *P.* Perguntai-lhe de que ho-
„ mem he o esqueleto que tem
„ diante de si ; será de hum Rei ,
„ de hum Nobre , ou de hum Men-
„ dicante?

„ *R.* Elle não sabe : a nature-
„ za o fez desconhecido , e apagou
„ os caracteres , que annunciavão a
„ depravação da desigualdade ; e
„ tudo que vê no esqueleto , he que
„ foi homem como nós , e tal he
„ a qualidade que estima.

O Inic. „ Se elle pensa dessa
„ sorte , que seja para sempre livre. „

Depois deste Dialogo , que to-
dos conhecem o fim , o Introductor
vem ao recipiente , e lhe diz : „ Ir-
„ mão , os conhecimentos que ten-
„ des adquirido , não vos deixão
„ ignorar a grandeza , a importan-
„ cia , e a legitimidade de nosso fim :
„ ao presente vos he indifferente
„ conhecer , ou não conhecer nossos
„ Superiores. Com tudo , eu tenho

„ ainda a dizer-vos cousas que vos „ illustre. „

Elle principia a pertendida historia dos Pedreiros Livres, remontando ao diluvio, a que a Seita chama quéda do homem, e a perdição de sua dignidade, e da verdadeira doutrina. --- Repete o que disse o Hierophante para o Gráo de Epopte sobre a pertendida escóla de Jesus Christo, sobre a decadencia dos Pedreiros Livres, e seu restabelecimento reservado ao Illuminismo. O iniciado he advertido que trabalharia inutilmente em conhecer o fundador desta nova Ordem. Seus nomes serão sempre ignorados : todos os documentos que nos podião dar luzes sobre nossa origem, se queimárão.

Acabada esta instrucção, e diversas ceremonias, o Candidato ainda carregado de cadeias, he conduzido através de differentes Salas, aos pés

do Throno do Provincial iniciante, que lhe diz estas palavras.

„ Desgraçado, tu és escravo, e „ tu ousas entrar na Assembléa dos „ livres! Sabes tu o que te espera, „ se profanas este Sanctuario? „

O introductor responde: „ He o „ que não fará, e eu o affiança. „ Vós lhe tendes ensinado a desejar a liberdade: cumpri vossa promessa. „

O Iniciante ensina ao adepto os signaes, e a palavra de seu novo Gráo. Esta palavra he *redempção.* O adepto se veste dos ornamentos do Gráo de Principe Illuminado, quaes são, o escudo, as botas, o manto, e o chapéo. Porém cada huma destas palavras merece sua reflexão.

O Iniciante dando o escudo ao Principe Illuminado: „ arma-te de „ fidelidade, de verdade, de con- „ fiança, e *sê bom Christão*: as „ traições, a calúmnia, e a desgra-

„ça te não chegarão. „ Ou o Adepto seri ouvindo estas palavras: *sê bom Christão*; ou sua estupidez he a maior que se póde imaginar; porque na Seita o ser bom, e verdadeiro Christão, consiste em os homens viverem na mais absoluta independencia.

Dando as botas. „ Sêde agil pá„ra os bens, e não temas caminho „ algum para propagares a felici„dade; „ isto he, *qualquer meio.*

Dando o Manto. „ Sê Principe „ sobre teu Povo, dá-lhe os benefi„cios e a Sciencia. „ Entende-se para o futuro.

Dando-lhe o Chapéo. „ Livra-te „ de trocares *este chapéo da liber„dade* por huma corôa. „ Weishaupt não deixou nada a inventar aos Jacobinos. O Irmão Illuminado, coberto deste chapéo, he *declarado Principe* da Seita; porém ainda tem dois Gráos superiores para conhecer os grandes mysterios. He es-

te o lugar, em que o historiador séguiria inutilmente os filhos de Weishaupt em suas ultimas cavernas: as precauções que tem tomado para esconder ao Público os profundos mysterios, nos reduz á necessidade de confessar, que todas as nossas indagações sobre o texto desta parte do Codigo Illuminado, tem sido infructuosas. Esta confissão porém não deve desanimar os Leitores; porque senão temos o mesmo texto de seus mysterios para mostrar todo o objecto, e toda a sua extensão, temos a correspondencia de Weishaupt, e a confissão de seus Adeptos, que nos dão grandes luzes desses ímpios e sacrilegos principios, a que chamão mysterios: idéa sufficiente, que mostra ao mundo a horrorosa Seita.

Ultimos mysterios do Illuminismo. Gráos do Mago, e do Homem Rei.

Tudo que lemos na recepção do Epopte, he hum *jogo de crianças* ante seus ultimos mysterios. O nome de Deos deve desapparecer nestes ultimos segredos; e o que a impie-

dade chama Razão , deve tomar o lugar da Religião. Em huma palavra , nenhum Irmão he admittido, em quanto conservar os menores vestigios de idéas religiosas. He tambem neste Gráo que o Adepto deve aprender , que o homem Rei *não tem Leis* senão *as da natureza*, que vive e reina , *só Sacerdote* , *Pontifice* , *e Rei de sua familia.* (*V. Escript. orig. Cart. de Spartacus á Catão.*)

Ainda que não tivessemos as Cartas de Weishaupt , e de seus Adeptos, ou outras provas, bastaria estudar as lições, que a Seita dá aos seus Epoptes, para sabermos até onde chegarião as que reserva para os Gráos de *Mago* e do Homem Rei. Já ouvimos as blasfemias do Hierophante contra as Sociedades Civis, contra o amor da Patria , e contra toda a propriedade. Que restará a saber ? Os ultimos Gráos da Seita ! Ouçamos o testemunho dos Adeptos.

O que vamos produzir não he suspeito : he a confissão de hum homem, que soube arrancar á Seita o ultimo segredo , e tem mostrado a authenticidade apoiada sobre a certidão dos mesmos Chefes, marcada com o Sello da Ordem.

„ Para os Gráos de *Mago* e de „ *homem Rei* , não ha recepção, „ isto he, não ha ceremonia de ini- „ ciação. Communica-se por huma „ simples leitura.

„ O primeiro que he de Ma- „ go, tambem se chama o Filoso- „ fo , e contêm os principios fun- „ damentaes de *Spinosa.* Tudo he „ materia : Deos e o mundo he hu- „ ma e a mesma cousa : todas as „ religiões são *inconsistentes* , chi- „ mericas, e a invenção de homens „ ambiciosos. „

„ O segundo Gráo dos grandes „ mysterios chamado *Homem Rei*, „ nos diz o mesmo Adepto, ensina „ que cada aldeião , cada homem,

„ cada pai de familia he Soberano, „ como erão os homens no tempo „ dos Patriarcas ; e que para che- „ garmos a esses tempos, he neces- „ sario destruir toda a authoridade, „ toda a Magistratura. --- Eu tam- „ bem li estes dois Gráos, eu, que „ passei por todos da Ordem. „

Tal he a declaração dada por hum Adepto, a quem os Illuminados nunca podérão convencer de falsidade, quando publicou os Gráos de Epopte e de Regente. Este Adepto he conhecido em Allemanha, pelo nome de Bierdermann, isto he, homem honesto ; e nós temos em seu favor a attestação de hum homem pouco suspeito, que he Mr. Grollmann, Presidente da Regencia, e do Consistorio do Landgrave d'Hesse Darmstadt em Giessen. Além deste testemunho temos a de outro Irmão Illuminado, conhecido nos Escriptos Originaes da Seita, debaixo do nome de Ptolomeo-Lági,

e seu verdadeiro nome, o *Barão de Riedesel*, Juiz da Camara Imperial de Wetzlar. Todos concordão na declaração que fazem, e que temos exposto, dos ultimos mysterios, do Adepto Mago, e do Adepto Rei. As cartas de seu Fundador, e os segredos revelados aos Epoptes, tudo nos diz, que o objecto infernal destes dois ultimos Gráos se reduz aos votos. Nenhuns Altares, nenhuns Thronos, e nenhuns Magistrados, nenhuma authoridade, nenhumas Sociedades Religiosas ou Civis, devem existir no mundo. --- Para os ricos, e para os pobres nenhuma propriedade. --- Para todos, *igualdade* e *liberdade*, e a mais absoluta independencia. Taes são os votos conspiradores e revolucionarios dos Illuminados, que se achão no Codigo de Weishaupt, e em suas cartas aos Adeptos.

Pelo que se tem lido até aqui, he facil vêr como tudo se liga no

Governo da Seita.

systema da Seita , e na graduação dos mysterios ; e que a pezar da differença e desigualdade de seus Gráos , fazem huma Academia de conjurados , preparando a ruina dos Altares , e dos Reis em sua Patria. Nesta Academia , o *Candidato* e o *Noviço* são governados pelo *Irmão Alistador* ou *Insinuante* , que os introduz nas Lojas *Minervaes*: estas Lojas *Minervaes* são regidas pelos Irmãos *Illuminados Menores* , e estes pelos *Maiores*. Sobre estes Gráos preparatorios ha o Gráo intermedio e Maçonico dos Cavalleiros Escossezes , a que o Codigo chama o *edificio inferior da Ordem*. Sobre estes Cavalleiros Escossezes ha o *Epopte* , *os Regentes ou Principes dos pequenos mysterios* ; *e em fim* , *os Magos* , *o Homem Rei dos grandes mysterios*.

Estas Classes reunidas fórmão huma Academia completa de Con-

jurados. Em qualquer parte que exista, a Patria será ameaçada de huma ruina proxima. Weishaupt, exigindo huma cega obediencia dos Adeptos, formando huma cadeia de correspondencia desde o Candidato até ao Areopago, desenvolve a grande politica da Ordem na instrucção que dá ao *Epopte* e ao Regente.

Segundo as Leis de Weishaupt, o Gráo de *Epopte* he destinado a adquirir a opinião pública por meio das Sciencias, isto he, prégar todos os erros anti-religiosos e anti-sociaes, e perverter o Universo inteiro, debaixo do véo das Sciencias. Elle fez de seus Adeptos chegados a este gráo, huma tenebrosa Academia. Segundo estas Leis, os Sacerdotes Illuminados são presididos por hum Deão, que escolhem dentre si. O numero dos Epoptes em cada Provincia são nove, exceptuando o Deão e o Perfeito do Capitulo. Suas Assembleas são chamadas

Synodos. Destes nove Epoptes, sete presidem á Physica, á Medecina, ás Mathematicas, á Historia Natural, á Politica, ás Artes, e ás Sciencias occultas.

As funções assim divididas, os nossos Epoptes renunciarão todo e qualquer emprego, seja politico, seja domestico, e só terão cuidado de se aperfeiçoarem na parte das Sciencias que lhes he confiada.

Para que as Nações não possão ter outros mestres que os Illuminados, Weishaupt lhe descreve as seguintes regras. --- Vós formareis, diz elle, novos planos, a fim de que vos senhorieis em vossas Provincias da *educação pública*, *do Governo Ecclesiastico*, *das Cadeiras de ensino*, *e da prégação*. -- Qualquer que seja o genero de literatura dominante, vos conformareis com ella, tendo cuidado de *pôr em moda os principios de nossa Ordem*, a fim de que os novos *Escriptores tam-*

bem nos sirvão, mesmo sem o quererem. --- A nada poupareis, para que os *Escriptos de nossos Adeptos sejão exaltados em público. Vós fareis embocar o clarim em seu favor, e fazendo que os Jornalistas não fação suspeitos nossos Escriptores.* --- Quanto aos Sábios e aos Escriptores, que não pertencendo ao Illuminismo, tem com tudo principios semelhantes aos nossos, o Deão os deverá pôr na lista, e procurar attrahillos. --- Se tiver principios oppostos á Seita, o dever do Epopte será desacreditado na opinião pública.

Taes são as principaes leis, que devem seguir todos os Irmãos deste Gráo, para estabelecerem os principios da Seita. Como da Classe dos Epoptes he que a Ordem escolhe os Adeptos para Regentes, Weishaupt divide as instrucções, que lhes reserva em quatro partes. A primeira tem por titulo: *Systema geral*

do governo da Ordem: A segunda. *Instrucção para o Gráo de Regente.* A terceira: *Instrucção dos Prefeitos ou Superiores locaes.* A quarta: *Instrucção do Provincial.*

Neste systema geral do Governo Illuminado, os Adeptos Regentes occupão as primeiras dignidades, isto he, as de *Provincial*, de *Superior Nacional*, e de seus assistentes. Todos estes Superiores são mantidos á custa da Ordem.

„ Cada Provincia manejará seus „ dinheiros. *Se para alguma gran-* „ *de empreza* a assembléa dos Re- „ gentes põe contribuição á caixa „ de muitas Lojas, esta contribui- „ ção deve ser reputada como em- „ prestimo. „

Todo o Regente Illuminado deve procurar estabelecer *huma certa igualdade* entre os homens. Não soffrerá porém que o estúpido seja sobre o sábio, o máo sobre o bom, e o fraco sobre o forte. Para inspi-

rar temor e respeito aos inferiores, insinuará *que todas as Sociedades secretas, que os mesmos Monarcas, são governados pelos Superiores do Illuminismo, os quaes são os authores de tudo quanto se passa de grande e notavel em o mundo.* --- Para aprender a conhecer o mundo, elle *viajará humas vezes como Negociante, outras como Official, e em fim como Abbade.*

Se houver mulheres de crédito, elle as lisongeará, e as fará servir ao grande fim do Illuminismo. O Regente tenha cuidado em ganhar o commum do Povo, *soffrendo com paciencia* seus prejuizos; e nada poupe para ter *influencia nas escólas.* --- Não deixe de estudar tudo que póde dar a Ordem poderosa; e de gravar seus principios nos corações da infancia.

Além destas leis geraes, Weishaupt consagra differentes Capitulos á instrucção dos Superiores locaes. „ Leis dos Prefeitos do districto.

Escolhei, diz o Codigo, escolhei hum Adepto emprehendedor para se senhorear das escólas. --- Examinai debaixo de que véo, ou que nome deveis dar á Ordem nos differentes districtos, e nas diversas circunstancias, em que vos podeis achar. --- Quando tiverdes adquirido forças sufficientes, e principalmente quando nossos Irmãos occuparem as primeiras dignidades, bem depressa tudo será nosso. ,, *He necessario ganhar os Seminarios Ecclesiasticos e seus Superiores. Seduzidos estes, todo o resto do Paiz será nosso. Quando o Perfeito tiver adquirido para a Ordem os Conselheiros dos Principes, e os Magistrados, elle tem feito hum maior serviço á Seita, que se tivesse ganhado o mesmo Principe. Em geral raras vezes os Principes serão admittidos aos Gráos maiores.*

A esta instrucção dos Perfeitos succedem as regras, que Weishaupt

dá aos seus Provinciaes. Estes são eleitos para Regentes das Provincias, e confirmados pelo Director Nacional. --- Todo o Provincial deve ser nascido na Provincia confiada a seus cuidados, ou ao menos ter della hum cabal conhecimento. --- Deve-se familiarizar, tanto com a Constituição da Ordem, como se fosse o Fundador. --- Estudará as regras dos *Regentes* e dos Superiores locaes, para não deixar alguns delles em ociosidade. --- A elle pertence nomear todos os Superiores das classes inferiores. --- Quando tiver de reprehender a Irmãos, que seria perigoso offender, servir-se-ha de hum estranho, e sua carta será assignada = *Bazile*, cujo nome só servirá para este objecto. *Quando se offender o menor dos Illuminados, a causa he de todos.*

Tres são os Gráos Superiores aos Provinciaes, quaes são: *Director Nacional*: hum conselho a que

a Seita chama *Areopago*; e em fim, o Superior do Areopago a que chamão Geral. Como a Seita não limita suas idéas a huma só Nação, todos os planos ou systemas revolucionarios escritos desde o primeiro Adepto até ao ultimo, são enviados ao Supremo Areopago, isto he, ao Geral e Chefe moderador universal da conspiração. *Em cada Nação*, diz o Codigo, *deve haver hum Director Nacional em sociedade e correspondencia immediata com os nossos pais, dos quaes o primeiro he o governo da Ordem.* Serão pois obrigados os Provinciaes a darem contas frequentes e exactas aos Directores Nacionaes, aos quaes pertencem eleger os Adeptos para os Gráos de Regente, e de Perfeito. A elles serão conduzidos todos os *quibus licet* dos Adeptos, para sobre elles informar aos Pares da Ordem.

Taes são as leis dos Inspectores

Nacionaes do Illuminismo. — Além disto, os segredos dos Irmãos espalhados nas Provincias, e nas differentes Côrtes; os successos, ou perigos da Ordem; os progressos da conspiração; o motivo que póde accelerar ou retardar a ruina do Altar e do Throno, do Estado e da Igreja, tudo lhe he participado por huma *correspondencia immediata*. Cercado pois de tantos espiões, quantos os Illuminados, qual será o Soberano, o Ministro de Estado, o pai de familia, hum só homem, que possa dizer: o meu segredo não chegará a esse Areopago? He tambem pelos Directores Nacionaes, e pelos Adeptos deste Gráo, que todas as ordens meditadas e combinadas no Areopago são annunciadas aos Adeptos de todas as Nações, de todas as Academias e Lojas Maçonicas ou Minervaes da Seita.

As leis e o regimen do Areopago se cobrem de impenetraveis

trévas. Com tudo, o famoso Adepto Knigge, em sua apologia falla nestes termos, dos Magistrados Supremos de seu Illuminismo.

„ Seus trabalhos, nos diz elle, „ em quanto á parte puramente es- „ peculativa devem ter por obje- „ cto o conhecimento, e a tradi- „ ção de todas as descobertas im- „ portantes, santas e sublimes, que „ ha a fazer *em os mysterios re- „ ligiosos*, e na alta filosofia. Doze „ Areopagistas devem compôr este „ tribunal, e hum delles deve ser „ o Chefe. Logo que hum de seus „ membros morrer, ou ausentar-se, „ seu Successor deve ser escolhido „ da classe dos Regentes. „

Esta idéa geral do Areopago, dada por *Philon*, ainda he misteriosa, porque nos quer fazer entender, que o objecto he de fazer servir as Sciencias, para extinguir as idéas religiosas; pois já vimos que os Adeptos *Magos* estão encarre-

gados de inventar huma nova *Religião, que Seita deve dar ao Universo.* Weishaupt, fallando de seu Areopago, diz: „ *Neste Conselho* „ *Supremo* se desenvolve completamente *as maximas, e a politica da Ordem.* Aqui se fórmão „ os projectos, e se examina o como poderemos chegar ao estado „ de á face descoberta atacar hum „ dia o genero humano. „ (*Escript. orig. Cart. á Catão* „ 10 *de Março* 1778.)

Tal he o grande objecto do Conselho Supremo da Seita. Elles se juntão de contínuo para o consummar; e meditão todos os meios para atacarem cára a cára os Partidistas da Religião, as Leis, e as propriedades; como tantos inimigos da razão e da humanidade. Não he hum estranho, he a mão do mesmo Legislador, que traçou estas linhas, e desenvolveo este grande objecto de seu Conselho Supremo. Como

Weishaupt exercia o maior despotismo sobre estes Senadores; e deste rigor se podia originar algum mal á Ordem, elle sempre lhe repetia o oraculo de Machiavel: „ „ He necessario tomar por maxima „ geral, que quasi nenhum Estado „ he bem governado, senão *por* „ *hum só homem*, o qual dá o plano, e estabelece as ordens necessarias. — Hum tal *homem deve* „ *ter toda a authoridade.* „ Como os Irmãos lhe arguissem seu espirito dominador, elle não temia dizer aos Areopagistas: *em politica e em moral, vós ainda estais mui longe de mim; e a lei da necessidade he quem me faz governar-vos.*

Este homem pois que não deixava nada imperfeito do que tendia ao fim de suas operações, compõe as leis, que devião governar seus successores. O Historiador Barruel confessa, que depois de muitas in-

dagações, apenas pôde adquirir de alguns monumentos da Seita, e das correspondencias de Weishaupt, as leis seguintes:

I. O Geral Illuminado será eleito pelos doze Pares do Areopago, á pluralidade dos votos. *Instrucções de Philon. p.* 119.)

II. Os Areopagistas não poderão eleger Geral, senão hum dos membros de seu Senado, isto he, hum homem distincto entre os Adeptos Regentes, para occupar o lugar vago dos doze primeiros Adeptos do Illuminismo. Se entre o Conselho fizer acções grandes, deverá ser julgado o primeiro Illuminado do mundo.

III. As qualidades necessarias em hum Geral Illuminado se suppõem aquellas de que já deo provas, antes de entrar no Senado Areopagita. Como deve presidir a tudo, será mais que todos penetrado dos principios de nosso Instrui-

dor, e livre de todas as idéas religiosas, e dos prejuizos nacionaes e patrioticos. Mais de que todos trabalhará no grande objecto de nossa Ordem, pois elle he constituido Superior Geral dos Illuminados para operar a revolução do *Homem Rei.* (*V. os mysterios.*)

IV. O Geral terá immediatamente debaixo de suas ordens os doze Pares de nosso Areopago, e diversos Agentes ou Secretarios para o ajudarem a supportar o pezo de seus trabalhos (*V. supra.*)

V. Para não ser reprehendido do duplo poder ecclesiastico e politico, affectará, assim como nosso Fundador, preencher alguma função pública a favor desses mesmos poderes, dos quaes a ruina deve ser seu unico objecto. (*V. supra e Cart. de Spartacus, escript. orig.*) Na Cidade onde residir, terá tres nomes: primeiro, aquelle, pelo qual he conhecido na geografia dos profanos:

segundo, pelo que he conhecido dos Irmãos da Ordem : terceiro, por aquelle cujo conhecimento só he reservado aos Areopagistas, e aos escolhidos chamados *Conscii.* (*Escript. orig. t.* 1. *secç.* 3.)

VI. Como nossos successos dependem da conducta moral de nossos Areopagistas, o Geral impedirá o escandalo, que póde enfraquecer a reputação da Ordem; e lhes fará vêr quanto os máos exemplos da Seita apartão homens, que nos poderião ser uteis. (*Tom.* 2. *Cart.* 9. *e* 10.)

VII. Para conservar toda a authoridade da virtude sobre seus inferiores, terá sempre o exterior de hum homem austéro em seus costumes. Não se esquecerá esta lei mais de huma vez inculcada nas cartas de nosso Fundador, como a grande regra, á qual devia suas vantagens : *multum sudavit et alsit, abstinuit venere et vino* : elle se

deverá abster das mulheres e do vinho, ficando em todos os tempos senhor de seu segredo, e o homem de todo o Conselho em as necessidades da Ordem. (*T.* 1. *Cart.* 16. *et.*)

VIII. O Geral será o centro de nosso Areopago, como o Areopago he o centro do Mundo Illuminado; isto he, que cada Areopagita, correspondendo-se com os Inspectores Nacionaes, dará conta ao Geral de todos os *quibus licet*, os quaes ulteriormente são depositados nas mãos do Chefe. (*V. supra.*)

IX. Os objectos essenciaes desta correspondencia serão: primeiro o numero dos Irmãos em geral, a fim de fazer forte a Ordem em todas as Nações: segundo, saber os Irmãos que mais se destinguem pelo seu zelo e intelligencia: terceiro, conhecer os Adeptos das Côrtes, da Igreja, dos Exercitos, da Magistratura, e o que delles póde esperar a

Ordem na grande revolução, que prepara ao genero humano: quarto, o progresso geral de nossas maximas, e de toda a nossa doutrina na opinião pública; e como se hade ligar as mãos aos que nos resistem. (*V. os diversos Gráos.*)

X. Se na correspondencia, conhecer-se algum Irmão que he necessario excluir, todos os direitos, que tinha reconhecido na Ordem, principalmente o *direito de vida e morte*, he só ao Geral que pertence pôr em uso: para isto deverá proclamarem todas as Lojas a infamia do Irmão traidor; e pronunciará contra elle a *pena de morte*. (*V. L.* 2., *Cart.* 8. *juramento dos Noviços.*

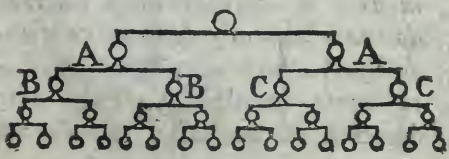
XI. Ao cuidado de castigar os imprudentes, os laxos, e os traidores, o Geral estudará os Adeptos mais proprios para executar o fim da Ordem em cada Imperio. Sem se fazer conhecer, estabelecerá hu-

ma cadêa de communicação entre elles, conforme a estampa de nosso Fundador, e como o grande meio de espalhar do sanctuario, onde reside, até ás extremidades do Universo suas Ordens. Do fundo de seu sanctuario, o Chefe de nossos Adeptos estudará os tempos, preparará os meios: o signal das revoluções será dado nesses dias, em que vir a força e a acção combinada de nossos Irmãos, ser tal que não se possa resistir.

O Geral Illuminado, que melhor tiver disposto esta correspondencia, chegará ao fim de destruir todos os Thronos, todos os Altares, todas as Constituições religiosas e politicas: e he então que elle creará o *Homem Rei*, *e só Rei*, *só Soberano* de suas acções, como de seus pensamentos. A elle está reservada a gloria de consummar a grande revolução, o ultimo objecto de nossos mysterios.

Weishaupt imaginou huma cadêa de communicações subterraneas, que dava a elle, e a seus successores essa facilidade, e esse poder universal, que põe em acção milhares de Legiões. Lancemos pois os olhos sobre a estampa de progressões, traçada pelo mesmo Fundador da Conspiração em suas cartas ao Adepto Catão Zwack, e as lições que dá ao Adepto Celso-Bader. A primeira he concebida nestes termos:

„ Não me mandeis outra pes-
„ soa que *Cortés*, a fim de me
„ occupar em minhas especulações,
„ *e de assignalar os lugares aos*
„ *Adeptos*; *pois tudo depende dis-*
„ *to. Eu vou a parar comvosco*
„ *sobre a estampa seguinte*:



„ Eu tenho junto a mim dois „ Adeptos, a quem sópro todo o meu „ espirito : cada hum destes dois „ Adeptos correspondem a outros „ dois, e assim progressivamente. „ Desta maneira, e do modo mais „ simples, eu posso *pôr em movi-* „ *mento*, *e inflammar milheiros de* „ *homens. Tal he a maneira que* „ *se deve pôr em uso para a exe-* „ *cução das ordens.* (*Cart. de Weis-haupt a Catão Zwack*, 16 *de Fe-vereiro de* 1782.)

Poucos dias depois desta lição, Weishaupt escreveo a Celso-Bander, e lhe diz : „ Enviei a Catão hum „ modélo, mostrando como se pó- „ de *methodicamente*, e sem muito „ trabalho, *dispôr em boa ordem* „ *huma grande multidão de ho-* „ *mens* : *o espirito do primeiro*, „ *do mais zeloso*, *do mais profun-* „ *do* dos Adeptos se communica dia- „ riamente aos dois A : cada hum „ destes passa aos BB, depois aos

„ CC, e desta sorte aos oito se-
„ guintes: destes oito aos 16, aos
„ 32, e assim o mais. *Toda a for-*
„ *sahe do centro, aonde de novo se*
„ *vem reunir. Basta estudar dois*
„ *homens a fundo, exercitallos bem*
„ *como as recrutas, para em pou-*
„ *co tempo fazer fogo com hum*
„ *grande regimento.* (*Escript. orig. t. 2. Cart. 13. a Celso.*) O Fundador Illuminado meditou tudo quanto podia inflammar Legiões para o terrivel exercicio; como elle mesmo diz: *Ligai as mãos aos profanos, subjugai-os e fazei fogo, e vandalizai o Universo.*

Quando esta lei se cumprir, o Velho da montanha, o ultimo Spartacus poderá sahir do seu tenebroso Sanctuario, e mostrar-se triunfante. O anathema pronunciado sobre as Nações e seu Deos, sobre a Sociedade e suas leis, terá reduzido a cinzas nossos Altares, Palacios, Cidades, e até nossas choupanas. O

ultimo Spartacus, contemplando estas ruinas, poderá dizer: Vinde e celebremos a memoria de Weishaupt nosso pai; pois já consummámos seus mysterios. Porém apenas o ultimo Spartacus tiver fallado, que os Demonios sahirão dos infernos para contemplar esta obra do Codigo Illuminado; e Setanaz poderá dizer: eis-aqui os homens taes como os queria. Eu os lancei fóra do Paraizo, Weishaupt os desterrou de suas Cidades, deixando-lhes as florestas. Eu lhes ensinei offender a Deos: Weishaupt a offendello e a destruillo. Eu lhe deixei seus ricos, seus pobres, sua desigualdade: Weishaupt tirou a todos o direito de nada possuirem; e para os fazer iguaes, os fez malvados. Eu lhe deixava os restos da virtude, de felicidade, mesmo de grandeza, debaixo das leis protectoras de suas Sociedades, e de sua Patria: Weishaupt amaldiçoou suas leis e sua

Patria; e só lhes deixou o estúpido orgulho, a ignorancia, e os costumes selvagens, errantes, e embrutecidos: Eu, fazendo-os criminosos, lhes deixei ainda a esperança de perdão: Weishaupt apagou de seus corações todos os remorsos.

Antes que o Inferno possa gozar deste triunfo, que lhe prepara o Codigo Illuminado, que funestos presagios não vêmos nós dos successos da Seita? Que parte não tem tido a Revolução da França, que arruinou tantos Estados, e ameaça outros? Como se originou esse flagello chamado nestes dias de revoluções e de horrôres, os Jacobinos? Quaes tem sido até ao presente os terriveis effeitos desse Codigo Illuminado, que ainda se faz temer, pelo numero de filhos desnaturalizados, que parecem insaciaveis de sangue humano? Eis o que nos resta dizer na parte historica da Seita. (Felices nós, se attentos aos peri-

gos que nos cércão, meditados pelas Sociedades Secretas, extinguirmos de huma vez a Sociedade de malvados, que em o Universo se cobre debaixo de differentes véos. Se a Religião, o Throno, a paz, a propriedade, os direitos mais sagrados são aniquilados, como se tem visto, por essas associações nocturnas, cada hum dos membros de taes Seitas he o Inimigo jurado do Ceo e da terra; e como tal, o horror, a execração de todo o homem honesto, virtuoso, e social.

Fim da terceira parte.